



THÉOPHILE GAUTIER

TÃO LONGE, TÃO PERTO

ROMANCE

EDITORA
EME



THÉOPHILE GAUTIER

TÃO LONGE, TÃO PERTO

ROMANCE

EDITORA
EME

© 2021 Editora EME

Os direitos autorais desta edição foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, entidades assistenciais de Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: março de 2021

Título original: Spirite

Capa: Marco Melo

Projeto eletrônico: Joyce Ferreira

Revisão: Rubens Toledo

ISBN 978-65-5543-053-0

Tão longe, tão perto | Pierre Jules Théophile Gautier

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Copyright © Editora EME Ltda-ME

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080

Capivari-SP | CEP: 13360-000 | (19) 3491-7000

www.editoraeme.com.br

Ampliando os sentidos da vida

THÉOPHILE GAUTIER

TÃO LONGE, TÃO PERTO

ROMANCE

EDITORA
EME

Sumário

[Apresentação](#)

[Notícias bibliográficas espíritas](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

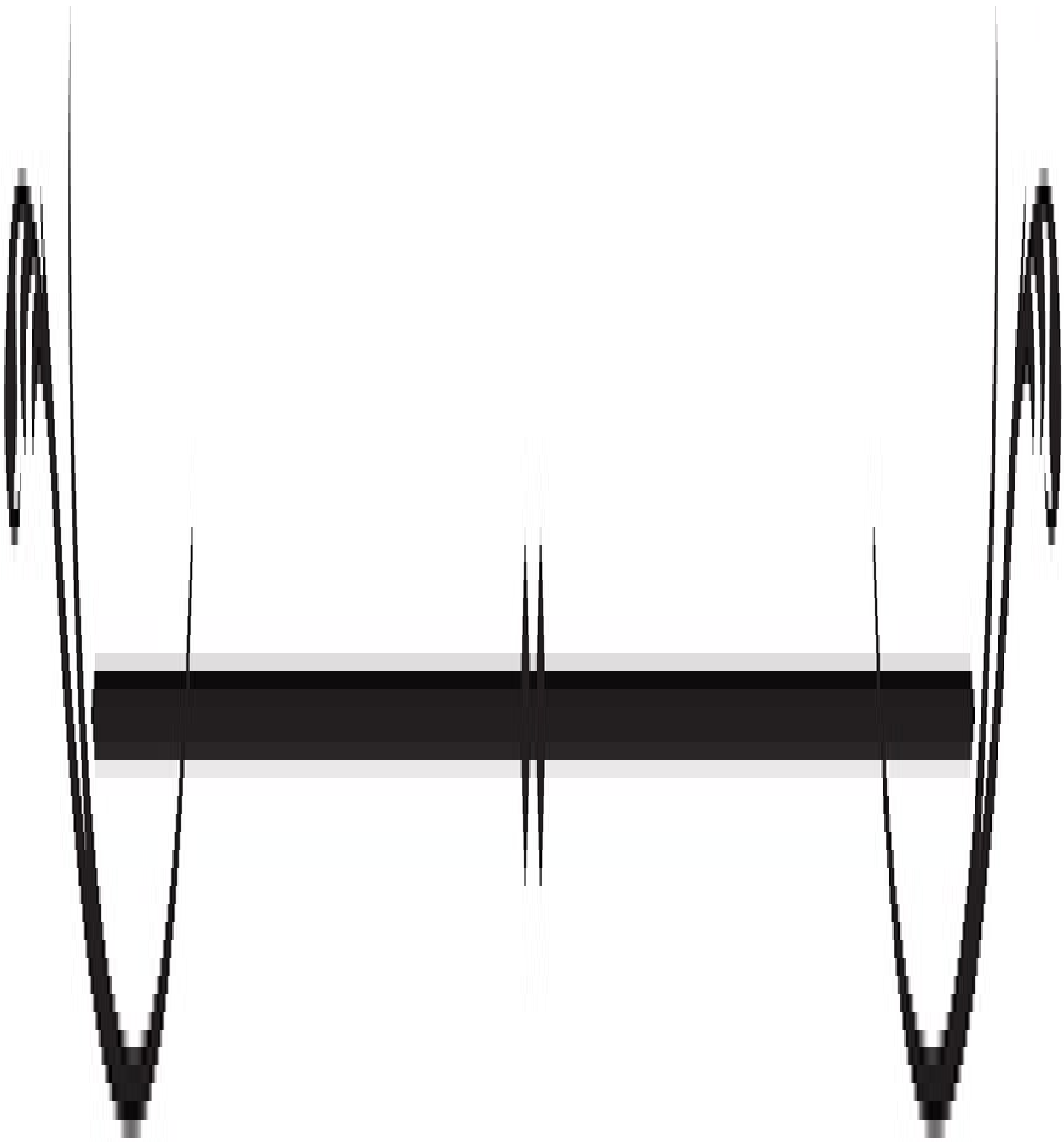
[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

Capítulo XVI

—

Apresentação



Tão longe, tão perto – Spirite

Este é o primeiro romance escrito utilizando ideias espíritas como fio condutor da trama, logo após o surgimento das obras de Allan Kardec, como veremos nos comentários extraídos da Revista Espírita de 1866 e 1867. Théophile Gautier retirou das obras de Kardec, até certo ponto, a estrutura deste romance singular. Nossa homenagem ao grande romancista francês.

Os romances espíritas

(Tão longe, tão perto – Spirite, por Théophile Gautier)

Allan Kardec, na Revista Espírita, dezembro de 1865:

Quem fala de romance está se referindo a um trabalho de imaginação. A própria essência do romance é a de representar um assunto fictício quanto a fatos e personagens. Mas mesmo nesse gênero de trabalho literário há regras que o bom-senso não permite descartar e que, somadas às qualidades do estilo, constituem o mérito da obra. Se os detalhes não forem verdadeiros em si mesmos, devem pelo menos ser verossímeis e estar em perfeito acordo com o ambiente em que a ação se desenrola.

Nos romances históricos, por exemplo, a estrita descrição local, com as cores devidas, é essencial, e há anacronismos que não seriam toleráveis. O leitor tem que poder se transportar pelo pensamento à época e aos lugares de que se fala, para que forme uma ideia correta. Esse era o grande talento de Walter Scott. Ao ler suas obras, a gente se vê em plena Idade Média. Se ele tivesse atribuído fatos

e gestos de Francisco I a Luís XI, ou mesmo se ele tivesse feito com que este último e sua corte falassem como no tempo da Renascença, o mais belo estilo não o poderia ter absolvido de tais equívocos.

O mesmo se pode dizer em relação aos romances de costumes, cujo mérito consiste na autenticidade dos quadros, pois seria o auge do ridículo atribuir a um súdito espanhol os hábitos e o caráter dos ingleses.

Numa primeira abordagem, o romance parece ser o mais fácil dos gêneros. Nós, todavia, o consideramos mais difícil do que o livro de História, embora menos sério. O historiador tem o quadro traçado pelos fatos, dos quais não se pode desviar uma linha. O romancista, por sua vez, deve tudo criar. E muitos acreditam que basta um pouco de imaginação e de estilo para criar um bom romance. Isso é um grave equívoco. Para criar um romance é preciso muita instrução. Para escrever seu *Notre-Dame de Paris*, Victor Hugo tinha que conhecer sua velha Paris arqueológica tão bem quanto sua Paris moderna.

Pode-se escrever um romance sobre o espiritismo, como sobre outros assuntos. Dizemos, mesmo, que assim que tenha sido conhecido e compreendido em sua essência, o espiritismo fornecerá fontes inesgotáveis de poesias encantadoras às Letras e às Artes. Contudo, certamente que não para aqueles que nele só veem as mesas girantes, as cordas dos irmãos Davenport ou as trapaças dos charlatães. Assim como para os romances históricos ou de costumes é indispensável conhecer a fundo a tela sobre a qual se quer bordar, a fim de não gerar contrassensos, o que seria prova de ignorância. O mesmo se dá com o músico que cria variações sobre um tema musical, que se deve sempre reconhecer pelos acréscimos da fantasia. Aquele, portanto, que não estuda o espiritismo a fundo, em seu espírito, em suas tendências, em suas máximas, assim como em suas formas materiais, estará tão inapto a escrever um romance espírita de algum valor, como Lesage estaria para escrever *Gil Blas*, se não tivesse o conhecimento da história e dos costumes da Espanha.

Será, então, necessário ser um espírita crente e fervoroso para fazê-lo? De maneira alguma! Basta ser verídico, e isso não é possível sem o conhecimento. Para escrever um romance árabe, não é necessário decerto ser muçulmano, mas é indispensável que se conheça suficientemente bem a religião muçulmana, seu caráter, seus dogmas e suas práticas, assim como os costumes que deles decorrem, para que não se faça com que islamitas ajam e falem como cavaleiros franceses. Há, contudo, quem acredite que basta, para dar o cunho da raça,

exclamar Alá a torto e a direito, assim como os nomes de Fátima e Zulema, por ser isso mais ou menos tudo que o escritor saiba sobre o islamismo. Em outras palavras, se não é preciso ser muçulmano, é necessário impregnar-se do espírito muçulmano; como para se escrever uma obra espírita, mesmo fantástica, é preciso que o escritor se impregne do espírito do espiritismo. É preciso, enfim, que ao ler um romance espírita os espíritas possam nele se reconhecer, do mesmo modo que os árabes deverão se reconhecer num romance árabe, a ponto de poder dizer: é isso! Mas, nem os espíritas, nem os árabes, não se haverão de reconhecer se estiverem travestidos, e nesse caso o autor terá feito apenas uma obra grotesca, como se um pintor pintasse damas francesas com roupas chinesas.

Essas reflexões nos foram sugeridas a respeito do romance-folhetim que o Sr. Théophile Gautier publica neste momento no grande Moniteur, sob o título de Spirite (Espírita em tradução livre e Tão longe, tão perto, como título comercial). Não temos a honra de conhecer o autor pessoalmente; não sabemos quais são suas convicções ou seus conhecimentos quanto ao espiritismo. Sua obra, que começa a ser escrita, não permite ainda que se veja qual será sua conclusão. Apenas nos limitamos a dizer que se ele encarasse o assunto da obra apenas sob um ponto de vista, o das manifestações, negligenciando o aspecto filosófico e moral da doutrina, não responderia à ideia geral e complexa que seu título abarca, se bem que o nome Spirite (Espírita) seja o de uma de suas personagens. Se os fatos que ele imagina para a necessidade de ação não se ajustam aos limites traçados pela experiência; se os apresenta ocorrendo em condições inadmissíveis, faltará verdade à sua obra e levaria a crer que espíritas acreditam nas maravilhas dos contos das Mil e uma noites. Se ele atribuir aos espíritas práticas e crenças que estes desaprovam, sua obra não será imparcial e, desse ponto de vista, não seria uma obra literária séria.

A doutrina espírita não é, em absoluto, secreta como a da Maçonaria; não tem mistérios para ninguém e é aberta à publicidade; não é mística, nem abstrata, nem ambígua, mas é clara e está ao alcance de todos. Nada tendo de alegórico, não pode dar lugar a equívocos ou falsas interpretações. Diz claramente o que admite e o que não admite. Os fenômenos que reconhece não são sobrenaturais, nem maravilhosos, mas estão fundamentados nas leis da Natureza, de modo que a doutrina espírita não faz milagres, nem prodígios. Aquele que não a conhece ou que se confunde quanto às suas tendências, é porque não se quer dar ao trabalho de conhecê-la. Esta clareza e vulgarização dos princípios espíritas, que contam com adeptos em todos os países e em todas as classes sociais, constituem a mais peremptória refutação às críticas mordazes de seus adversários, pois não

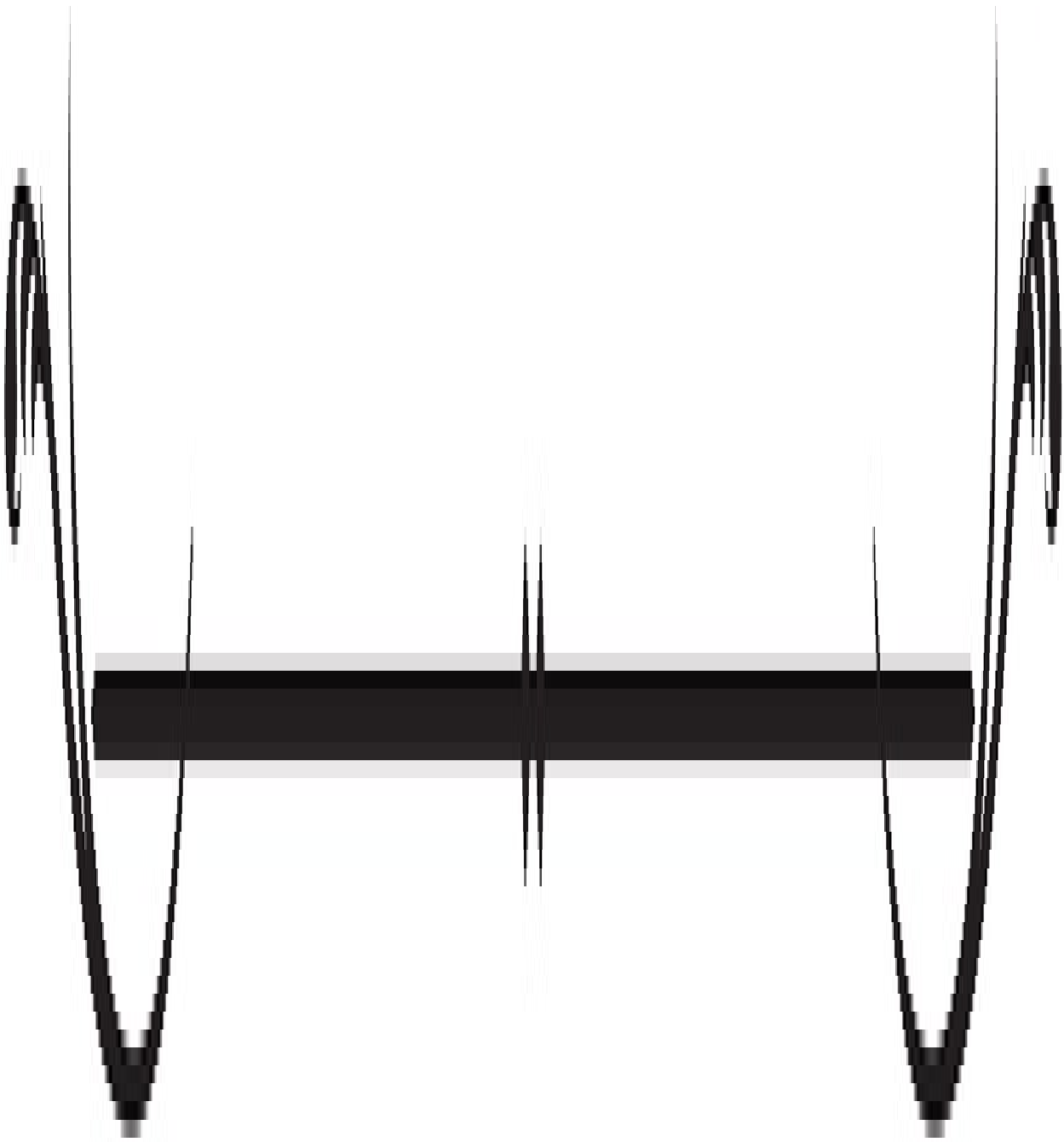
há uma única de suas alegações errôneas que não encontre nesses princípios uma resposta categórica. O espiritismo, portanto, só tem a ganhar em ser conhecido, e é para isso que trabalham, sem o querer, aqueles que acreditam arruiná-lo com ataques desprovidos de qualquer argumento sério. Os desvios de conveniência na linguagem produzem um efeito inteiramente contrário àquele que se propõe: o público os examina e não é favorável aos que se permitem a tal. Quanto mais violenta a agressão, mais leva as pessoas a se indagarem quanto à verdade, e isso é verdadeiro até mesmo nas fileiras da literatura hostil. A calma dos espíritas ante essa onda de protestos, o sangue-frio e a dignidade que eles têm mantido em suas respostas geram tal contraste com o azedume de seus antagonistas, que acaba por impressionar até mesmo os indiferentes e lançar a incerteza nas fileiras dos opositores, que contam hoje com várias deserções.

O romance espírita pode ser considerado como uma transição passageira entre a negação e a afirmação. É preciso uma coragem autêntica para enfrentar e desafiar o ridículo que liga às ideias novas. Todavia, essa coragem vem mais tarde com a convicção. Estamos convencidos de que das fileiras de nossos adversários da imprensa hão de surgir campeões sérios da doutrina.

Quando as tendências da obra do sr. Théophile Gautier estiverem mais bem delineadas, apresentaremos nossa apreciação do ponto de vista da verdade espírita.

Allan Kardec, 1865

Notícias bibliográficas espíritas



(Revista Espírita de março de 1866)

Tão longe, tão perto – Spirite

História fantástica, por Théophile Gautier.

Na Revista Espírita de dezembro de 1865, dissemos algumas palavras sobre esse romance, que apareceu em folhetim no jornal *Moniteur Universel* e que se encontra hoje publicado em um volume. Lamentamos que o espaço não nos permita fazer uma análise detalhada e sobretudo citar algumas de suas passagens, cujas ideias são incontestavelmente extraídas na própria fonte do espiritismo. Mas a maioria de nossos leitores certamente já o leu, o que tornaria supérfluo agora um relato. Diremos, apenas, que a parte concedida ao fantástico é certamente um pouco grande e que seria preciso abster-se de tomar todos os fatos ao pé da letra. É preciso considerar que não estamos falando de um tratado de espiritismo. A verdade está no fundo das ideias e dos pensamentos que são essencialmente espíritas e que são apresentados com uma delicadeza e uma graça encantadoras, bem mais do que nos fatos, cuja possibilidade é por vezes contestável. Embora sendo um romance, a obra não deixa de ter uma grande importância, primeiramente pelo nome do autor, e porque é a primeira obra importante saída de um escritor da grande imprensa, onde a ideia espírita é categoricamente confirmada e que surgiu num momento em que aparece mais um desmentido lançado na onda de ataques dirigidos a essa ideia. A própria forma de romance tem sua utilidade. Era certamente preferível, como transição, à forma doutrinária com ares severos. Graças a uma leveza aparente, a obra penetrou por toda parte, levando a ideia consigo.

Embora Théophile Gautier seja um dos autores favoritos da imprensa, esta portou-se, diferentemente de seu habitual, com uma sobriedade parcimoniosa a respeito dessa última obra. Não sabia se deveria louvá-la ou censurá-la. Censurar

Théophile Gautier, um amigo, um confrade, um escritor amado pelo público; dizer que ele havia escrito uma obra absurda seria difícil; louvar a obra, seria louvar e advogar a ideia; manter o silêncio a respeito de um nome popular teria sido uma afronta. A forma romanesca aliviou o embaraço e permitiu que se dissesse que o autor havia feito uma bela obra de imaginação e não de convicção. Comentou-se, mas pouco. É assim que há acomodações mesmo com a incredulidade. Notou-se uma coisa bastante singular: no dia em que a obra apareceu na forma de volume, em todos os livrinhos eram encontrados cartazes em seu exterior. Alguns dias mais tarde, esses cartazes haviam desaparecido.

Nos raros e magros noticiários dos jornais, encontram-se confissões significativas, que escaparam por descuido, sem dúvida, da pena do redator. No *Courrier du Monde Illustré* de 16 de dezembro de 1865, lia-se o seguinte:

“É preciso acreditar que, sem aceitar, sem professar a doutrina, sem nem mesmo ter sondado muito essas insondáveis questões do espiritismo e do sonambulismo, o poeta Théophile Gautier, apenas pela intuição de seu gênio poético, acertou em cheio, comeu o sapo¹ do inexplicável e encontrou o “abre-te, Sésamo” das evocações misteriosas, pois o romance que ele publicou em folhetim no *Moniteur*, sob o título de *Spirite* (Espírita), agitou violentamente todos aqueles que se ocupam dessas questões perigosas. A emoção foi imensa e é preciso percorrer os jornais da Europa inteira, como nós o fazemos, para avaliar todo seu alcance.

Toda a Alemanha espírita se levantou como se fosse um só homem, e como todos aqueles que vivem na contemplação de uma ideia só têm olhos e ouvidos para ela, um dos órgãos mais sérios da Áustria alega que o imperador encomendou esse prodigioso romance a Théophile Gautier para desviar a atenção da França das questões políticas. Primeira alegação, cuja importância não exagero. A segunda alegação me atingiu devido ao seu caráter fantástico.

De acordo com uma folha alemã, o poeta da *Comédie de la Mort*, muito agitado em consequência de uma visão, estaria gravemente doente, teria sido transportado para Genebra onde, devido à febre, teria sido forçado a permanecer no leito ao longo de várias semanas, presa de pesadelos estranhos, de alucinações luminosas, joguete constante de espíritos errantes. Pela manhã, teriam sido encontradas, aos pés de seu leito, as folhas esparsas de seu manuscrito de *Spirite* (nome original do romance).

Sem atribuir a uma fonte tão fantástica a inspiração que teria guiado a pena do autor de Avatar, acreditamos que, uma vez tornado a si, o escritor de Romance da Múmia ter-se-ia embriagado com essas visões e que no auge dessa intoxicação terá traçado essa descrição admirável do céu, que é uma de suas mais belas imagens.

A correspondência que deu origem à publicação de Spirite é extremamente curiosa. Lamentamos que um sentimento de conveniência nos tenha impedido de pedir uma cópia das cartas recebidas pelo poeta de Emaux et camées.

Não fazemos aqui uma crítica literária, do contrário poderíamos atribuir gosto duvidoso ao tipo de catálogo que o autor teve por bem colocar em seu artigo, o qual, aliás, parece-nos também pecar um pouco por falta de clareza. Confessamos não ter compreendido a frase do sapo² e, no entanto, ela é citada textualmente. Isso se deve, possivelmente, à dificuldade em explicar de onde o célebre romancista tirou semelhantes ideias, e como ousou apresentá-las sem rir. Mas o que é mais importante é a confissão da sensação produzida por essa obra por toda a Europa. É preciso, então, que a ideia espírita se encontre bem viva e difundida. Não é, então, um aborto frustrado. Quantas pessoas são classificadas por um traço de pena, por nossos adversários, na categoria de cretinos e idiotas! Felizmente, seu julgamento não é definitivo. Os senhores Jaubert, Bonnamy e muitos outros interpõem um recurso.

O autor qualifica essas questões de perigosas. Mas, segundo ele e seus confrades de ceticismo, são contos fúteis e ridículos. Ora, o que é que um conto fútil pode ter de perigoso para a sociedade? De duas, uma: no fundo de tudo isto existe ou não algo de sério. Se nada existe, onde está o perigo? Se tivéssemos escutado, no nascedouro, todos os que declararam perigosas a maior parte das grandes verdades que hoje brilham, onde estaríamos com o progresso? A verdade não tem perigo senão para os poltrões, que não ousam encará-la de frente, e para os interesseiros.

Um fato não menos grave, que vários jornais se apressaram em publicar, como se fosse comprovado, é que o imperador teria encomendado esse prodigioso romance para desviar a atenção da França das questões políticas. Evidentemente não é uma questão de suposição, porque, admitindo a realidade da fonte, não é presumível que a tivessem divulgado. Mas essa mesma suposição é uma confissão da força da ideia espírita, pois reconhecem que um soberano, o maior político de nossos dias, pôde julgá-la apta a produzir semelhante resultado. Se

tivesse sido esse o pensamento que presidiu a execução dessa obra, parece-nos que a coisa seria supérflua, porque apareceu exatamente no momento em que os jornais se preocupavam em disputar a primazia da atenção com o barulho que faziam a propósito dos irmãos Davenport.

O que há de mais claro em tudo isso é que os detratores do espiritismo não conseguem entender a prodigiosa rapidez do progresso da ideia, a despeito de tudo quanto fazem para detê-la. Não podendo negar o fato que dia a dia se torna mais evidente, esbofam-se em procurar a causa em toda parte onde não está, na esperança de atenuar sua importância.

Num artigo intitulado Livros de Hoje e de Amanhã, assinado por Émile Zola, o Événement de 16 de fevereiro dá um resumo muito exíguo do assunto da obra em questão, acompanhado das seguintes reflexões:

“Há pouco tempo o Moniteur deu uma notícia fantástica de Théophile Gautier: Spirite, que a livraria Charpentier acaba de publicar em livro.

“A obra é para a maior glória dos Davenport; ela nos leva a um passeio pelo país dos espíritos, mostra-nos o invisível, revela-nos o desconhecido. O jornal oficial deu os boletins do outro mundo.

“Mas eu desconfio da fé de Théophile Gautier. Ele tem uma bonomia irônica que cheira a incredulidade a uma légua. Eu desconfio que ele entrou no invisível pelo único prazer de descrever, à sua maneira, horizontes imaginários.

“No fundo, ele não acredita em uma palavra das histórias que conta, mas gosta de contá-las, e os leitores gostarão de ler. Tudo é, pois, para melhor, na melhor das incredulidades possíveis.

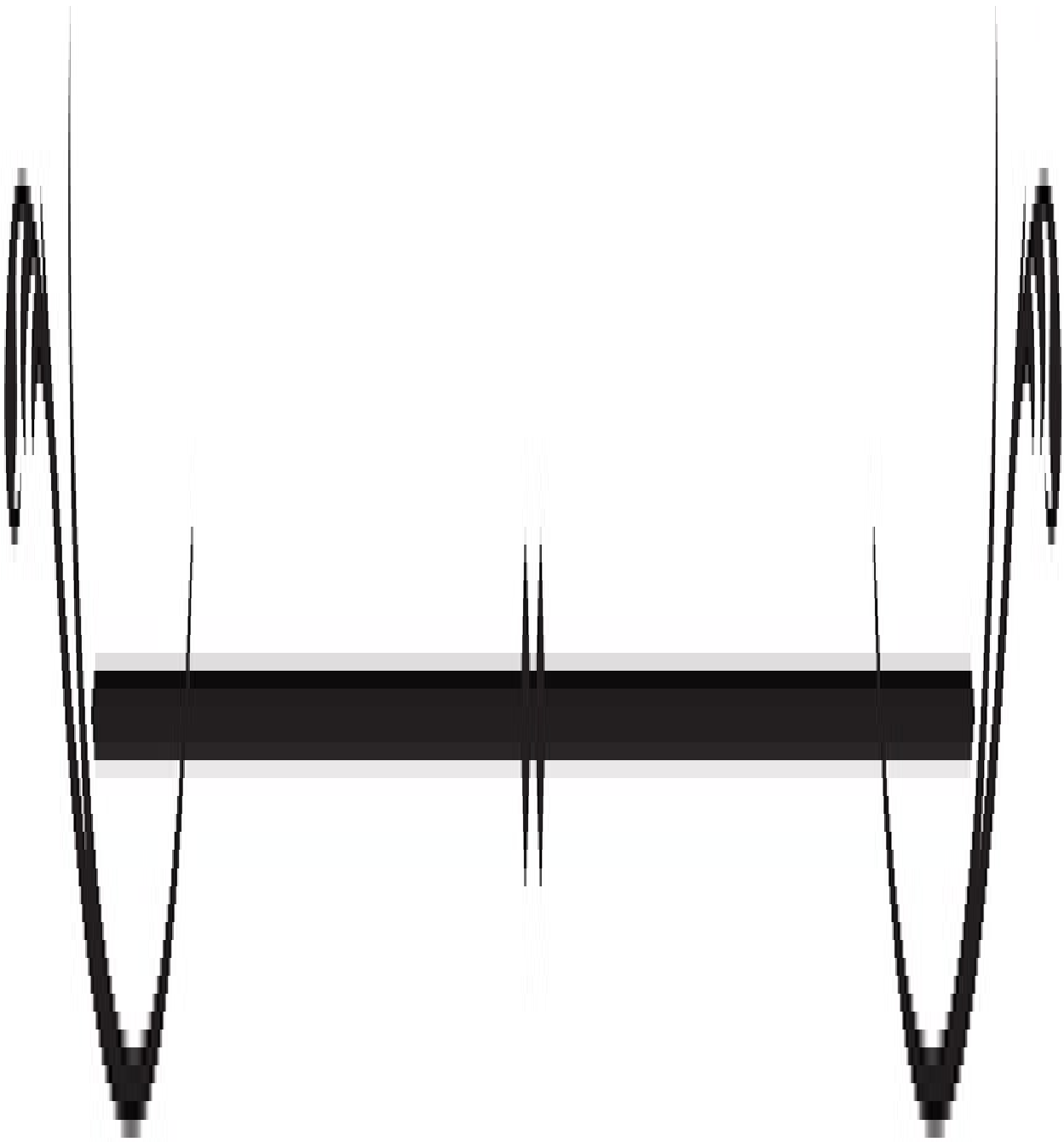
“Escreva o que escrever, Théophile Gautier é sempre pitoresco e poeta original. Se ele acreditasse no que diz, seria perfeito – e isto talvez fosse uma pena.”

Singular confissão, lógica singular e mais singular conclusão! Se Théophile Gautier acreditasse no que diz em Spirite, seria perfeito! Então as doutrinas espíritas conduzem à perfeição aqueles que as assimilam, de onde a consequência que, se todos os homens fossem espíritas, todos seriam perfeitos. Um outro teria concluído: “Apresemos-nos em difundir o espiritismo”... mas, não; seria uma pena!

Quantas pessoas repelem as crenças espíritas, não pelo medo de se tornarem perfeitas, mas simplesmente pelo medo de serem obrigadas a se emendar! Os espíritos lhes metem medo porque falam do outro mundo, e esse mundo lhes causa terrores. É por isso que tapam os olhos e os ouvidos.

1. Em outra tradução, publicada pela FEB, em vez de “acertou em cheio, comeu o sapo do inexplicável”, lê-se: “acertou na mosca, fugiu com o dinheiro do caixa e encontrou o abre-te Sésamo das evocações misteriosas”. Esta forma parece mais correta porque, a expressão idiomática manger la grenouille, no original francês, corresponde em nossa língua a “fugir com o dinheiro do caixa”.
 2. Kardec refere-se à expressão “comeu o sapo do inexplicável” ou “fugiu com o dinheiro do caixa”, na tradução adotada pela FEB.
-

Capítulo I



Guy de Malivert

estava estendido, quase deitado, numa poltrona excelente, próxima à chaminé, onde um bom fogo ardia. Parecia ter decidido passar em casa uma dessas noites tranquilas, que a fadiga das alegrias mundanas torna, às vezes, um prazer e uma necessidade aos jovens da moda. Um jaquetão de veludo negro, ornamentado com sutache de seda da mesma cor, um camisolão, calças de flanela vermelha, pantufas confortáveis do Marrocos onde seus pés nervosos e arqueados dançavam, compunham sua indumentária, cujo conforto não excluía a elegância. Com o corpo livre de qualquer pressão incômoda, à vontade naqueles trajés macios e flexíveis, Guy de Malivert, que tinha feito um jantar de sensata simplicidade em casa, regado com duas ou três taças de excelente vinho de Bordeaux envelhecido no clima tropical da Índia, desfrutava daquela espécie de beatitude física que resulta do funcionamento perfeito dos órgãos. Estava feliz, sem que nada de particularmente especial tivesse acontecido.

Junto a ele, uma lâmpada ajustada a uma concha feita em porcelana chinesa gretada emitia a luz leitosa e suave de seu globo fosco, semelhante a uma lua que a bruma leve encobre. A luz delicada refletia sobre o livro que Guy segurava distraidamente e que era exatamente Evangeline, do consagrado poeta americano Longfellow.

Sem dúvida, Guy admirava a obra do maior poeta que a jovem América jamais produzira, mas encontrava-se naquele estado de indolência da alma, em que a ausência do pensamento é preferível à mais bela ideia expressa em termos sublimes. Leu alguns versos e, em seguida, sem soltar o livro, apoiou a cabeça contra o espaldar macio da poltrona, recoberto de fina renda, desfrutando prazerosamente aquele momento de quietude da mente. A atmosfera tépida do cômodo o envolvia numa carícia suave. Em torno dele, tudo era repouso, bem-estar, discreto silêncio e quietude íntima. O único ruído perceptível era o sopro do gás que passava por entre as toras de lenha e o tique-taque do pêndulo, cuja oscilação marcava o tempo em voz baixa.

Era inverno. A neve que caíra recentemente amortecia o rodar longínquo das carruagens, bastante raras naquele quarteirão deserto, uma vez que Guy habitava uma das ruas menos frequentadas do Faubourg Saint-Germain. Acabava de soar dez horas e nosso preguiçoso se dava por feliz por não estar num terno preto e de

gravata branca, de pé, diante da porta da uma sacada de alguma embaixada, tendo diante dos olhos as costas magras de uma velha viúva rica exageradamente decotada. Embora reinasse no cômodo uma temperatura de estufa, sentia-se que fazia frio lá fora, dado o ardor com que a lareira queimava e o silêncio profundo das ruas. O magnífico gato angorá, companheiro de Malivert naquela noite de indolência, aproximara-se da lareira para aquecer sua pelagem branca e apenas o guarda-fogo impedia que o felino se deitasse sobre as cinzas.

O cômodo onde Guy de Malivert desfrutava desses prazeres tranquilos ficava entre o gabinete de estudo e o ateliê. Era uma sala ampla, de teto alto, que ocupava o último andar do pavilhão habitado por Guy, situado entre um grande pátio e um jardim de árvores seculares, dignas de uma floresta real e que só se encontra no aristocrático faubourg, pois que é preciso tempo para produzir uma árvore e os novos-ricos não as podem improvisar para dar sombra aos seus palacetes construídos com a pressa de fortunas que temem a falência.

As paredes eram revestidas de couro pardo e o teto se compunha por um entrecruzado de vigas de carvalho antigo, emoldurado por caixotões de pinheiro da Noruega, cuja cor primitiva da madeira fora preservada. Essas nuances sóbrias valorizavam os quadros, os esboços e as aquarelas pendurados nas paredes daquele tipo de galeria, onde Malivert tinha reunido suas curiosidades e fantasias de arte. As estruturas da biblioteca em carvalho, suficientemente baixas para não desarmonizar com os quadros, formavam em torno do cômodo como que um alicerce interrompido por uma única porta. Os livros que enchiam as estantes surpreenderiam o observador pela maneira como contrastavam. Poderia se dizer que ali estava uma mistura da biblioteca de um artista e a de um cientista. Ao lado dos poetas clássicos de todos os tempos e países, de Homero, Hesíodo, Virgílio, Dante, Ariosto, Ronsard, Shakespeare, Milton, Goethe, Schiller, Lorde Byron, Victor Hugo, Sainte-Beuve, Alfred Musset e Edgard Allan Poe, encontravam-se a Simbólica de Creuzer, a Mecânica Celeste de Laplace, a Astronomia de Arago, a Fisiologia de Burdach, o Cosmos de Humboldt, as obras de Claude Bernard e de Berthelot e outras de ciência pura. Guy Malivert não era, todavia, um sábio. Nada havia aprendido além do que se ensina no colégio. Entretanto, após ter feito sua educação literária, tinha-lhe parecido vergonhoso ignorar todas as belas descobertas que faziam a glória daquele século. Atualizara-se o melhor que pudera e podia-se falar diante dele de astronomia, cosmogonia, eletricidade, vapor, fotografia, química, micrografia e geração espontânea, pois ele compreendia e, por vezes, surpreendia o interlocutor com uma observação interessante e nova.

Esse era Guy de Malivert em seus 28 ou 29 anos de idade. Sua cabeça, ligeiramente desbastada junto à testa, tinha uma expressão aberta e franca, que dava prazer contemplar. Ao nariz, que não era de uma regularidade grega, não faltava nobreza, e separava dois olhos castanhos, cuja expressão era firme. A boca, um pouco carnuda, prenunciava uma bondade simpática. Os cabelos de um castanho quente formavam pequenos cachos finos e anelados, que desafiavam o alisador do barbeiro, e um bigode em tom de ouro avermelhado ensombrava seu lábio superior. Em poucas palavras: Malivert era o que se costuma chamar um jovem bonito e havia tido sucesso desde que nascera, sem esforçar-se muito para obtê-lo. As mães com filhas para casar desdobravam-se diante dele em especiais atenções, pois Malivert tinha 40.000 francos de renda em terras e um tio centenário e multimilionário de quem seria herdeiro. Uma posição invejável! E, no entanto, Guy não tinha se casado. Contentava-se em inclinar ligeiramente a cabeça num movimento de aprovação diante das sonatas que as jovens executavam em sua presença. Depois de cada dança, ele as reconduzia educadamente a seus assentos, mas sua conversa com elas no intervalo entre as danças limitava-se a frases do gênero: “Faz muito calor neste salão”, formalidade da qual era impossível deduzir a mínima expectativa matrimonial. Não porque lhe faltasse inteligência, visto que Guy de Malivert poderia facilmente encontrar algo de banal para dizer, se não receasse embaraçar-se nas teias urdidas por fios mais tênues do que os utilizados pelas aranhas, teias essas que se estendem no mundo ao redor das virgens núbeis com dotes pouco animadores.

Sempre que se via excessivamente bem acolhido em uma casa, Guy deixava de frequentá-la ou partia numa longa viagem da qual, ao retornar, tinha a satisfação de constatar que fora completamente esquecido. Poderia se pensar que Guy, como muitos jovens de seu tempo, encontrava no mundo em que vivia uniões passageiras entre nobres e plebeias que o dispensavam de um casamento sério. Isso não era verdade. Sem ser mais rigorista do que caberia a um jovem de sua idade, Malivert não apreciava essas beldades engessadas, penteadas como poodles, trajadas com roupas armadas por saiotes extravagantes. Pura questão de gosto. Tivera, como todo mundo, algumas boas aventuras: duas ou três mulheres incompreendidas, mais ou menos separadas de seus maridos, haviam dito que ele era seu ideal, ao que ele tinha respondido: “Vocês são bastante honestas”, sem ousar dizer que elas não eram, em absoluto, seu ideal, uma vez que Malivert era um jovem bem-educado. Uma pequena figurante de teatro, a quem ele dera algum dinheiro e um casaco de veludo, declarara-se traída e tentara asfixiar-se por causa dele. Entretanto, apesar dessas belas aventuras, Guy Malivert, sincero

consigo mesmo, reconhecia que tendo chegado à solene idade de 29 anos, na qual um jovem homem torna-se um homem jovem, ignorava o que fosse o amor, pelo menos da maneira como o pintam os poemas, os dramas, os romances, ou mesmo como o descreviam seus amigos em suas confidências ou vanglórias. Ele se consolava muito facilmente dessa infelicidade, pensando nos aborrecimentos, calamidades e desastres que essa paixão acarreta, e aguardava pacientemente o dia em que haveria de aparecer, trazido pelo acaso, o objeto decisivo em que se haveria de fixar.

Todavia, como o mundo frequentemente dispõe das pessoas de acordo com suas fantasias e conforme lhe convém, a sociedade que Guy de Malivert frequentava mais particularmente decidiu que ele estava apaixonado pela madame D'Ymbertcourt, jovem viúva a quem ele visitava com bastante frequência. As terras da senhora d'Ymbertcourt eram vizinhas das de Guy. Ela era dona de uma receita de 60 mil francos e contava apenas 22 anos. Lamentara muito convenientemente a perda do senhor d'Ymbertcourt, velho bastante sombrio, e sua posição lhe permitia arranjar um marido jovem e de boa aparência, de origem e fortuna iguais às dela. A sociedade, com sua autoridade própria, casara-os portanto, imaginando que teria na casa deles um salão agradável, um terreno neutro onde se encontrar. A madame d'Ymbertcourt aceitava tacitamente esse casamento e já via a si mesma um pouco como esposa de Guy. Ele, por sua vez, não se apressava em declarar-se e cogitava, até mesmo, não mais ir à casa da bela viúva, a quem considerava ligeiramente irritante pelos ares presunçosos de posse que assumia antes da hora.

Naquela mesma noite Guy deveria ir tomar chá na casa da senhora d'Ymbertcourt. Mas a indolência tinha se apoderado dele após o jantar. Sentira-se tão bem em sua casa, que recuara ante a ideia de vestir-se e sair para uma temperatura de 7 ou 8 graus abaixo de zero, apesar das peles que forravam o assento de sua carruagem e do aquecedor à água quente ali instalado. Como desculpa, tinha dito a si mesmo que seu cavalo não estava com as ferraduras apropriadas para o gelo e poderia derrapar perigosamente sobre a neve endurecida. Além disso, não lhe agradava a ideia de deixar exposto ao frio, parado por duas ou três horas diante de uma residência, um animal que Crémieux, o célebre vendedor de cavalos da Avenida dos Campos Elíseos, tinha lhe vendido por 5 mil francos. Era evidente que Guy estava bem pouco apaixonado e que a sra. d'Ymbertcourt poderia esperar por muito tempo pela cerimônia que lhe permitiria assinar outro nome.

No momento em que Malivert começava a sentir rolar sob suas pálpebras os primeiros sinais do sono, favorecido pela temperatura agradável do aposento onde bailava a fumaça azulada e fragrante de dois ou três charutos de Havana, cujas cinzas enchiam um pequeno cinzeiro de bronze chinês antigo com pés de madeira em formato de falcão, colocado ao lado dele sobre o velador da lâmpada, a porta do aposento se abriu com cuidado e um empregado da casa surgiu, trazendo sobre uma bandeja de prata um bilhete delicado e perfumado, selado por uma divisa muito conhecida por Guy, que assumiu de imediato ares de mau humor. O aroma de almíscar do papel também parecia causar-lhe uma impressão desagradável. Era um bilhete da sra. d'Ymbercourt, para fazê-lo lembrar-se da promessa de ir à casa dela para tomar uma xícara de chá.

– Para o inferno ela e seus bilhetes que causam enxaqueca! – exclamou, pouco gentil. – O prazer de atravessar a cidade para beber uma xícara de água quente com algumas folhas tingidas com azul da Prússia e verde-de-gris, quando tenho ali naquela caixa em laca de Coromandel o autêntico chá de caravana, ainda com a chancela da alfândega de Kiatka, último posto russo na fronteira com a China! Não, certamente que não irei!

Um vago vestígio de polidez fez com que Guy mudasse de resolução e dissesse ao seu criado que fosse buscar seus trajes. Contudo, ao ver as pernas de suas calças pendendo sobre o encosto da poltrona, a camisa dura e alva como se feita de porcelana, o traje negro com as mangas folgadas, as botas de verniz com reflexos reluzentes, as luvas estendidas como mãos passadas por um laminador, foi tomado por súbito desespero e deixou-se cair pesadamente sobre as almofadas.

– Ficarei em casa, definitivamente!

Como já dissemos, Guy era um rapaz bem-educado e, além disso, tinha bom coração. Tomado por ligeiro remorso, hesitou à porta de seu quarto de dormir que lhe sorria com todos os seus confortos íntimos, e disse a si mesmo que a menor das delicadezas exigia que ele enviasse uma palavra de desculpas à sra. d'Ymbercourt, com o pretexto de uma enxaqueca, um negócio importante, uma contrariedade qualquer surgida no momento de sua saída, a fim de se justificar honestamente por não ir à casa dela. Mas embora Malivert fosse capaz de redigir um artigo de viagem ou uma notícia para a Revista dos Dois Mundos sem ser, contudo, um homem de letras, detestava escrever cartas e sobretudo aquele tipo de bilhetes politicamente corretos, do tipo que as mulheres rabiscam às dezenas,

sentadas em seus tocadores, enquanto as criadas os colocam em ordem. Preferiria fazer um soneto com rimas difíceis e raras. Todavia, sua falta de imaginação para escrever bilhetes era completa e preferia ir pessoalmente ao outro lado da cidade a escrever uma resposta de duas linhas. Por sua aversão a tais bilhetes, a ideia desesperada de ir à casa da sra. d'Ymbercourt ocorreu a Malivert. Aproximou-se da janela, entreabriu as cortinas e viu, através das vidraças úmidas, uma noite escura, que pequenos flocos brancos que caíam rijos salpicavam, como as costas de uma galinha d'Angola. Veio à sua mente um herói de histórias em quadrinhos chamado Grymalkin, sacudindo a neve presa ao seu capacete envernizado. Imaginava o desagradável percurso da carruagem até o vestíbulo, a corrente de ar na escadaria que o aquecedor não conseguia neutralizar e, sobretudo, a sra. d'Ymbercourt em pé junto à lareira, magnificamente trajada, decotada de modo a fazer lembrar a personagem de um romance de Charles Dickens conhecida por seus seios. Podia ver seus dentes soberbos emoldurados por um sorriso imóvel, as sobrancelhas num arco tão perfeito que pareciam desenhadas com tinta de nanquim e que, todavia, nada ficavam devendo à arte. Seus olhos magníficos, o nariz digno de servir de modelo num caderno de princípios, o talhe que todas as costureiras consideravam perfeito, os braços roliços como se tivessem sido torneados, carregados de braceletes excessivamente maciços. A lembrança de todos esses encantos que a sociedade lhe havia destinado, casando-o sem que ele o desejasse muito com a jovem viúva, inspirou-lhe uma melancolia tão profunda que ele se dirigiu ao seu escritório, decidido – coisa terrível! – a antes escrever dez linhas, para não ter que ir tomar chá na residência daquela mulher tão encantadora.

Colocou diante de si uma folha de papel com o timbre de um G e um M caprichosamente enlaçados, mergulhou na tinta uma pena fina de aço e escreveu mais para baixo na página, com o intuito de diminuir o espaço da escrita, essa palavra triunfante: “Senhora”. Nesse momento, apoiou o rosto na palma da mão. Mas sua imaginação não lhe sugeria nada. Permaneceu assim por alguns minutos, com o punho em posição, os dedos ao longo da pena e o cérebro involuntariamente ocupado por ideias contrárias ao assunto de sua carta. Como se aguardasse pela frase que não vinha, o corpo de Malivert se movimentou inquieto e sua mão, tomada por formigamentos e impaciência, parecia encomendar algo para cumprir seu dever. Guy esticava e encolhia os dedos como se fossem traçar letras e, por fim, surpreendeu-se por haver escrito, em absoluta inconsciência, nove ou dez linhas que leu e cujo sentido era mais ou menos o seguinte:

“A senhora é demasiado bela e acha-se cercada por admiradores vários, para que eu possa dizer, sem ofendê-la, que não a amo. É uma nota dissonante para o gosto daquele que faz tal confissão.... É tudo! Para que levar adiante uma relação que poderia unir duas almas tão pouco feitas uma para a outra, ligando-as numa infelicidade eterna? Desculpe-me, vou-me embora. Você não tardará a me esquecer!”

– Essa agora! – disse Malivert, dando um soco na mesa ao acabar de ler a carta.
– Serei louco ou sonâmbulo? Que bilhete estranho! Mais parece uma das litografias de Gavarni, onde se vê, ao mesmo tempo, na legenda, a frase escrita e pensada, o falso e o verdadeiro. Só que as palavras aqui não enganam. Minha mão, que eu tentava forçar a escrever uma pequena mentira social, não se prestou a isso e, contrariamente ao costume, esta carta encerra meu pensamento sincero.

Guy olhou atentamente para o bilhete e lhe pareceu que a caligrafia não era a mesma que ele traçava habitualmente.

– Eis aqui um autógrafo que seria contestado pelos especialistas, caso minha literatura epistolar valesse a pena. Como, diabos, pôde acontecer essa transformação? E, no entanto, não fumei ópio, nem masquei haxixe, e não seriam as duas ou três taças de vinho de Bordeaux que me teriam subido à cabeça! Meu cérebro é firme demais para isso. O que será de mim se a verdade escapa desse modo de minha pena sem que eu o sinta? Felizmente, reli a carta por não estar muito seguro quanto à minha ortografia noturna. Que efeito teriam produzido essas amáveis linhas, embora tão verdadeiras, e que expressão de indignação e espanto teriam surgido no rosto da senhora d’Ymbercourt ao lê-las! Talvez tivesse sido melhor que a carta seguisse assim como está. Eu teria passado por monstro, por um selvagem tatuado, indigno de usar uma gravata branca, mas pelo menos essa ligação que me aborrece se teria partido como o vidro. E o vidro partido não se reconstitui mais, mesmo que se tente colá-lo com papel. Se eu fosse um pouco supersticioso, veria por trás disso um aviso do céu, ao invés de uma distração inqualificável.

Após uma pausa, Guy tomou uma resolução firme:

– Vamos à casa da senhora d’Ymbercourt, porque sou incapaz de reescrever esta carta.

Vestiu-se com raiva e, quando se preparava para sair de seu quarto, teve a impressão de ouvir um suspiro. Mas era um suspiro tão brando, tão leve, um sopro, que era preciso o profundo silêncio da noite para que o ouvido fosse capaz de percebê-lo.

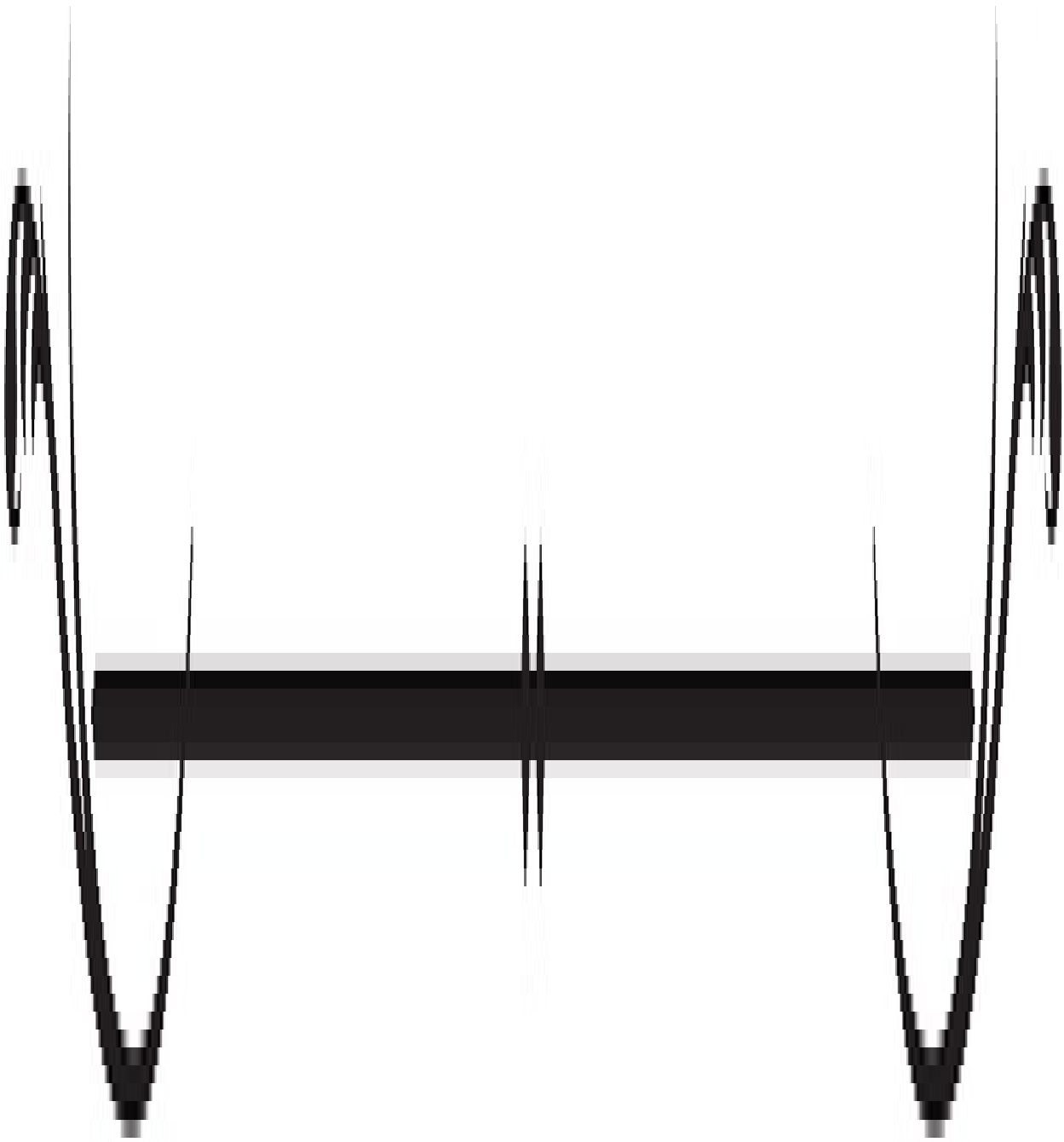
Aquele suspiro fez com que Malivert se detivesse à porta de seu gabinete e foi tomado por aquela impressão que o sobrenatural suscita nos mais corajosos. Nada havia de assustador naquela nota vaga, inarticulada e melancólica e, no entanto, Guy sentiu-se mais perturbado do que ousava confessar a si mesmo.

– Ora! Foi meu gato angorá que resmungou enquanto dormia – disse Malivert.

E, tomando das mãos de seu camareiro um casaco de pele, envolveu-se nele com uma correção que evidenciava longas viagens pela Rússia. Em seguida, desceu bastante mal-humorado ao pórtico, onde a carruagem o aguardava.

—

Capítulo II



Acomodado a um

canto da carruagem, com os pés sobre a esfera de água fervente, o casaco bem junto ao corpo, Malivert olhava, sem ver, os bizarros jogos de sombra e luz que as claridades repentinas vindas de uma loja iluminada a gás, ainda aberta àquela hora avançada, e as perspectivas das ruas como que estreladas por pontos brilhantes projetavam contra o vidro ligeiramente embaçado da janela.

Pouco depois, a carruagem atravessava a Ponte da Concórdia, sob a qual corria obscuramente o rio Sena com suas cintilações sombrias e reflexos de lanternas. Enquanto o veículo avançava, Malivert não podia deixar de pensar no suspiro misterioso que havia escutado ou que acreditava ter ouvido no momento em que deixava seu quarto. Dizia a si mesmo tudo quanto os céticos apresentam como causas naturais para explicar o incompreensível: devia ter sido, sem dúvida, o vento encanado na chaminé ou no corredor, algum ruído vindo de fora e modificado pelo eco, a vibração surda de uma das cordas do piano que vibrara à passagem de um veículo pesado, ou mesmo um resmungo de seu angorá que sonhava junto à lareira, como imaginara de início. Nada mais provável, dizia-lhe o bom-senso. Contudo, embora Malivert reconhecesse o quanto essas explicações eram lógicas, no íntimo não se contentava com elas. Um instinto secreto lhe afirmava que aquele suspiro não se devia a nenhuma das causas que sua prudência filosófica lhe atribuía. Sentia que aquele gemido tênue partira de uma alma e não era um ruído vago da matéria. Um sopro e uma dor nele se mesclavam. De onde teria vindo, afinal? Guy refletia com aquele tipo de ansiedade repleta de questionamentos, que os espíritos mais firmes experimentam ao se depararem, sem o haver buscado, com o desconhecido. Não havia ninguém no quarto exceto Jack, que era uma criatura pouco sentimental. O suspiro docemente modulado, harmonioso, macio, mais leve que o sussurro da brisa nas folhas do álamo, era indubitavelmente feminino. Não havia como negar-lhe essa característica.

Outra circunstância intrigava Malivert: aquela carta que se escrevera sozinha, por assim dizer, como se uma vontade estranha à sua tivesse guiado seus dedos. A desculpa de uma distração, que Guy apresentara a si mesmo num primeiro instante, não poderia ser levada a sério. Os sentimentos da alma passam pelo controle do espírito antes de serem postos no papel e, além do mais, não são aí redigidos por si mesmos enquanto o cérebro pensa em outra coisa. Era preciso

que uma influência que ele não era capaz de definir se tivesse apossado dele enquanto estava ausente de si mesmo, para agir em seu lugar. Porque estava absolutamente certo, agora que raciocinava melhor, de não ter dormido por um só minuto. Estivera preguiçoso, sonolento, tomado por um agradável torpor naquela noite, mas no momento de escrever a carta estivera completamente desperto. A alternativa aborrecida de ir à casa da senhora d'Ymbercourt ou de escrever-lhe um bilhete para se livrar do convite causara-lhe mesmo certa superexcitação febril. Aquelas linhas que resumiam seu pensamento secreto de uma forma mais precisa e clara do que ele admitira até então deviam-se a uma intervenção que ele deveria qualificar como sobrenatural, até que uma análise lhe pudesse explicar ou lhe apresentasse outro qualificativo.

Enquanto Guy de Malivert remoía aquelas questões na mente, a carruagem atravessava as ruas que o frio e a neve deixavam mais desertas que de costume naqueles bairros elegantes e ricos, onde a vida noturna só acaba bem tarde. A Praça da Concórdia, a Rua de Rivoli e a Praça Vendôme foram logo deixadas para trás e a carruagem, ganhando o boulevard, dobrou a esquina da Rua da Chaussée-d'Antin, onde residia a sra. d'Ymbercourt.

Ao adentrar o pátio, Guy experimentou uma sensação desagradável: duas fileiras de veículos, com seus cocheiros envoltos em peles, encontravam-se estacionados no espaço central, enquanto os cavalos entediados, sacudindo seus freios, lançavam sobre o pavimento flocos de espuma, que se misturavam aos flocos de neve.

– Aí está o que ela chama de uma reunião noturna íntima, um chá ao pé da lareira! É sempre assim! Toda Paris deve estar aí e eu não vim a rigor! – bufou Malivert. – Melhor seria que eu tivesse ido me deitar, mas preferi agir com diplomacia. Não quis seguir meu primeiro ímpeto, porque era o melhor.

Começou a subir a escadaria com passos lentos, e após haver retirado o casaco, dirigiu-se ao salão, cujas portas foram abertas por um laçao com um tipo de deferência obsequiosa e confidencial, como se o fizesse a um homem que seria em breve o chefe da casa e a quem desejava continuar a servir.

– Ora essa! – exclamou baixinho Guy de Malivert ao perceber aquele servilismo mais acentuado que de costume. – Até mesmo os criados dispõem de minha pessoa e me casam com a sra. d'Ymbercourt, valendo-se de sua autoridade privada! Mas os proclamas ainda não correram!

Ao avistar Guy que caminhava em sua direção, a sra. d'Ymbertcourt curvou a cabeça, deixando entrever o colo, conforme a saudação da moda. E deixou escapar um gritinho de satisfação que procurou disfarçar, assumindo um ar de fria condescendência. Mas seus lábios sempre sorridentes, habituados a deixarem à mostra as gengivas rosadas e os dentes de nácar perfeitos, não conseguiram contrair-se de modo a formar o beicinho bonito que seria de se esperar. Ela, então, percebendo de relance num espelho que aquela expressão não agradava, procurou mostrar-se afável como uma mulher indulgente, que sabe que não se deve exigir demais dos galanteios dos homens da época.

– Como custou a chegar, sr. Guy! – disse, estendendo para ele a mão pequenina dentro de uma luva tão apertada, que parecia ser de madeira ao tocar. – Com certeza acabou por se atrasar no seu clube feio, fumando charutos e jogando cartas. Mas também, por castigo, acabou não ouvindo o grande pianista alemão Kreisler tocar o Galope Cromático de Listz, nem a esplêndida Condessa Salvarosa cantar o Romance de Saule, como a grande Malibran jamais conseguiu cantar.

Guy disse, com frases convencionais, o quanto lamentava ter perdido o Galope do virtuose e a apresentação da grande dama, quando na verdade pouco sentia por tê-los perdido. Sentindo-se um pouco constrangido entre tanta gente vestida formalmente enquanto ele não o estava, tentou escapar pela tangente e ir para algum canto menos iluminado, onde a inadequação de seus trajes pudesse passar mais facilmente despercebida na penumbra. Não foi fácil levar a efeito tal resolução, porque a sra. d'Ymbertcourt sempre o reconduzia ao círculo dos visitantes com um olhar ou uma palavra que exigia uma resposta, que Guy fazia sempre a mais breve possível. Mas finalmente conseguiu esgueirar-se por uma porta que conduzia do grande salão a outro menor, guarnecido com uma estufa, inteiramente ornado com caniços e enfeitado com camélias.

O salão da sra. d'Ymbertcourt era branco e dourado, atapetado em damasco das Índias carmesim. Móveis grandes, maciços e bem estofados guarneciam-no. O lustre, de braços dourados, fazia luzir as velas de cera em folhagens feitas de cristal de rocha. Castiçais, vasos e um grande pêndulo, que atestavam o estilo do artista Barbedienne, ornamentavam a chaminé de mármore branco. Um belo tapete, macio como o musgo, estendia-se sob seus pés. Cortinas cobriam as janelas amplas e ricas, e numa tela magnificamente emoldurada sorria, ainda mais que a modelo, um retrato da condessa, pintado pelo alemão Winterhalter.

Nada havia a ser dito sobre aquele salão mobiliado com coisas belas e caras, senão que poderia pertencer a qualquer um cujo bolso o permitisse, ainda que sem grande conhecimento sobre arquitetura e tapeçaria. Sua beleza banal era perfeitamente correta, mas faltava-lhe originalidade. Nada naquele salão indicava um gosto particular e, na ausência do estilo da dona da casa, poder-se-ia dizer que aquele era o salão de um banqueiro, de um advogado ou de um turista americano. Faltava-lhe alma e personalidade. Além disso, Guy, artista por natureza, considerava aquele luxo terrivelmente burguês e mesmo desagradável. Aquele era bem o fundo contra o qual a sra. d'Ymbercourt devia destacar-se, ela, cuja beleza compunha-se de perfeições vulgares.

No centro do cômodo, sobre um pufe circular encimado por magnífico vaso da China onde desabrochava uma planta rara e exótica, cujo nome a senhora d'Ymbercourt desconhecia e que ali fora colocada por seu jardineiro, mulheres, em sua maioria jovens e belas, sentadas em meio a gazes, tules, rendas, cetins e veludos, cujo volume exuberante chegava-lhes até os ombros, usavam trajes de um capricho extravagante que fazia lembrar a fantasia inesgotável e dispendiosa do famoso poeta inglês Worth. Com suas cabeleiras castanhas, loiras, ruivas e mesmo platinadas, de uma opulência que fazia supor aos menos maldosos que a arte devia nelas buscar inspiração – contrariando o romance de Planard –, cintilavam diamantes, eriçavam-se plumas, verdejavam folhagens salpicadas de gotas d'água, entreabriam-se flores verdadeiras e artificiais, brilhavam alfinetes de lantejoulas, entrecruzavam-se fileiras de pérolas, cintilavam flechas, adagas, alfinetes de duas cabeças, faiscavam adornos de asas de escaravelho, contorciam-se faixas douradas, fitas de veludo vermelho, no alto de cujos espirais tremeluziam estrelas de pedrarias e, de modo geral, tudo quanto a cabeça de uma mulher elegante consegue suportar, sem contar os cachos de uvas, groselhas e as bagas de cores vivas que Pomona, deusa mitológica da abundância, pode emprestar à deusa ninfa Flora, para tornar completo um penteado de soirée, caso seja permitido a um escritor de 1865 fazer uso de tais figuras mitológicas.

Recostado ao batente da porta, Guy contemplava aqueles ombros acetinados cobertos de pó-de-arroz, as nuças onde cachinhos rebeldes se encaracolavam, seios alvos que por vezes denunciavam o decote excessivamente baixo de um corpete. Mas esses são os pequenos desprazeres a que uma mulher segura de seus encantos facilmente se resigna. Além disso, o movimento feito para erguer o braço é dos mais graciosos e os dedos que corrigem o entalhe de um vestido, dando-lhe um belo contorno, favorecem as mais belas poses. Nosso herói

entregava-se àquela observação interessante que preferia às conversas banais e, segundo ele, aquele era o maior benefício que um baile ou uma soirée podia proporcionar. Folheava indolentemente aquele álbum de belezas vivas, aquelas lembranças animadas que a sociedade espalha por seus salões, do mesmo modo que coloca álbuns e jornais sobre as mesas dos estereoscópios para serem usados por pessoas tímidas, confusas quanto à própria postura. Guy desfrutava daquele prazer com a maior segurança agora que os boatos quanto ao seu casamento próximo com a sra. d'Ymbercourt se haviam espalhado, uma vez que não se via mais constrangido a vigiar seus olhares antes supervisionados pelas mães desejosas de casar suas filhas. Já não se esperava nada dele. Deixara de ser uma presa. Era um homem 'catalogado', e muito embora alguns julgassem secretamente que ele poderia ter feito uma escolha melhor, a coisa fora aceita. Podia até mesmo, sem qualquer inconveniente, dirigir duas ou três frases seguidas a uma moça. Afinal, não era já o marido da sra. d'Ymbercourt?

Junto ao mesmo batente de porta em que Guy de Malivert se apoiava, achava-se um jovem que ele encontrava com frequência no clube que frequentava e cuja maneira de ser, com a marca da excentricidade setentrional, ele apreciava muito. Era o barão de Féroë, um sueco, compatriota de Swedenborg, e como este também inclinado sobre o abismo do misticismo, ocupando-se com o outro mundo tanto quanto seu compatriota. Sua cabeça tinha um formato estranho. Seus cabelos loiros, caindo em mechas quase lisas, pareciam mais claros que sua pele e seu bigode era de uma tonalidade dourada tão pálida, que chegava a ser quase prata. Trazia nos olhos de um tom cinza azulado uma expressão indefinível. Seu olhar, em geral quase escondido pelos longos cílios esbranquiçados, lançavam por vezes uma chama penetrante que parecia enxergar para além da dimensão humana. De resto, o barão de Féroë era por demais cavalheiro para afetar a mínima excentricidade. Suas maneiras eram singelas e frias, de uma correção inglesa, e não se dava ares de iluminado. Como ao sair do chá em casa da sra. d'Ymbercourt naquela noite deveria ir ao baile da embaixada da Áustria, vestia-se a rigor, e sobre seu traje negro, cuja lapela ocultava em parte a condecoração de uma ordem estrangeira, brilhavam numa fina corrente de ouro a cruz do Elefante – a mais antiga condecoração do Reino da Dinamarca – e a cruz de Danebrog, o mérito da Prússia, a ordem de Saint-Alexandre Newsky e outras condecorações das cortes do Norte, que davam testemunho de seus serviços diplomáticos.

O barão de Féroë era de fato um homem singular, mas de uma singularidade que não impressionava de início, tal era sua impassibilidade diplomática. Era visto

com frequência em sociedade, em recepções oficiais, no clube e na Ópera. Porém, sob essa aparência de homem do mundo, vivia de maneira misteriosa. Não tinha amigos íntimos, nem colegas. Em sua casa muito bem arrumada, nenhum visitante jamais fora além do primeiro salão, e a porta que levava aos demais cômodos jamais se abria a ninguém. Como os turcos, destinava apenas uma sala à vida exterior, cômodo que ele mesmo aparentemente não utilizava. Assim que a visita saía, ele se recolhia às profundezas de sua residência. De que se ocupava? Ninguém o sabia. Ali permanecia, às vezes, por longos períodos de recolhimento, e as pessoas que notavam sua ausência atribuíam-na a alguma missão secreta ou a alguma viagem à Suécia, onde morava sua família. Mas qualquer um que passasse às altas horas pela rua pouco movimentada onde o barão habitava veria uma luz a iluminar sua janela e, por vezes, haveria de descobri-lo debruçado em sua varanda, com o olhar perdido nas estrelas. Mas ninguém se interessava em vigiar o barão de Féroë. Ele dava à sociedade estritamente aquilo que ela exigia, e esta não lhe pedia mais do que isso. Junto às mulheres, sua polidez jamais ultrapassava os limites, ainda que tivesse podido, por vezes, aventurar-se um pouco mais sem risco. Apesar de sua frieza, ele não era desagradável. A pureza clássica de seus traços fazia lembrar a escultura greco-escandinava do escultor dinamarquês Albert Bartel Thorvaldsen.

– É um Apolo gelado – dizia a respeito dele a bela duquesa de C... que, segundo boatos, tentara ‘derreter’ aquele gelo.

Como Malivert, o barão de Féroë contemplava costas encantadoras, alvas como a neve, que se apresentavam numa postura ligeiramente curvada que lhes ressaltava deliciosamente as linhas, e que um estranho enfeite feito de pequenas folhas, caindo do penteado, fazia arrepiar, provocando ligeiras cócegas.

– Pessoa encantadora – disse o barão a Guy, cujo olhar ele acompanhara. – Pena que não tenha alma! Aquele que se apaixonar por ela terá o mesmo destino do estudante Nathaniel, do conto *Homme au Sable*, do escritor alemão Hoffmann. Correrá o risco de tomar em seus braços um manequim durante o baile. E essa é uma valsa macabra para um homem de bom coração.

– Fique tranquilo, caro barão – respondeu Guy de Malivert, rindo. – Não tenho qualquer intenção de me ligar à dona desses belos ombros, muito embora belos ombros não sejam, em si mesmos, algo a desdenhar. Neste momento confesso, para minha própria vergonha, que não experimento sombra de paixão por quem quer que seja.

– O que diz? Nem mesmo pela sra. d’Ymbercourt, que dizem que você irá desposar? – replicou o barão de Féroë, fingindo incredulidade.

– Há pessoas na sociedade que casariam o grã-turco com a República de Veneza – falou Malivert, servindo-se de uma frase de Molière. – Escolho permanecer solteiro.

– Faz bem – respondeu o barão, cujo tom passara repentinamente de uma familiaridade amigável a uma solenidade misteriosa. – Não se prenda a nenhum laço terreno. Permaneça livre para o amor, que talvez venha visitá-lo. Os espíritos têm os olhos postos em você e poderia se arrepender eternamente, no outro mundo, por uma falta cometida neste.

Enquanto o jovem barão sueco dizia essa frase estranha, seus olhos de um azul metálico brilhavam singularmente e lançavam raios, cujo calor Guy de Malivert acreditou sentir no próprio peito.

Após os acontecimentos bizarros daquela noite, aquela recomendação bizarra não encontrou Guy tão incrédulo quanto na véspera. Dirigiu seus olhos espantados e repletos de interrogações ao sueco, como a lhe rogar que falasse mais claramente. O sr. de Féroë, contudo, conferiu o horário em seu relógio e disse:

– Chegarei bem tarde à embaixada.

Trocou um aperto de mão enérgico e rápido com Malivert, caminhou em direção à porta sem roçar num único vestido, sem pisar em nenhuma cauda, sem dar um só esbarrão. Apenas abriu espaço suficiente para passar, com uma habilidade delicada que dava prova de seus hábitos sociais.

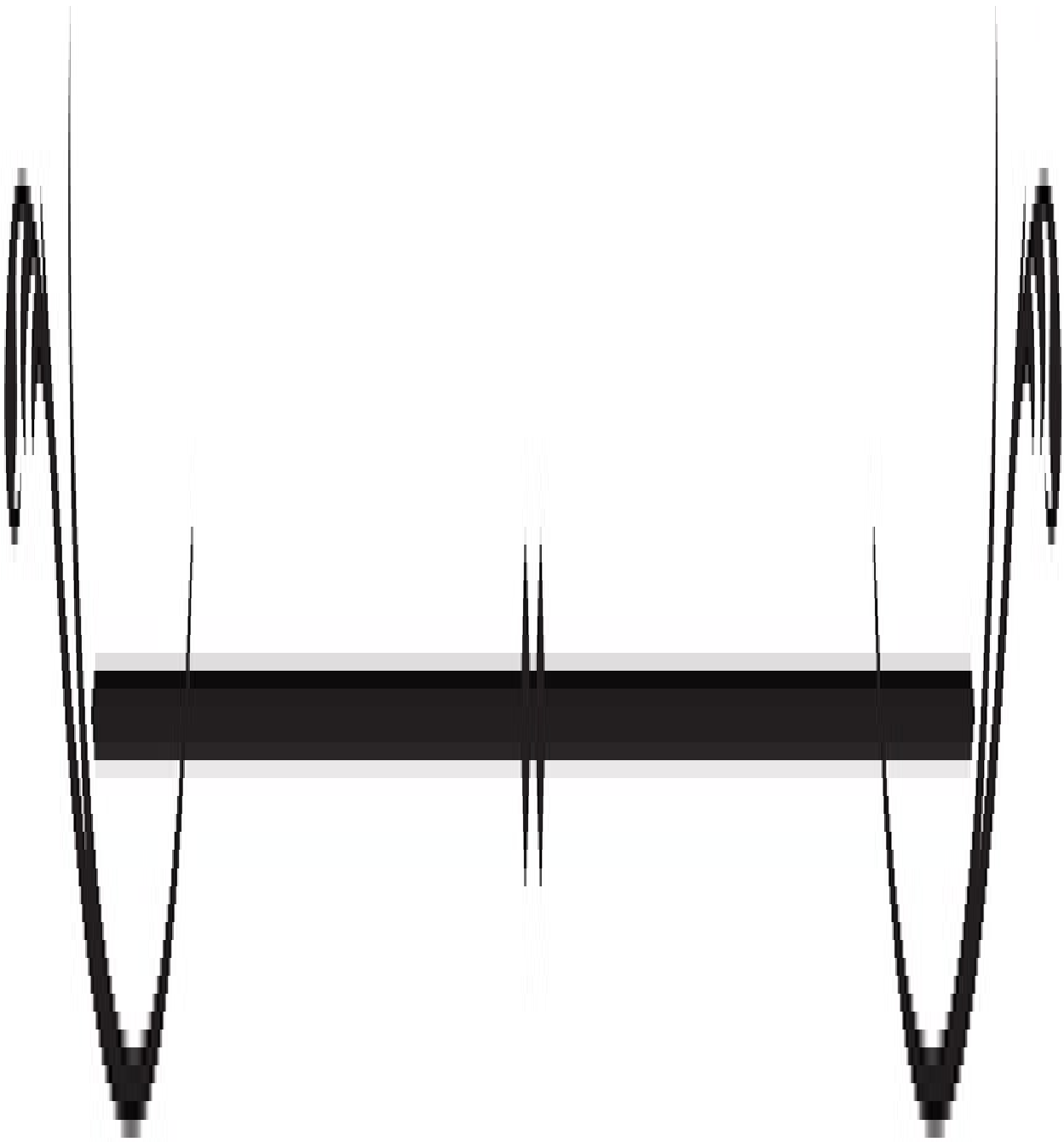
– E então, Guy, você não vem tomar uma xícara de chá? – disse a sra. d’Ymbercourt, que acabava de descobrir seu suposto adorador apoiado contra o batente da porta do pequeno salão com ares de sonhador.

Malivert viu-se forçado a seguir a dona da casa até a mesa onde fumegava a bebida quente num recipiente de prata, cercado por xícaras da China.

O real tentava reconquistar sua presa ao ideal.

-

Capítulo III



A frase singular

do barão de Féroë e sua saída repentina após tê-la dito fizeram com que Guy desse asas à sua imaginação enquanto retornava à sua residência em Saint-Germain ao som do trotar rápido de seu cavalo Grymalkin, ao qual a ideia de sair daquela temperatura glacial e retornar à cavalaria, ao seu compartimento aquecido e forrado com palha desfiada muito agradava, embora sendo um animal de boa raça a baixa temperatura não prejudicava seu desempenho.

– Que diabos terá querido insinuar o barão com seus enigmas pronunciados em tom misterioso? – pensava Malivert, enquanto largava as peças de seu vestuário nas mãos do camareiro Jack. – Féroë é um cavaleiro da civilização menos romântica que existe. É franco, gentil e cortante como uma navalha inglesa, e suas maneiras corretíssimas são de uma frieza capaz de fazer o vento polar parecer morno. É inadmissível que tenha tentado zombar de mim. Ninguém zomba de Guy de Malivert, nem sendo corajoso como o barão de cílios prateados. A troco de que ele faria essa brincadeira? Afinal, não pareceu ter-se divertido. Apenas silenciou, como alguém que nada mais tivesse a dizer. Ora essa, não nos preocupemos mais com essas tolices! Verei o barão amanhã no clube e, dessa vez, ele decerto será mais explícito. Vou me deitar e tratar de dormir, quer os espíritos tenham ou não os olhos postos em mim.

Guy de fato deitou-se, mas o sono não veio como ele esperava, muito embora tenha lançado mão de livros enfadonhos, pelos quais correram os olhos maquinalmente. Apesar de seus esforços, escutava os ruídos imperceptíveis que se destacam ainda mais no completo silêncio. A pausa do mecanismo do pêndulo antes de bater horas inteiras ou meias horas, o crepitar de uma fagulha sob as cinzas, o estalar dos painéis de madeira pelo efeito do calor, o ruído da gota de óleo ao cair na lâmpada, o sopro do vento encanado passando pela lareira e assoviando baixinho por sob a porta apesar dos vedantes, a queda inesperada de um jornal de sua cama para o chão causavam-lhe sobressaltos, como o teria feito o disparo de uma arma de fogo, de tal modo seus nervos achavam-se tensos. Sua audição estava superexcitada, a ponto de fazê-lo ouvir a pulsação de suas artérias e as batidas de seu coração, que lhe repercutiam na garganta. Mas entre todos esses murmúrios confusos, não conseguia distinguir nada que se assemelhasse a um suspiro.

Seus olhos que se fechavam vez por outra, na esperança de atrair o sono, tornavam a se abrir depressa e perscrutavam os cantos de seus aposentos com uma curiosidade apreensiva. Guy desejava ardentemente ver alguma coisa e, contudo, duvidava que seu desejo se realizasse. Por vezes suas pupilas dilatadas imaginavam perceber formas vagas nos cantos que a claridade da lâmpada do abajur verde não atingia. As dobras das cortinas assumiam o aspecto de trajes femininos e pareciam palpitar, como se agitados pelo movimento de um corpo, mas isso era pura ilusão. Pequenas chamas, pontos luminosos, manchas de desenho que se alteravam, borboletas, filetes ondulados e sinuosos dançavam, pululavam, cresciam e diminuía ante seus olhos fatigados, sem que conseguisse discernir algo que fosse digno de consideração.

Tomado por uma agitação indescritível e sentindo a presença do desconhecido em seus aposentos, embora nada ouvisse nem visse, Guy levantou-se, vestiu um abrigo de pelo de camelo que trouxera do Cairo, lançou dois ou três pedaços de lenha sobre as brasas e foi sentar-se junto à chaminé, numa ampla poltrona mais confortável para a insônia do que o leito desfeito por uma vigília febril. Próximo à poltrona, viu sobre o tapete um papel amassado, que apanhou. Era a carta que escrevera à sra. d'Ymbercourt sob aquele misterioso impulso que ele ainda não podia compreender. Apanhou-a, alisou o papel e notou, examinando com cuidado que a caligrafia daquelas linhas não se parecia muito com a sua. Era como se uma mão impaciente, que não se pudera limitar a seguir exatamente o modelo, numa cópia, tivesse mesclado linhas e características de sua própria letra. O aspecto era mais elegante, mais fino, mais feminino.

Enquanto notava esses detalhes, Guy de Malivert pensou no conto Escaravelho de ouro, de Edgard Allan Poe, e na incrível sagacidade com que a personagem Willian Legrand consegue decifrar o significado da carta cifrada em que o Capitão Kid indicava, de maneira enigmática, o lugar exato em que escondera a arca que continha seus tesouros. Guy bem que desejava possuir aquela intuição profunda capaz de deduzir de maneira tão ousada e precisa, suprimindo as lacunas e reunindo os fios dispersos da trama. Neste caso, porém, nem o próprio Legrand com o auxílio da personagem Auguste Dupin dos contos A carta roubada e Assassinato na Rua Morgue, ambos também de autoria de Poe, teriam conseguido humanamente desvendar o poder secreto que dominara a mão de Malivert.

Entretanto, Guy acabou por adormecer, naquele sono pesado e perturbado que acompanha uma noite de insônia e antecede o raiar da aurora. Mas despertou

quando Jack entrou para alimentar a lareira e ajudar o patrão em sua primeira toaleta. Guy sentia-se friorento e indisposto. Bocejou, alongou-se, sacudiu-se, lavou o rosto com água fria e, reanimado por essas abluções tônicas, assumiu depressa o autocontrole. A manhã de olhos cinzentos, como escreveu Shakespeare, descia, não sobre as encostas das colinas verdes, mas sobre as laterais dos tetos brancos, penetrando no apartamento cujas cortinas e venezianas Jack tinha aberto, devolvendo a cada coisa seu aspecto real e afugentando as fantasias noturnas. Nada tranquiliza tanto quanto a luz do sol, ainda que seja um sol pálido de inverno, como o que penetrava através das ramagens arborescentes que a geada cobria.

De volta aos sentimentos habituais da vida, Malivert admirava-se ao pensar na noite de agitação que passara e disse a si mesmo: “Nunca imaginei que fosse tão nervoso.”

A seguir, desatou a faixa que prendia os jornais que Jack acabava de trazer, correu os olhos pelos folhetins, leu algumas notícias diversas, apanhou o volume de Evangeline que deixara na véspera, fumou um charuto e depois de ficar envolvido por diversas ocupações até às 11 horas, vestiu-se e, a fim de exercitar-se um pouco, decidiu ir a pé até o Café Bignon para almoçar.

A geada da manhã havia endurecido a neve que caíra à noite e, ao atravessar o Jardim de Tuileries, Malivert deleitou-se em apreciar as estátuas mitológicas polvilhadas de branco e as enormes castanheiras cobertas por inteiro como que por uma pelúcia prateada. Almoçou bem e sem pressa, a fim de recuperar-se da noite insone e fatigante, conversou alegremente com alguns companheiros joviais, fina flor da lógica e do ceticismo parisiense, que tinham adotado como lema a máxima grega: “Lembre-se de não crer.” Nos momentos das anedotas mais picantes, porém, Guy sorria um tanto contrafeito. Não era dado aos paradoxos da incredulidade, nem às arrogâncias do cinismo. A frase do barão de Féroë veio-lhe involuntariamente à mente: “Os espíritos têm os olhos postos em você” e teve a impressão de sentir uma testemunha de natureza misteriosa às suas costas. Levantou-se, saudou com a mão os alegres tagarelas e foi caminhar um pouco pelo boulevard, onde acontecem em um dia mais aventuras do que no mundo inteiro em um ano, e, encontrando-o um pouco deserto devido ao frio e à hora, dobrou maquinalmente a esquina da rua Chaussée-d’Antin. Pouco depois, estava diante da residência da sra. d’Ymbercourt. No exato momento em que estava para tocar a campainha, porém, acreditou sentir um sopro junto à sua orelha e nesse sopro ouvir, baixinho, mas claramente, as palavras: “Não entre.”

Voltou-se rapidamente, mas não viu ninguém.

– Ora essa! – murmurou consigo mesmo. – Será que estou ficando louco? Tenho alucinações em pleno dia agora? Devo obedecer ou não a essa ordem bizarra?

No movimento brusco de virar-se, a mão já colocada sobre a campainha, apertou-a. A porta se abriu e o porteiro, de pé em seu compartimento, fitou Malivert que hesitava na soleira. Acabou entrando, embora agora sem vontade, depois do incidente sobrenatural que acabara de ocorrer, e foi recebido pela sra. d’Ymbercourt no pequeno salão dourado enfeitado de azul, onde ela recebia as visitas matinais, ambiente cuja cor desagradava particularmente a Guy.

– O amarelo não é a cor das morenas? – falou a condessa a Malivert, que mais de uma vez dera-se o direito de solicitar-lhe a mudança daquela cor odiosa.

A sra. d’Ymbercourt vestia uma saia de tafetá negro e uma blusa brilhante de cor vistosa bordada, mais enfeitada de vidrilhos e passamanarias do que uma dama jamais usaria para ir a um festival ou corrida de touros. Embora fosse uma dama da sociedade, a condessa cometia o erro de deixar que a vestissem com trajés impossíveis, como os das bonecas com boca em formato de coração e bochechas rosadas que os figurinos gostam de mostrar.

Ao contrário do habitual, a condessa tinha um ar sério. Uma nuvem de contrariedade obscurecia-lhe o rosto em geral sereno e os cantos dos lábios mostravam-se levemente caídos. Uma de suas amigas acabava de deixá-la e tinha-lhe perguntado, com a falsa gentileza típica das mulheres em tais ocasiões, para quando estava marcado seu casamento com Guy de Malivert. A condessa enrubescera, hesitara e respondera vagamente, dizendo que seria em breve. O fato era que Guy, que a sociedade lhe dera por esposo, jamais tinha lhe pedido a mão e nem mesmo feito uma declaração formal, coisa que a sra. d’Ymbercourt atribuía a uma timidez respeitosa, como também ao sentimento de incerteza que todo jovem experimenta no momento de deixar a vida livre de solteiro. Porém, acreditava firmemente que ele se pronunciaria mais dia, menos dia, e já se sentia tão bem como sua esposa, que tinha em mente todas as alterações que a presença de um marido traria à sua residência. “Aqui serão os aposentos, o gabinete de estudo, a sala para fumantes de Guy”, dissera a si mesma várias vezes ao contemplar certos cômodos de sua casa.

Embora a condessa não fosse de seu agrado, Guy não podia negar que era

corretamente bela, de reputação intacta e dona de uma fortuna bastante considerável. E ele se deixara levar, sem compromisso, como todas as pessoas de coração vazio, tendo-se habituado àquela casa, onde era melhor acolhido do que em qualquer outra. E voltava a visitá-la porque após alguns dias de ausência recebia um bilhete de insistência amável, que o forçava a reaparecer.

Afinal, por que não iria lá? A sra. d'Ymbercourt recebia pessoas bastante agradáveis e lá ele reencontraria, em determinados dias, alguns dos amigos que lhe seria menos cômodo buscar no burburinho da vida parisiense.

– Parece abatida – Malivert disse à condessa. – Será que passou uma noite agitada por causa dos excitantes do chá verde?

– Oh, não! Misturo tanto creme ao chá, que ele perde toda a força. Além disso, sou imune a chás. Não me afetam em nada. Não é isso. Estou apenas contrariada.

– Será que minha visita é inoportuna e atrapalho algum de seus planos? Se for assim, eu me retiro e será como se, não a tendo encontrado, tivesse deixado meu cartão com seu porteiro.

– Não me atrapalha de maneira alguma e sabe que sempre tenho prazer em vê-lo – respondeu a condessa. – Suas visitas, e talvez fosse melhor que eu não lhe dissesse isso, parecem-me mesmo raras, embora pareçam aos outros muito frequentes.

– Mas você não é livre, sem pais importunos, irmãos inconvenientes, tios rabugentos e sem tia acompanhante fazendo tapeçaria à janela? A natureza gentil livrou-a desse grupo de seres desagradáveis que em geral rondam uma mulher bonita, deixando-lhe apenas suas heranças. Pode receber quem quiser, pois não depende de ninguém.

– É verdade – replicou a sra. d'Ymbercourt. – Não dependo de ninguém e, ao mesmo tempo, dependo de toda a sociedade. Uma mulher jamais é emancipada, embora seja viúva e aparentemente dona de suas ações. Uma multidão de vigias desinteressados a cercam e se ocupam de suas coisas. Assim sendo, meu caro Guy, você me compromete.

– Eu a comprometo! – exclamou Malivert com sincera surpresa, que dava testemunho de uma modéstia bem rara num jovem de 28 anos, de boa aparência, trajando-se na Maison Renard e tendo suas calças confeccionadas na Inglaterra.

– Por que eu e não d’Aversac, Beaumont, Yanowski e Féroë, que vêm aqui com muita frequência?

– Eu não saberia dizê-lo – respondeu a condessa. – Talvez você seja perigoso sem o saber, ou talvez a sociedade tenha reconhecido em você um poder que você mesmo desconhece. Ninguém menciona esses outros cavalheiros. Achrom muito natural que compareçam às minhas reuniões de quarta-feira, que me visitem às vezes das 5 às 6 horas quando regressam do passeio no lago e que me saúdem em meu camarote no Bouffons e na Ópera. Mas as mesmas ações, inocentes em si mesmas, quando feitas por você, assumem, ao que parece, uma significação terrível.

– E, todavia, sou o rapaz mais correto do mundo e ninguém jamais teve o que dizer a meu respeito. Não tenho um fraque azul, como a personagem Werther, de Goethe, nem um gibão acolchoado como Dom Juan. Ninguém me viu tocando violão sob uma varanda. Não vou às corridas de carruagens em companhia de senhoritas em trajes suspeitos, e não falo de sentimentos diante de mulheres bonitas nas recepções, a fim de enaltecer a pureza e a delicadeza de meu coração. Ninguém me vê postado contra uma coluna, com a mão no colete, a olhar silenciosamente, com ar sombrio e fatal para uma pálida beldade que faça lembrar a personagem Kitty Bell, de Alfred de Vigny. Trago, por acaso, nos dedos, cachos de cabelos escondidos, ou violetas de Parma, dadas por ela, escondidas no peito? Reviste minhas gavetas mais íntimas e não encontrará retratos de loiras ou morenas, nem maços de cartas perfumadas atadas com fitas de seda ou elástico, nem pantufas bordadas, nem máscaras rendadas, nem qualquer dessas coisas que compõem o museu secreto dos enamorados. Francamente, tenho jeito de aventureiro?

– Você é bastante modesto – a sra. d’Ymbercourt tornou a dizer. – Ou gosta de se fazer de inocente. As pessoas, infelizmente, não pensam assim. Falam muito acerca das atenções que você me dispensa, embora eu não veja mal nenhum nelas.

– Muito bem! – exclamou Malivert. – Tratarei de espaçar minhas visitas. Passarei a vir de quinze em quinze dias, e em seguida farei uma viagem. Onde poderei ir? Conheço a Espanha, a Itália, a Alemanha e a Rússia. Talvez eu vá à Grécia! Não para visitar Atenas, a Acrópole e o Partenon é um crime! Pode-se ir por Marselha ou embarcar em Trieste, nos barcos a vapor do Lloyd Austríaco. Chega-se a Corfu e se vê, de passagem, Ítaca bem exposta ao sol poente, hoje

como nos tempos de Homero. Penetra-se até o fundo do Golfo de Lepanto. Atravessa-se o istmo, vê-se o que resta de Corinto, onde a maior parte das pessoas não poderia se dar ao luxo de ir. Toma-se outro barco e dentro de algumas horas chega-se ao Pireu. Foi nosso amigo Beaumont que me contou isso. Partiu para essa viagem repleto de ideias românticas. Contemplou os painéis sobre sua cabeça e não quer mais ouvir falar em catedrais. Agora ele é um clássico rígido. Acredita que depois dos gregos a humanidade retornou ao estado de barbárie e que nossas pretensas civilizações nada mais são que variações da decadência.

A sra. d'Ymbercourt sentia-se pouco lisonjeada com aquele lirismo geográfico e encontrava em Guy de Malivert uma docilidade um tanto exagerada para não comprometê-la. O cuidado com sua reputação, levado ao limite da fuga, não a satisfazia.

– Quem lhe pede para ir à Grécia? – ela perguntou a Guy e acrescentou com ligeiro rubor e um imperceptível tremor na voz. – Além do mais, não haveria uma maneira bem mais simples de calar os maledicentes do que deixar seus amigos e se arriscar num país que não é seguro, de acordo com o Rei das Montanhas do escritor Edmond About?

Receando ter dito uma frase excessivamente clara, a condessa sentiu que um rubor mais forte lhe cobria o rosto e o colo. Sua respiração levemente arfante fazia tinar sobre seu peito os vidrilhos de sua blusa. Então, ela ergueu para Malivert os olhos, que um brilho de emoção tornava realmente belos. A sra. d'Ymbercourt amava Guy, seu muito silencioso admirador, tanto quanto uma mulher de sua natureza era capaz de amar. A maneira ao mesmo tempo negligente e correta como ele usava a gravata lhe agradava. E, com a profunda lógica feminina, que os filósofos mais sutis têm dificuldade em compreender, ela concluía que aquele nó da gravata de Malivert possuía todas as qualidades que fazem um excelente marido. Aquele futuro marido, porém, caminhava para o altar a passos bem lentos e não parecia ter pressa alguma em acender os castiçais para a festa de núpcias.

Guy compreendia bem o que a sra. d'Ymbercourt pretendia dizer. Mais do que nunca, porém, temia comprometer-se por uma frase imprudente.

– Sem dúvida... Sem dúvida... Mas estou certo de que a viagem cortará qualquer insinuação pela raiz e, quando voltar, veremos o que haverá de melhor a ser

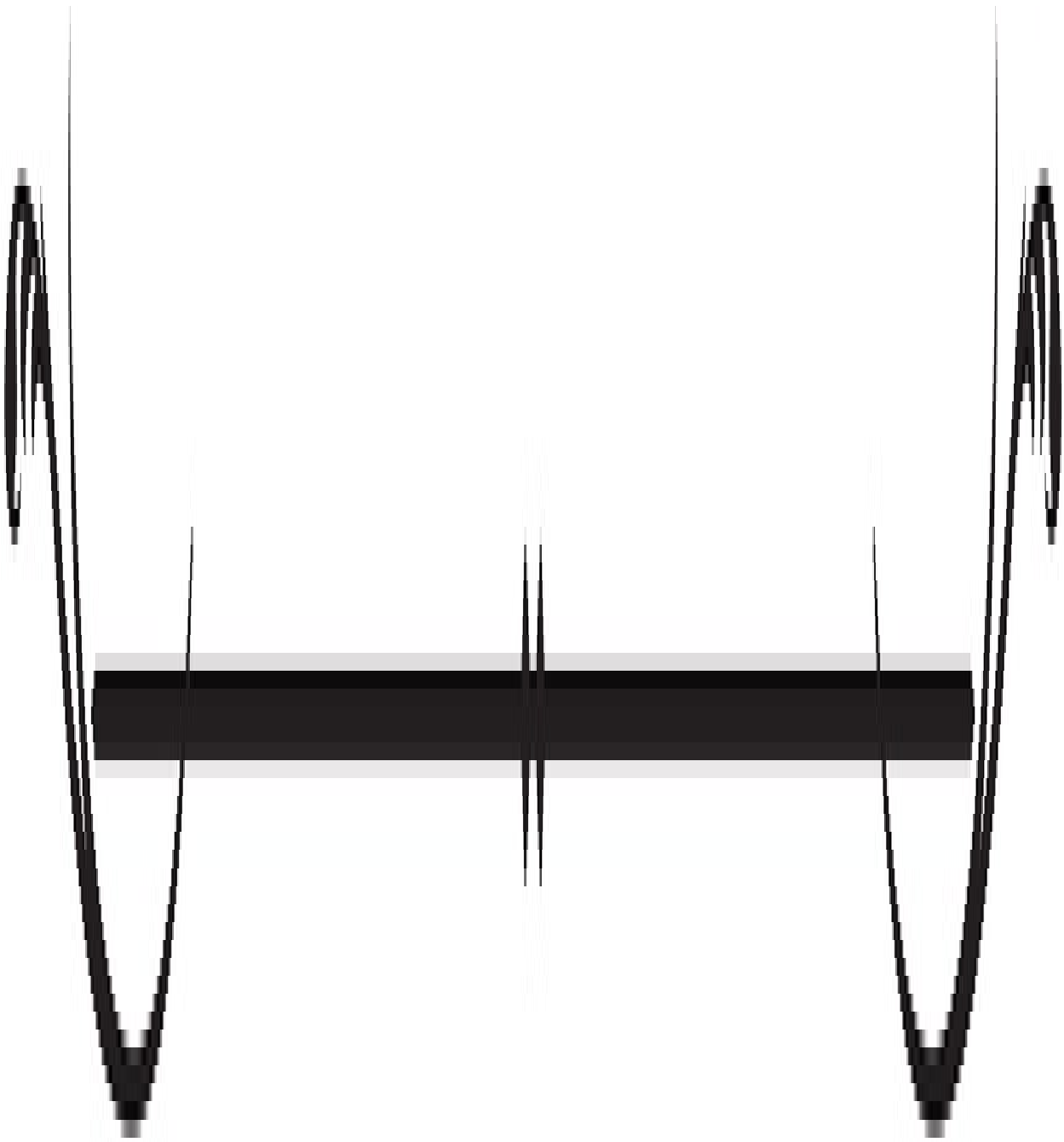
feito.

Diante daquela resposta tão vaga e fria, a condessa fez um movimento de despeito e mordeu os lábios. Muito embaraçado, Guy manteve-se em silêncio, e a situação permaneceu assim até que um criado veio quebrar aquele clima, anunciando:

– O sr. barão de Féroë!

—

Capítulo IV



Malivert não conseguiu

conter um suspiro de satisfação, ao ver entrar o barão sueco. Jamais uma visita viera em tão boa hora e Guy dirigiu a Féroë um olhar repleto de gratidão. Sem aquela interrupção oportuna, ele teria ficado numa situação particularmente embaraçosa. Teria tido que responder de maneira categórica à senhora d'Ymbercourt e nada o desagradava mais que aquelas explicações formais. Preferia calar-se a prometer. Até mesmo para coisas sem importância tomava o cuidado de não se comprometer.

O olhar que a sra. d'Ymbercourt dirigiu ao barão de Féroë não refletia a mesma benevolência que o de Malivert. Se os hábitos sociais não ensinassem a dissimular o que se sente, teria sido possível ler naquele rápido olhar um misto de reprovação, impaciência e cólera. A chegada daquela personagem inconveniente afastara uma oportunidade que talvez não se tornasse a apresentar tão cedo e que dera trabalho à sra. d'Ymbercourt provocar. Pois, com certeza, Guy não buscava tal situação e se esforçava para evitá-la. Embora em determinadas circunstâncias Guy demonstrasse decisão e coragem, causava-lhe certa apreensão tudo que pudesse prender sua vida de uma ou outra maneira. Sua inteligência dava-lhe acesso a todas as carreiras, mas não quisera seguir nenhuma, porque talvez uma escolha o tivesse desviado de seu verdadeiro caminho. Não se conhecia nenhuma predileção particular sua, exceto o hábito pouco atrativo que o conduzia à casa da condessa com mais frequência que a outros lugares, o que fazia supor a existência de projetos de casamento entre eles. Todo tipo de vínculo ou obrigação inspirava-lhe desconfiança e poder-se-ia dizer que, influenciado por um instinto secreto, tratava de se manter livre para algum acontecimento futuro.

Após a troca das primeiras formalidades, vagos acordos pelos quais se antecede uma conversação, como o artista que experimenta o teclado antes de iniciar a execução, o barão de Féroë iniciou, por uma dessas expressões que levam de um assunto a outro, uma dissertação estética e transcendental acerca das mais incompreensíveis óperas de Wagner: O navio fantasma, Lohengrin e Tristão e Isolda. Embora a sra. d'Ymbercourt tocasse bem o piano e fosse uma das melhores alunas do famoso pianista Herz, nada entendia de música, sobretudo de uma música tão profunda, misteriosa e complicada quanto a do maestro cuja ópera Tannhäuser tanto tumulto provocara na França. Ela respondia de quando

em quando às análises entusiasmadas do barão, enquanto bordava a tapeçaria que retirara de uma cesta ao lado da poltrona em que habitualmente se sentava, não muito distante da lareira. Fazia aquele tipo de objeções banais que se costuma fazer acerca de toda música nova e que se dirigia a Rossini tanto quanto a Wagner, falando de falta de ritmo, ausência de melodia, obscuridade, abuso de metais, complicação desordenada da orquestra, alarido ensurdecador e, por fim, impossibilidade material de execução.

– Eis aí uma dissertação demasiado técnica para mim que sou um pobre ignorante quanto a música, emocionando-me ante o que me parece belo, admirador de Bethoven e mesmo de Verdi, ainda que isso não seja de bom tom numa época em que se deve ser, como no tempo dos defensores de Gluck e de Piccini, do partido do rei ou da rainha. Portanto, deixo o debate para vocês, já que não posso trazer luz à discussão, sendo capaz de murmurar tão somente aquele hum-hum ocasional, como o ignorante tomado por árbitro numa discussão filosófica a favor de Molière ou Chapelle.

Tendo dito isso, Guy de Malivert levantou-se para ir embora. A sra. d’Ymbercourt, cuja mão tomara à inglesa, lançou sobre ele um olhar que queria dizer: “Fique!”, de maneira tão evidente quanto a reserva de uma mulher da sociedade o permitia. Com esse olhar acompanhou disfarçadamente Malivert até a porta, numa expressão de tristeza que sem dúvida o teria tocado caso tivesse podido vê-la. Mas sua atenção voltava-se para a fisionomia imperiosamente tranquila do sueco, que parecia dizer: “Não torne a se expor ao perigo do qual o tirei”.

Ao chegar à rua, Guy pensou, não sem certo temor, na advertência sobrenatural que recebera antes de entrar na residência da sra. d’Ymbercourt e na visita do barão de Féroë, que coincidira de modo singular com sua desobediência àquele conselho misterioso. O barão parecia ter sido enviado para ajudá-lo pelas potências ocultas, cuja presença ele sentia vagamente ao seu redor. Guy de Malivert, sem ser sistematicamente incrédulo nem cético, não tinha uma fé fácil e nunca fora dado aos devaneios dos magnetizadores, às mesas girantes e espíritos batedores. Tinha mesmo certa repulsa por esse tipo de experiências nas quais se tenta expor o maravilhoso e tinha se recusado a ver o célebre médium inglês Home, que em certa ocasião ocupara as atenções de toda Paris. Ainda na véspera vivia como um rapaz despreocupado, bem-humorado, bastante satisfeito por estar no mundo onde não fazia má figura, limitado ao círculo das coisas visíveis, e pouco se importando com o fato de o planeta arrastar em suas voltas

ao redor do Sol uma atmosfera animada ou não, uma população de seres invisíveis e impalpáveis. Mas não podia negar que as condições de sua vida tinham mudado. Um elemento novo, sem que ele o houvesse chamado, buscava se introduzir em sua vida até então tranquila, da qual ele tivera o cuidado de banir tudo que fosse passível de perturbá-lo. E isso não era nada: um suspiro tênue como o gemido de uma harpa eólica, uma substituição de pensamentos em uma letra mecanicamente escrita, três palavras sussurradas ao seu ouvido, o encontro com um barão swedenborguista³ de ar solene e fatídico. Mas era evidente que o espírito circulava ao seu redor, procurando a quem pudesse devorar, como diz a Bíblia em sua eterna sabedoria.

Pensando no destino, Guy de Malivert chegou ao centro dos Campos Elíseos, sem que tivesse tido a intenção de ir àquele lugar mais que a outro qualquer. Seu corpo o levava até lá e ele se deixara conduzir. Havia pouca gente por lá, apenas alguns obstinados que fazem exercícios em todas as estações, abrindo buracos no gelo dos rios para lá se banhar, voltando do bosque com o nariz azul e as bochechas cor de violeta, montados em cavalos munidos de joelheiras. Dois ou três deles acenaram amigavelmente para Guy, que chegou mesmo a receber, embora estivesse a pé, um gracioso sorriso de uma das celebridades do submundo que, instalada numa carruagem descoberta, exibia uma fortuna em peles trazidas da Rússia.

– Como estou a sós, o público disputa minha atenção – pensou Malivert. – Cora não me teria dirigido uma saudação como aquela no verão. Mas que diabos vim fazer aqui? Afinal, esta não é a estação dos jantares sob o caramanchão, no Moulin Rouge, com Marco ou com a baronesa d’Ange e, além do mais, sinto-me um tanto indisposto. Todavia, é hora de pensar, como diz Rabelais, na reparação que tenho pela frente. Eis que o sol se põe por detrás do Arc de l’Étoile.

De fato, o arco daquela porta imensa, que se abre sobre o céu, emoldurava um quadro de nuvens bizarramente amontoadas e debruadas em seu contorno por uma espuma de luz. O vento da noite imprimia um ligeiro tremor àquelas formas flutuantes, o que lhes emprestava um tipo de vida e, como nas ilustrações de Gustave Doré, em que os sonhos que povoam o cérebro da personagem se refletem contra as nuvens, mostrando ao Judeu Errante o Cristo subindo o Calvário e a Dom Quixote os cavaleiros errantes em luta contra os feiticeiros, ter-se-ia facilmente distinguido figuras e grupos naquele amálgama de vapores sombrios perpassados pelos raios. Malivert acreditou distinguir anjos com grandes asas de fogo pairando sobre um amontoado de seres indistintos que se

agitavam sobre um banco de nuvens negras, semelhantes a um promontório banhado pela sombra, no meio de um mar fosforescente. Por vezes, uma das figuras mais abaixo destacava-se da multidão e subia para as regiões iluminadas, atravessando o disco avermelhado do sol. Tendo chegado lá, a figura voava, por um instante ao lado de um dos anjos e se fundia em luz. Sem dúvida, era preciso que a imaginação acabasse aquele esboço contrastante e cambiante. E de um quadro de nuvens pode-se dizer como no diálogo entre Hamlet e Polonius: É um camelo. A menos, é claro, que seja uma baleia. E em ambos os casos é permitido responder afirmativamente, sem ser considerado um adulator tolo.

A noite que caía fez com que aquela visão vaporosa se desvanecesse. O gás aceso no alto dos lampadários logo traçou, da Praça da Concórdia até o Arc de l'Étoile, dois cordões de fogo, cujo efeito mágico surpreende os estrangeiros que entram em Paris à noite por aquela avenida triunfal. Tomando um coche de aluguel, Guy dirigiu-se à rua de Choiseul, onde ficava o clube ao qual pertencia. Após passar o casaco às mãos de um dos criados uniformizados que permaneciam em pé na antecâmara, folheou o registro assinado pelos convivas daquela noite e viu, com satisfação, que o nome do barão de Féroë ali estava escrito. Escreveu o seu logo abaixo, para em seguida atravessar o salão de bilhar, onde um dos criados aguardava melancolicamente que alguns dos cavalheiros ali presentes se decidissem a jogar uma partida. Atravessou depois outras salas altas, amplas, mobiliadas com todos os requintes do conforto moderno, mantidas numa temperatura estável por um aquecedor possante. Além disso, enormes pedaços de lenha transformavam-se em brasas sobre os suportes monumentais das grandes lareiras. Apenas quatro ou cinco membros do círculo acomodavam-se nos divãs ou, com os cotovelos apoiados sobre a grande mesa verde do salão de leitura, passavam os olhos distraidamente pelos jornais e revistas dispostos numa ordem metódica, reorganizados imediatamente quando tirados da ordem. Dois ou três cavalheiros expediam sua correspondência amorosa ou de negócios no papel do clube.

A hora do jantar se aproximava e os convivas conversavam, enquanto aguardavam que o maître anunciasse que a refeição estava servida. Guy começava a recear que o barão não viesse, mas quando se dirigia à sala de jantar, o barão chegou e tomou assento a seu lado. O jantar, servido com grande luxo em cristais, pratarias e réchauds de prata, foi muito requintado, e cada um o regava a seu gosto, uns com vinho de Bordeaux, outros com champanhe e outros ainda com cerveja, conforme seu capricho ou hábito. Alguns de gosto bastante à inglesa, pediam um copo de cherry ou vinho do Porto, que serviçais altos,

vestidos com calções, traziam cerimoniosamente em bandejas lavradas com as iniciais do clube. Cada qual seguia sua fantasia, sem se preocupar com seu vizinho, uma vez que no clube todos estavam em casa.

Contrariamente ao seu costume, Guy pouca importância dava ao jantar. Deixava a metade da refeição no prato e esvaziava bem vagarosamente a garrafa de vinho Château Margaux colocada à sua frente.

– Não haveria necessidade de dirigir-lhe a crítica que o anjo branco dirigiu, certo dia, a Swedenborg: “Você come demais!” – disse o barão de Féroë. – Você está de uma sobriedade exemplar esta noite e seria de crer que você está procurando se espiritualizar pelo jejum.

– Não sei se algumas garfadas a mais ou a menos me libertariam a alma da matéria e tornariam mais diáfanos os véus que separam as coisas invisíveis das coisas visíveis – respondeu Malivert. – Mas estou sem apetite. Confesso que certas circunstâncias, que você parece não ignorar, deixaram-me um tanto atônito desde ontem e lançaram-me numa preocupação que não me é habitual. Em geral não fico disperso à mesa, mas hoje outros pensamentos me dominam, independentemente da minha vontade. Tem planos para esta noite, barão? Se não tiver nada de útil ou agradável a fazer, gostaria de propor-lhe que, após o café, fumássemos alguns charutos no divã do pequeno salão de música, onde não seremos perturbados, a menos que algum desses cavalheiros decida atacar o piano, o que é pouco provável. Nossos músicos estão ausentes esta noite, ocupados em assistir o ensaio geral da nova ópera.

O barão de Féroë aceitou a proposta de Malivert com grande polidez, respondendo gentilmente que não poderia haver outra maneira melhor de empregar o tempo naquele lugar.

Os dois cavalheiros dirigiram-se então ao divã e passaram algum tempo a dar boas tragadas nos excelentes charutos de Havana, enquanto cada qual refletia acerca da conversa necessariamente bizarra que não tardariam a iniciar. Após algumas observações sobre a qualidade do tabaco que fumavam e quanto à preferência que se deve dar aos trajes escuros, o barão sueco abordou o assunto de que Malivert estava ávido a tratar.

– Permita, antes de tudo, que eu lhe peça desculpas pelo conselho enigmático que me permiti dar-lhe, na outra noite, na residência da sra. d’Ymbercourt. Você

nada me havia confidenciado e foi um tipo de indiscrição de minha parte ter penetrado em sua mente, sem que você o tivesse permitido. Eu não o teria feito, pois não é de minha natureza deixar de lado meu papel de homem da sociedade pelo de mágico, se você não me tivesse suscitado um vivo interesse e se eu não houvesse reconhecido os sinais, perceptíveis somente pelos adeptos, de que você recebeu recentemente a visita de um espírito ou, pelo menos, de que o mundo invisível buscava entrar em comunicação com você.

Guy respondeu que o barão não o havia chocado de modo algum e que, em uma situação tão nova, ficara, muito pelo contrário, feliz por ter encontrado um guia que parecia tão a par das coisas sobrenaturais e cujo caráter sério conhecia.

– Percebeu bem que não abro mão facilmente da reserva – disse o barão com uma leve inclinação de cabeça, à guisa de agradecimento. – Mas o fato é que talvez você tenha visto o suficiente para não acreditar que tudo termina onde se detêm os sentidos. Não temo, daqui para frente, que, se nossa conversa se ativer a esses assuntos misteriosos, você venha a me considerar um visionário ou um iluminado. Minha posição me coloca acima de qualquer suspeita de charlatanismo e, além disso, presto contas à sociedade tão somente de minha vida exterior. Não vou perguntar o que aconteceu com você, mas posso ver que se ocupam de você fora da esfera a que se limita habitualmente a vida comum.

– Sim – confirmou Guy de Malivert. – Algo de indefinível paira ao meu redor e acredito não cometer uma indiscrição para com os espíritos com os quais você mantém melhores relações, ao relatar em detalhes o que você pressentiu com sua intuição extra-humana.

A seguir, Guy comunicou ao barão de Féroë os acontecimentos que haviam assinalado sua noite anterior.

O barão sueco escutava-o com extrema atenção, enquanto retorcia as pontas de seu bigode cor de ouro pálido, sem manifestar a menor surpresa. Manteve-se em silêncio por um instante e parecia refletir profundamente. Então, como se aquela frase resumisse todo um encadeamento de pensamentos íntimos, perguntou a Guy, de supetão:

– Sr. de Malivert, alguma vez uma jovem morreu de amor por você?

– Nenhuma, pelo que eu saiba – respondeu Malivert. – Não tenho a arrogância de pensar que sou capaz de inspirar tais desesposos. Meus amores, se assim

posso chamar a ligação inconsequente de duas fantasias, foram muito pacíficas, bem pouco romanescas, e se desfizeram tão facilmente quanto haviam iniciado. E para evitar cenas patéticas, às quais tenho horror, sempre dei um jeito de ser traído e abandonado. Meu amor-próprio fazia, de bom grado, esse pequeno sacrifício em prol de meu sossego. Assim sendo, acredito não ter deixado para trás muitas Ariadnes inconsoláveis. Nessas historietas da mitologia parisiense, a chegada de Baco antecedia regularmente a partida de Teseu. Além disso, devo confessar, muito embora possa dar-lhe uma ideia medíocre de minhas faculdades afetivas, que jamais senti por ninguém essa paixão intensa, exclusiva, desvairada, da qual todos falam talvez sem tê-la experimentado. Nenhum ser me inspirou a ideia de uma ligação por um laço indissolúvel, nem me fez sonhar com projetos de existências duplas confundidas em uma só, nem essas fugas rumo a um paraíso azul de luz e de frescor que dizem que o amor é capaz de construir até mesmo numa choupana ou num celeiro.

– Isso não quer dizer, meu caro Guy, que você não seja capaz de se apaixonar. Há vários tipos de amor e, sem dúvida, você deve ter sido reservado, lá onde se decide a sorte das almas, a destinações mais elevadas. Mas ainda é tempo. O consentimento da vontade dá apenas acesso dos espíritos a nós. Você se encontra no limiar de um mundo ilimitado, profundo, misterioso, repleto de ilusões e trevas, onde influências boas e más, entre as quais é preciso discernir, lutam entre si. Vê-se ali maravilhas e horrores capazes de perturbar a razão humana. Ninguém volta do fundo desse abismo sem trazer na fronte uma palidez que não se apaga. Os olhos carnis não contemplam impunemente o que é reservado aos olhos da alma. Essas viagens fora de nossa esfera causam fadigas indescritíveis e, ao mesmo tempo, inspiram nostalgias desesperadas. Detenha-se nesse limite perigoso, não passe de um mundo a outro e não responda ao chamado que busca atraí-lo para fora da vida sensível. Os evocadores permanecem, com certeza, no círculo que traçam ao redor de si e que os espíritos não podem transpor. Que a realidade seja esse círculo para você. Não saia dele, pois fora dele seu poder cessará. Você pode ver que, para um bruxo, não sou dado ao proselitismo.

– Devo temer, então, as aventuras nesse mundo invisível que nos cerca e cuja presença se revela apenas a um número restrito de privilegiados? – perguntou Malivert.

– Não – respondeu o barão de Féroë. – Nada que possa ser visto por olhos humanos lhe acontecerá, mas sua alma poderá ficar profundamente perturbada para sempre.

– O espírito que me dá a honra de se ocupar de mim é de natureza perigosa?

– É um espírito simpático, benevolente e amoroso. Eu o vi envolto em luz. Contudo, assim como o abismo, o céu pode provocar vertigens. Lembre-se da história do pastor apaixonado por uma estrela.

– Entretanto, a frase que você me dirigiu na residência da sra. d’Ymbercourt parecia me advertir no sentido de me colocar a salvo de compromissos terrenos – replicou Malivert.

– Tive que fazê-lo – respondeu o barão de Féroë. – Era preciso preveni-lo para que se mantivesse livre, caso já tivesse respondido às manifestações do espírito. Uma vez que ainda não o fez, continua a pertencer a si mesmo. Talvez fosse melhor permanecer assim e prosseguir em sua vida habitual.

– E casar-me com a sra. d’Ymbercourt, por exemplo – Guy de Malivert acrescentou, com um sorriso irônico.

– E por que não? Ela é jovem, bela, ama você, e pude ver nos olhos dela um sofrimento autêntico ante sua recusa desatenta. Não é impossível que isso lhe tenha vindo da alma.

– É um risco que não quero correr. Não se esforce tanto, caro barão, por uma solicitação que compreendo, para me estimular a voltar à existência vulgar. Estou mais desapegado dela do que se poderia supor à primeira vista. Se tenho levado minha vida física de maneira agradável e cômoda, isso não prova sensualidade de minha parte. O conforto é para mim, no fundo, absolutamente indiferente. Se achei mais conveniente parecer despreocupado e alegre ao invés de aparentar melancolias românticas de mau gosto, não implica que o mundo, tal como é, me encante e satisfaça. É verdade que não falo nos salões, diante de um círculo de mulheres pretensiosas, sobre coisas do coração, da paixão, do ideal, mas conservo minha alma distinta e pura, livre de todo culto vulgar, à espera do deus desconhecido.

Enquanto Malivert falava daquele modo, com mais ardor do que as pessoas normalmente colocam no que dizem, os olhos do barão brilhavam e sua fisionomia tomava aquela expressão de entusiasmo que, via de regra, ocultava sob uma máscara de indiferença glacial. Estava satisfeito em constatar que Guy resistia à tentação comum e conservava o interesse espiritual.

– Já que está decidido, meu caro Guy, volte para casa. Sem dúvida, receberá novas comunicações. Fico por aqui. Ontem ganhei cem luíses de d’Aversac. Devo-lhe uma revanche.

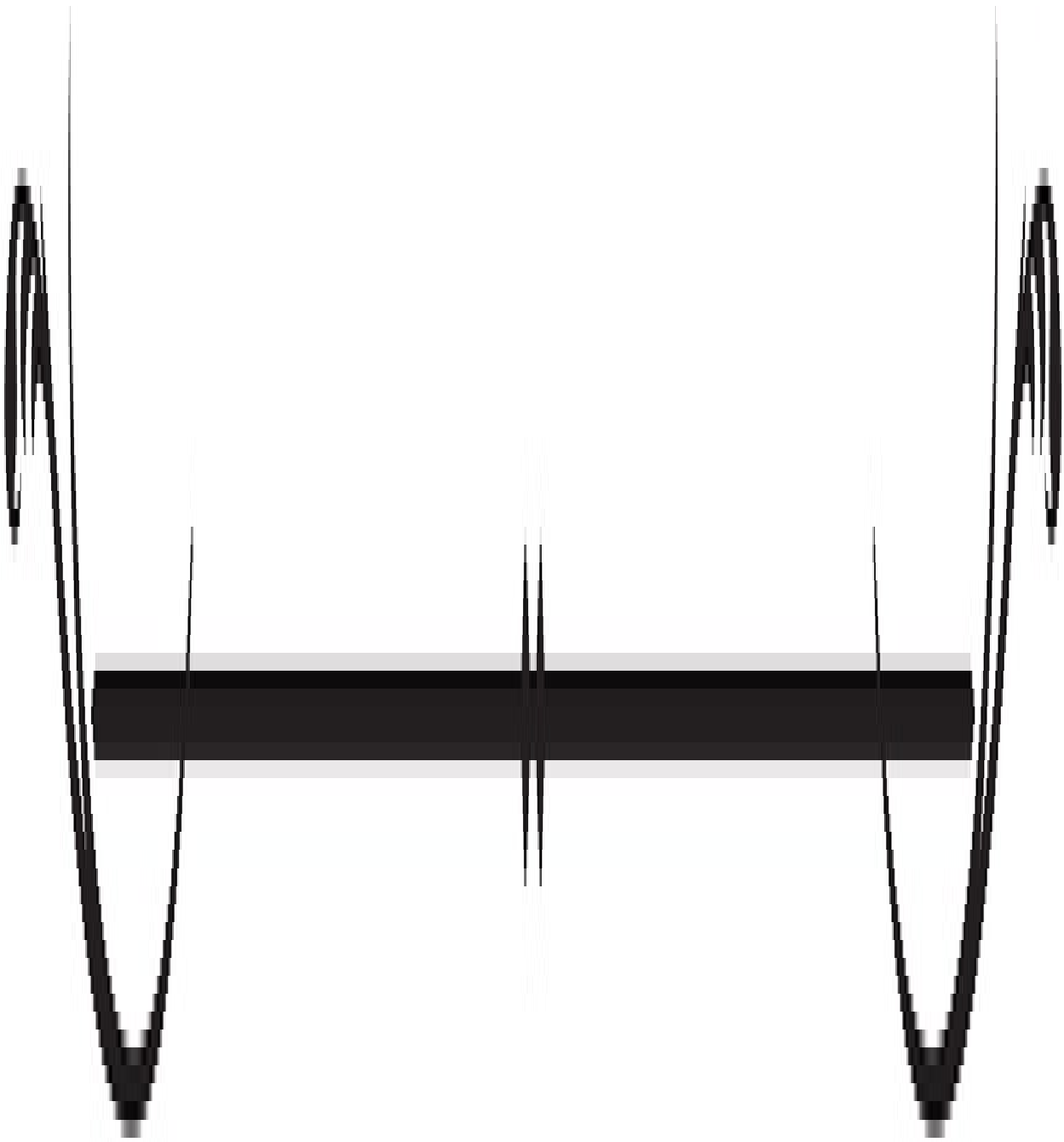
– O ensaio da ópera deve ter acabado, pois ouço nossos amigos que se aproximam, cantarolando em falsete os movimentos que não dão conta de imitar.

– Poupe-se! Essa confusão poderia desarmonizar sua alma.

Guy trocou um aperto de mão com o barão e tomou o coche que o aguardava à porta do clube.

3. Referência a Emmanuel Swedenborg, nascido na Suécia, notabilizado por protagonizar admiráveis fenômenos de segunda vista. Por exemplo, Swedenborg “viu” a uma distância de mais de 700 quilômetros – o incêndio que atingiu a capital Estocolmo. Swedenborg inclui-se entre aqueles que podem ser chamados hoje “precursores” da chegada do espiritismo. Nota do Revisor

Capítulo V



Guy de Malivert

adentrou sua casa absolutamente decidido a tentar a aventura. Por mais que não parecesse romântico, ele o era. Mas um pudor forte e tenaz o levava a ocultar seus sentimentos, e não partilhava com a sociedade mais do que o estritamente necessário. Relações agradavelmente indiferentes ligavam-no a esta, sem prender-se, e eram sempre laços fáceis de desfazer. Era de se compreender, portanto, que sua alma sonhasse com uma felicidade que não encontrara até então.

Baseando-se no que o barão de Féroë lhe dissera no clube quanto à necessidade da projeção da vontade para trazer os espíritos das profundezas do mundo invisível para os limites do mundo físico, Malivert reuniu todas as forças de seu ser e formulou interiormente o desejo de entrar em comunicação mais direta com o espírito misterioso que pressentia ao seu redor e que não deveria resistir muito à evocação, visto que procurara manifestar-se por si mesmo.

Isso feito, Malivert, que se achava no mesmo salão-ateliê em que se encontrava no início desta história, pôs-se a olhar e ouvir com extrema atenção. De início, nada viu nem ouviu e, todavia, os objetos que mobiliavam o cômodo, estatuetas, quadros, velhos aparadores entalhados, curiosidades exóticas, troféus, pareciam ter assumido aspectos estranhos, que comumente não tinham. As luzes e sombras projetadas pela lâmpada lhes emprestavam uma aparência fantástica. Uma cabeça de jade parecia rir até as orelhas o seu sorriso infantil e antiquado, e uma Vênus de Milo, que um feixe de luz atingia, fazendo destacar os seios pontiagudos contra um fundo escuro, inflava com despeito as narinas orgulhosas e baixava desdenhosamente os cantos da boca arqueada. O deus chinês e a deusa grega desaprovavam a decisão ousada de Malivert, ou pelo menos é o que parecia, a julgar pela expressão que assumiam iluminados daquela forma. Os olhos de Malivert, como que respondendo a uma advertência interior, voltaram-se na direção de um espelho de Veneza, sustentado pela tapeçaria em couro de Córdoba.

Era um daqueles espelhos do século XVIII que se vê com frequência no Toillettes e Départs pour le bal do pintor vienense Piero Longhi, o Watteau da decadência veneziana, daqueles que ainda se pode achar em algumas lojas de antiguidades do Ghetto. O espelho bisotado era emoldurado por enfeites de

cristal talhado e encimado por um amontoado de ornatos de folhagens e flores do mesmo material que, sobre a tonalidade uniforme do fundo, ora tinha a aparência da prata acinzentada, ora lançavam cintilações prismáticas por suas facetas. No meio dessas cintilações, o espelho, pequeno como todos os espelhos de Veneza, parecia ser de um negro-azulado indefinidamente profundo, à semelhança de uma abertura feita num vazio repleto de ideais tenebrosos.

O estranho é que nenhum dos objetos do lado oposto refletiam-se no espelho. Era como um desses espelhos de teatro que o decorador cobre com tonalidades neutras, para impedir que a sala se reflita nele.

Um instinto vago levava Malivert a pressentir que se alguma revelação ocorresse naquela noite, seria através daquele espelho. Aquele espelho ao qual de hábito sequer dirigia o olhar exercia uma espécie de fascínio sobre ele, atraindo seu olhar de maneira irresistível. Por mais que o fixasse, porém, via apenas a superfície negra, cuja misteriosa profundidade os enfeites de cristal intensificavam ainda mais.

Finalmente, acreditou distinguir na escuridão, uma vaga brancura leitosa, um tipo de clarão longínquo e trêmulo que parecia se aproximar. Guy voltou-se, para ver que objeto no cômodo poderia estar projetando tal reflexo, porém, nada viu. Embora Malivert fosse corajoso, do que dera prova em várias ocasiões, não pôde impedir-se de sentir os pelos eriçando sobre a pele e o arrepio que Jó diz ter-lhe percorrido a carne.

Desta vez, iria voluntariamente e com conhecimento de causa transpor o limiar temível, dar um passo para além do âmbito que a natureza traçara ao redor do homem. Sua vida poderia ser retirada de órbita e girar, daí por diante, em torno de um ponto desconhecido. Embora os incrédulos pudessem rir daquilo, Guy jamais havia dado um passo de maior gravidade e estava consciente de sua importância. Uma atração irresistível o dominava e continuava a fixar obstinadamente o espelho de Veneza. O que iria ver? Sob que aparência o espírito se apresentaria para tornar-se sensível à percepção humana? Seria uma figura graciosa ou terrível? Traria alegria ou terror? Embora o brilho no espelho ainda não tivesse tomado uma forma definida, Guy estava convencido de que seria um espírito feminino⁴.

O suspiro que ouvira na véspera ressoara com excessiva ternura em seu coração para que assim não fosse. Teria vivido na Terra? Viria de uma região superior ou

de um planeta longínquo? Era o que não tinha como dizer! Contudo, a julgar pela pergunta do barão de Féroë, Guy acreditava tratar-se de uma alma que teria passado pelas condições de vida na Terra e que uma atração, cujos motivos ele viria a conhecer mais tarde, trazia de volta à sua antiga morada.

O ponto luminoso no espelho começava a delinear-se de maneira mais clara e a adquirir cores suaves, imateriais por assim dizer, e teria feito parecer barrentos os tons da mais delicada paleta. Era antes a ideia de uma cor do que uma cor propriamente dita, uma névoa perpassada de luz e tão delicadamente tonalizada, que todas as palavras humanas seriam incapazes de descrevê-la.

Guy mantinha o olhar atento, tomado de emoção ansiosamente febril. A imagem se condensava cada vez mais sem adquirir, contudo, a precisão grosseira da realidade, e Guy de Malivert pôde ver, finalmente delimitada pelas bordas do espelho, como num retrato na moldura, a cabeça de uma jovem, ou melhor, de uma mocinha de tal beleza, que comparada a ela a beleza mortal não passa de mera sombra.

Uma palidez rosada coloria levemente aquele rosto, no qual as sombras e luzes mal eram perceptíveis, uma vez que não precisava desse tipo de contrastes para se modelar como acontece com nossos rostos terrenos, não estando sujeito à luz que nos ilumina. Seus cabelos, da tonalidade de uma auréola, esfumavam o contorno do rosto como uma névoa de ouro. Em seus olhos levemente baixos brilhavam pupilas de um azul noturno de infinita doçura, lembrando pedaços de céu que, ao crepúsculo, tomam a tonalidade violeta da noite. Seu nariz fino e pequeno era de uma delicadeza ideal. Um sorriso ao estilo de Leonardo da Vinci, com mais ternura e menos ironia, emprestava a seus lábios sinuosidades adoráveis. O pescoço flexível, ligeiramente inclinado para frente, desfazia-se num meio-tom prateado, que poderiam servir de luz a uma outra figura.

Esse esboço pobre, feito forçosamente com palavras criadas para descrever coisas de nosso mundo, só poderia dar uma ideia bem vaga da aparição que Guy contemplava no espelho de Veneza. Ele a estaria vendo com os olhos carnis ou com os olhos da alma? Aquela imagem seria real? Uma pessoa que não estivesse no mesmo influxo nervoso a teria percebido? A questão não era fácil de responder. De qualquer modo, o que ele via não se assemelhava a nada que se pode dizer nesta vida sobre o rosto de uma bela mulher. Eram os mesmos traços mais depurados, transfigurados, idealizados e tornados perceptíveis por uma substância de algum modo imaterial, tendo apenas a exata densidade para ser

percebida dentro da espessa atmosfera terrestre por pupilas ainda veladas.

O espírito ou alma que se comunicava com Guy de Malivert apresentava, sem dúvida, a forma de seu antigo envoltório perecível, mas da maneira como devia ser num meio mais sutil, mais etéreo, onde apenas os fantasmas das coisas podem viver e não as coisas propriamente ditas. Aquela visão mergulhava Guy num contentamento inefável. O temor que experimentara de início se dissipara e ele se entregava sem reservas à estranheza da situação, nada discutindo e tudo admitindo, decidido a considerar o sobrenatural como natural.

Aproximou-se do espelho na esperança de perceber ainda melhor os traços da imagem. Mas ela permanecia como lhe aparecera de início, muito próxima e, todavia, muito distante, como a projeção de uma figura colocada a uma distância humanamente incomensurável sobre a face interior do cristal. A realidade do que Guy via, se é possível servir-se de tal palavra em tal circunstância, estava evidentemente em outro lugar, em regiões profundas, longínquas, enigmáticas, inacessíveis aos vivos, à beira das quais o pensamento mais ousado se detém. Guy tentava em vão ligar aquela figura a alguma lembrança terrena, mas era para ele inteiramente nova. Entretanto, parecia reconhecê-la. Onde a teria visto? Não teria sido neste mundo sublunar e terráqueo.

Porém, aquela era a forma como Espírita⁵ desejava apresentar-se e, sem saber como nomear a aparição entrevista no espelho, Guy batizara-a com esse nome, enquanto esperava saber que designação lhe seria mais conveniente. Pouco depois, a imagem foi se descolorindo e se desvanecendo nas profundezas do espelho. Tudo que ali restava era o vapor tênue de um sopro e, em seguida, mesmo esse vapor se extinguiu. O final da aparição foi marcado pelo reflexo súbito sobre uma moldura dourada na parede oposta. O espelho havia retomado sua propriedade refletiva.

Ao certificar-se de que a aparição não retornaria, pelo menos naquela noite e daquela maneira, Guy deixou-se cair em sua poltrona, e embora as duas horas da madrugada acabassem de soar na pêndula, cujo timbre argentino o aconselhava a ir dormir, não conseguia se decidir a ir para a cama. Mas sentia-se fatigado. Aquelas emoções de um gênero tão novo, aqueles primeiros passos dados fora do mundo real haviam gerado nele uma fadiga nervosa, que afasta o sono. Além disso, temia perder alguma manifestação de Espírita, caso adormecesse.

Com os pés estirados sobre a barra da chaminé, diante da lareira, cujas chamas

se haviam reavivado por si mesmas, Guy refletia sobre o que acabara de ocorrer e que há dois dias certamente teria negado. Pensava naquele semblante encantador, enquanto lembrava as belezas que as magias dos sonhos, a imaginação dos poetas e o gênio dos pintores faziam entrever, a fim de esquecer-las como meras sombras. Tinha descoberto naquela face mil suavidades indizíveis, mil atrativos que a natureza e a arte não seriam capazes de reunir em um único tipo, o que fazia pensar, a partir daquela amostra, na população do extramundo.

Depois perguntava a si mesmo que simpatia estranha, que afinidade misteriosa e até então jamais confessada, poderiam atrair a si, do fundo do infinito, aquele anjo, aquela sílfide, alma ou espírito, cuja essência ainda ignorava e que não sabia a que ordem imaterial relacionar. Não ousava gabar-se de ter inspirado amor a um ser de natureza tão superior. A vaidade não era um defeito de Malivert. Todavia, não podia deixar de reconhecer que Espírita, pelo suspiro que lançara, pela carta da qual mudara o sentido, pela proibição murmurada à porta da sra. d'Ymbercourt, pela frase que sem dúvida sugerira ao barão sueco, parecia nutrir por ele, Guy de Malivert, simples mortal, um sentimento de natureza toda feminina, que neste mundo se denominaria ciúme. Mas o que compreendeu de repente foi que estava perdidamente, desesperadamente e inegavelmente enamorado e tomado por uma paixão que a eternidade não poderia saciar.

A partir daquele momento, todas as mulheres que tinha conhecido desapareceram de sua memória. Com a aparição de Espírita, esquecera o amor terreno do mesmo modo que Romeu esqueceu Rosalinda ao ver Julieta. Se fosse Dom Juan, os três mil nomes encantadores de mulheres que havia conquistado se teriam apagado de seu livro de recordações. Não foi sem certo espanto que Guy se viu envolto naquela chama repentina que devora todo pensamento, toda vontade, toda resistência, deixando vivo na alma apenas o amor. Mas era tarde demais! Não pertencia mais a si mesmo. O barão de Féroë estava certo: é uma coisa tremenda atravessar vivo as barreiras da vida e se aventurar entre as sombras no corpo físico, sem ter nas mãos a varinha de ouro que domina os fantasmas!

Uma ideia terrível passou pela mente de Malivert: e se Espírita decidisse não aparecer mais? De que maneira ele a traria de volta? E se essa maneira não existisse, como poderia suportar as trevas do Sol após ter contemplado, por um instante, a verdadeira luz? Um sentimento de infelicidade invadiu todo seu ser, deixando-o em extremo abatimento.

Experimentou um instante tão longo quanto a eternidade de horrível desespero! Perante aquela suposição, que nenhum indício confirmava, lágrimas brotaram de seus olhos, umedeceram seus cílios e, embora o esforço que fez para contê-las, envergonhado perante si mesmo por tamanha fraqueza, acabaram por transbordar e correr lentamente por sua face.

Enquanto chorava, sentiu com uma surpresa mesclada de enlevo, um véu mais fino que as mais leves rendas, como uma trama de ar, tecida com a brisa, que passava por seu rosto como uma carícia e secava as gotas amargas, bebendo-as. O leve roçar da asa de uma libélula não teria sido mais delicado. Não era uma ilusão, pois o contato se repetiu por três vezes, e Malivert acreditou ver suas lágrimas se fundirem na sombra, como numa pequena nuvem no céu, como um floco branco e diáfano.

Diante daquela simpatia atenciosa e terna, Malivert não pôde duvidar que Espírita, que parecia sempre voitar invisível ao seu redor, deixasse de responder ao seu chamado e não encontrasse, com sua lucidez de ser superior, um meio fácil de se corresponder com ele. Espírita podia vir ao mundo que ele habitava pelo menos tantas vezes quanto é permitido a uma alma misturar-se aos vivos, enquanto que ele, ser mortal, estava impossibilitado de segui-la ao ambiente ideal em que se movimentava, devido aos impedimentos e força da gravidade que regem a carne.

Dizer que Malivert passara do mais sombrio desespero à mais pura alegria não há de surpreender ninguém. Se uma simples mortal é capaz de precipitar um homem no inferno dez vezes por dia e fazê-lo igualmente subir aos céus, inspirando-lhe alternadamente a ideia de dar um tiro nos miolos ou de comprar uma vila às margens do Lago de Como para ali levar uma vida de felicidade, é fácil imaginar que as emoções produzidas por um espírito podem ser bem mais violentas.

Se a paixão de Guy por Espírita parece repentina, é preciso lembrar que o amor nasce frequentemente de um simples olhar e que uma mulher vista de longe, no camarote de um teatro, não difere muito de um reflexo da alma entrevisto num espelho, e que muitas paixões verdadeiras não começaram de maneira diferente. Além disso, embora Guy não o soubesse, esse amor era menos repentino do que parecia. Há muito tempo Espírita movimentava-se na atmosfera de Guy, preparando sua alma para comunicações sobrenaturais sem que ele o suspeitasse, sugerindo-lhe, em meio à sua frivolidade mundana, pensamentos que iam além

das vãs aparências, criando nele a nostalgia do ideal através das confusas lembranças de mundos superiores, desviando-o dos amores vazios e fazendo-o pressentir uma felicidade que a Terra não lhe podia oferecer. Fora ela quem desfizera todas as teias tecidas ao redor de Malivert e todas as que começavam a ser tecidas.

Fora ela quem lhe revelara o ridículo ou a perfídia desta ou daquela aventura passageira e que mantivera sua alma livre de compromissos indissolúveis. Detivera-o à beira do irremissível, pois embora a existência de Guy não tivesse sido marcada por nenhum fato de significação considerável do ponto de vista humano, chegava a um momento decisivo.

Balanças misteriosas pesavam seu destino e isso é que levava Espírita a sair da sombra em que mantinha sua proteção secreta e manifestar-se a Guy, pois não bastava mais dirigi-lo através de influências ocultas. Qual o motivo daquele interesse? Estaria Espírita atuando num movimento espontâneo ou estaria obedecendo a uma ordem vinda daquela esfera radiosa onde se pode o que se quer, conforme a expressão de Dante Alighieri? Isso só ela teria condições de revelar e talvez revelasse em breve.

Finalmente, Malivert deitou-se e não demorou a adormecer. Seu sono foi leve, cristalino e repleto de maravilhosos encantamentos que não tinham as características dos sonhos, mas de uma visão. Imensidões azuladas, onde rasgos de luz cruzavam vales de prata e ouro, perdendo-se em perspectivas sem limites, abriam-se ante seus olhos fechados. Em seguida esse quadro se desvaneceu, para deixar entrever, em maiores profundidades, brilhos de uma fosforescência deslumbrante, semelhantes a uma cascata de sóis liquefeitos, que se derramava da eternidade para o infinito.

A cascata, por sua vez, desapareceu, dando lugar a um céu de branco intenso e luminoso, que revestiu outrora os transfigurados do Monte Tabor. Desse fundo, que se poderia acreditar ser o auge do esplendor, despontavam aqui e ali lampejos estelares, jatos mais vivos e cintilações ainda mais intensas. Havia naquela luz, sobre a qual as mais brilhantes estrelas pareceriam opacas, como que a efervescência de um eterno porvir. De tempos em tempos, diante dessa irradiação imensa passavam, como pássaros ante o disco do Sol, espíritos que se destacavam, não por sua sombra, mas por uma luz diferente. Nessa multidão, Guy de Malivert acreditou ver Espírita, e não se enganava, embora ela não parecesse mais que um ponto brilhante no espaço, um glóbulo de claridade

incandescente.

Por esse sonho, que ela provocava, Espírita desejava mostrar-se ao seu adorador em seu verdadeiro ambiente. A alma, desligada dos liames corpóreos durante o sono, prestava-se a essa visão e Guy pôde ver por alguns minutos, com os olhos internos, não o próprio extramundo, cuja contemplação só é permitida às almas muito desapegadas, mas apenas um raio passando sob a fresta da porta semicerrada do desconhecido, como de uma rua sombria pode-se ver, sob a porta de um palácio iluminado por dentro, um raio de luz viva, que permite imaginar o esplendor da festa. Não querendo fatigar a organização ainda por demais humana de Malivert, Espírita dissipou as visões e fez com que ele mergulhasse do êxtase para o sono comum.

De volta ao sono vulgar, Guy teve a sensação de ser tomado como uma concha e levado por um pátio de mármore negro por trevas de uma densidade impenetrável. Então, tudo se apagou, até mesmo essa sensação, e ao longo de duas horas Guy se refez naquele não-ser, de onde a vida jorra mais jovem e mais fresca.

Ele dormiu assim até às 10 horas. Jack, que aguardava o despertar de seu patrão, ao vê-lo com os olhos abertos, abriu a porta que mantinha entreaberta. Entrou no quarto, abriu as cortinas e, caminhando em direção ao leito de Malivert, apresentou-lhe dois bilhetes sobre uma bandeja de prata, que acabavam de ser entregues. Um era da sra. d'Ymbercourt e o outro do barão de Féroë. Foi o do barão que Guy abriu primeiro.

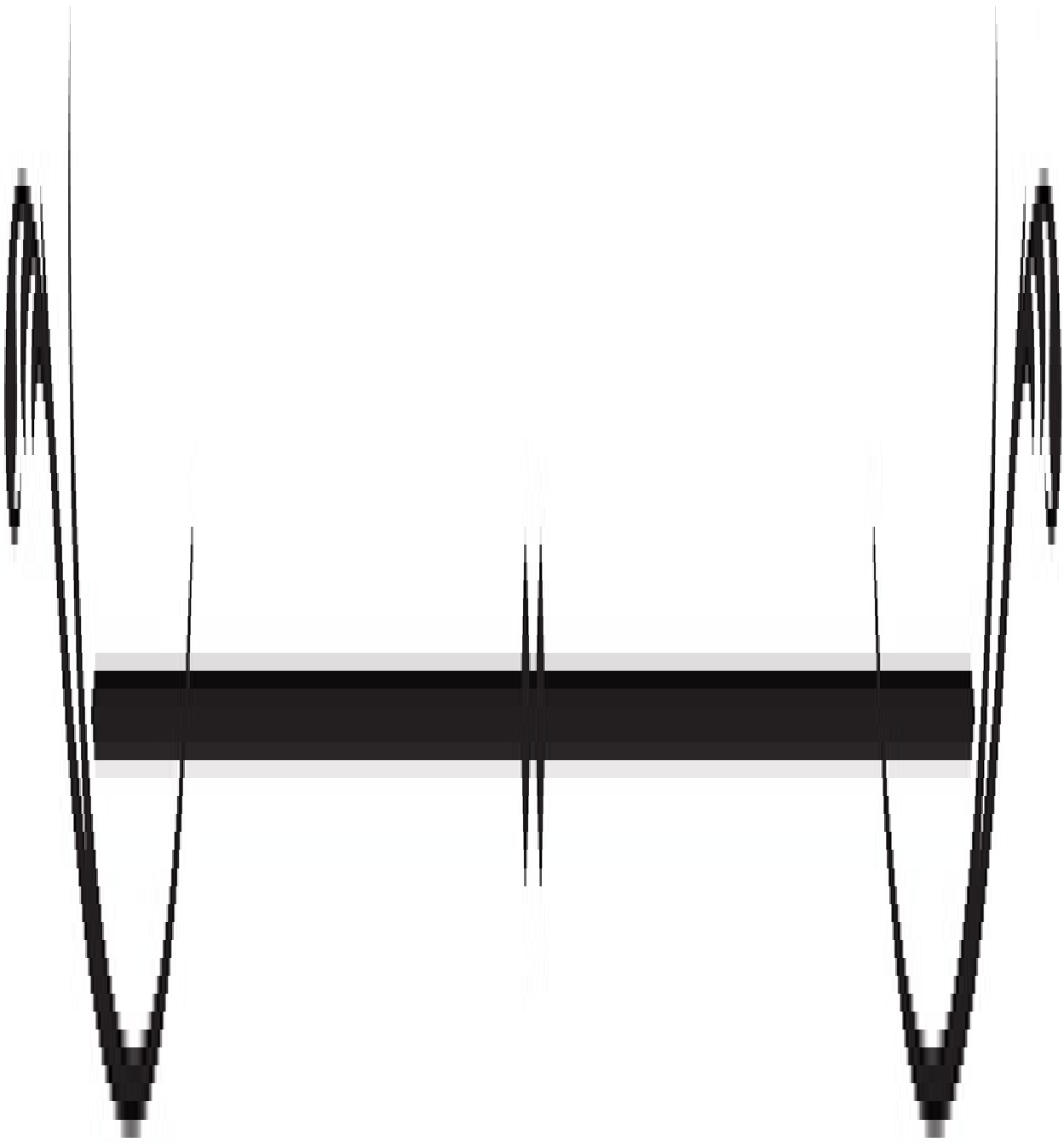
4. Espírito não tem sexo, tal como o entendemos no plano físico. (O Livro dos Espíritos, questão 200). No entanto, assume a forma perispiritual da reencarnação mais recente ou mesmo aquela que mais lhe agrade. Seria melhor então dizer, no texto em referência, que o espírito assumia a forma feminina.
Nota do Revisor.

5. Grafaremos desta forma, em itálico, já que Espírita é o nome próprio que o personagem Guy Malivert deu ao vulto feminino que lhe apareceu.

Nota do Revisor.

-

Capítulo VI



O bilhete do

barão de Féroë continha apenas estas palavras: “César conseguiu atravessar o Rubicão, ou seja, o caminho sem volta?”

O da sra. d’Ymbercourt, bem menos breve, insinuava, através de algumas frases calculadas, que não valia a pena levar tão a sério mexericos vagos e que parar de repente com as visitas habituais seria talvez mais comprometedor do que multiplicá-las. O bilhete terminava falando sobre a cantora italiana Adelina Patti, parecendo sugerir a Malivert que um lugar estava reservado para ele nos Italianos, camarote 22. Sem dúvida, Guy admirava muito a jovem diva, mas no estado de espírito em que se encontrava preferiria ouvi-la numa outra noite e prometeu a si mesmo inventar uma desculpa para não comparecer ao encontro.

Há no espírito humano uma tendência a duvidar das coisas extraordinárias, quando o ambiente em que aconteceram readquire o aspecto habitual. Assim sendo, ao contemplar em pleno dia o espelho de Veneza que reluzia no centro de sua moldura de cristal bisotado, Malivert perguntava a si mesmo, ao ver nele apenas o reflexo de seu próprio rosto, se era mesmo verdade que aquele pedaço de vidro polido lhe mostrara, há apenas poucas horas, a mais deliciosa imagem que olhos mortais jamais contemplaram. Sua razão preferia atribuir aquela visão celeste a um sonho, a um delírio enganador, mas seu coração desmentia-lhe a razão. Embora seja bem difícil atestar a realidade do sobrenatural, sentia que tudo aquilo era verdadeiro e que, por detrás da calma das aparências, todo um mundo de mistério se agitava. No entanto, nada se havia alterado naquele apartamento antes tão tranquilo, e ninguém que o visitasse notaria nada de particular. Para Guy, porém, a partir de agora, o batente de cada aparador, de cada armário poderia abrir uma porta para o infinito. Os mínimos ruídos, que tomava por avisos, faziam-no estremecer.

Guy decidiu fazer um bom passeio, a fim de ver-se livre daquela excitação nervosa. Acreditava pressentir que as aparições de Espírita aconteceriam à noite. Além disso, caso ela tivesse comunicações a fazer-lhe, sua ubiquidade fantástica lhe ofereceria os meios de encontrá-lo e se manifestar onde quer que ele estivesse. Naquela trama, se é que se pode dar tal nome a relações tão vagas, tão frágeis, tão aéreas e impalpáveis, o papel de Malivert era necessariamente passivo. Sua namorada ideal podia irromper a qualquer instante em seu mundo,

enquanto ele era incapaz de segui-la pelos espaços imaginários em que habitava.

Havia nevado na antevéspera. O lençol branco não havia derretido sob a ação de um vento morno, o que era raro em Paris, e aquela papa fria era ainda mais horrível do que a lama negra das velhas ruas e do que a sujeira amarelada do pavimento novo de macadame. Um frio intenso havia cristalizado o lençol branco que estalava como vidro sovado sob as rodas dos veículos e sob os calçados dos pedestres. Mas Grymalkin era um excelente trotador e Malivert havia trazido um trenó com arreios russos completos de São Petersburgo. As oportunidades para passeios de trenó não eram frequentes no clima temperado de Paris e os esportistas tratavam de aproveitá-las ao máximo.

Guy tinha orgulho de seu trenó, seguramente o mais completo que havia na cidade, e poderia ter participado com mérito das corridas na Praça da Néva. Aquela corrida rápida naquele ar saudavelmente gélido lhe era convidativa. Aprendera a saborear os prazeres setentrionais da neve e do frio durante um inverno rigoroso que havia passado na Rússia. Adorava deslizar sobre o tapete branco de neve marcado pela lâmina dos patins, conduzindo com as duas mãos, à maneira dos condutores de troikas da Rússia, um cavalo de grande estilo.

Mandou atrelar o trenó e logo chegava à Praça da Concórdia e aos Campos Elíseos. A pista não era aplainada e marcada como a Perspectiva Nevsky, em São Petersburgo, mas a neve estava suficientemente espessa para que o trenó deslizesse sem grandes solavancos. Não se poderia exigir de um inverno parisiense a perfeição de um inverno moscovita. No Bosque de Bolonha era possível se imaginar nas ilhas, de tal modo a camada de neve se estendia branca e uniforme, sobretudo nas alamedas transversais, por onde passam menos veículos e cavaleiros.

Guy de Malivert tomou um caminho que atravessava um bosque de pinheiros, cujos braços enegrecidos e cobertos por uma neve que o vento não sacudira o fazia recordar seus passeios na Rússia. Peles não lhe faltavam e o frio de inverno parecia-lhe brisa morna se comparado ao ar gélido que enfrentara naquele país.

Uma multidão considerável se apinhava às bordas do lago e o número de veículos ali era tão grande quanto nos mais belos dias de outono ou de primavera, épocas em que corridas das quais participam cavalos famosos atraem curiosos de todas as classes e posses ao hipódromo de Longchamp.

Viam-se ali damas da alta sociedade reclinadas nos assentos das caleches, ao abrigo de enormes peles de urso branco debruadas em escarlata, que apertavam os quentes agasalhos de marta contra os casacos de cetim forrados de peles. Sobre os assentos guarnecidos por grossas passamanarias, os cocheiros das casas ricas, em atitude majestosa e com as costas protegidas por uma palatina de pele de raposa, apreciavam, não com menos desdém que suas patroas, a passagem das burguesas que conduziam, elas próprias, pôneis atrelados a algum veículo extravagante e pretensioso.

Havia ali também muitos veículos fechados, visto que sair de casa quando a temperatura é de cinco a seis graus abaixo de zero numa carruagem aberta parece excessivamente ártico e boreal para quem vive em Paris. Um certo número de trenós fazia-se notar em meio a todos aqueles veículos de rodas, que pareciam não ter previsto a neve. O trenó de Malivert, porém, colocava-o acima de todos os demais. Cavalheiros russos que por lá passeavam, contentes como renas na neve, expressavam aprovação ao verem as linhas elegantes da douga e a maneira correta como as correias dos arreios achavam-se dispostas.

Eram aproximadamente três horas. Uma bruma leve enchumaçava os contornos do céu e os delicados galhos das árvores podadas destacavam-se contra o fundo cinza. Assemelhavam-se, com seus ramos finos, àquelas folhas das quais se retira a polpa, para guardar-se apenas as fibrilas. Um sol sem raios, semelhante a um grande sinete de cera rubra, refletia em meio à névoa.

O lago estava repleto de patinadores. Três ou quatro dias de frio tinham bastado para dar ao gelo a espessura necessária, para que pudesse suportar o peso da multidão. A neve, varrida e acumulada nas bordas, deixava entrever a superfície enegrecida e lisa, riscada em todas as direções pela lâmina dos patins, à semelhança dos espelhos de restauradores, em que casais apaixonados gravam seus nomes com as bordas dos diamantes.

Junto à ribeira havia pessoas que alugavam patins destinados ao uso dos amadores burgueses, cujos tombos serviam de intervalo cômico na festa de inverno, no balé “O Profeta” executado em grande estilo. No meio do lago, celebridades do patim executavam proezas em trajes graciosos. Enfileiravam-se, deslizando rápidas como o relâmpago, desviavam-se bruscamente nas corridas, evitando os choques, detinham-se descrevendo curvas, espirais, números e desenhavam letras como os cavaleiros árabes, que escrevem com a ponta da espada, cavalgando de costas, o nome de Alá nos flancos das montarias.

Alguns daqueles artistas conduziam, em leves trenós grandiosamente enfeitados, lindas mulheres abrigadas em peles, que se voltavam para eles e lhes sorriam, ébrias de velocidade e frio. Um ou outro levava pelas pontas dos dedos uma jovem elegante com gorro russo ou húngaro, jaqueta de corte militar enfeitada com pele de raposa azul, saiotes de cores vistosas presos por colchetes e botinhas reluzentes e graciosas, onde entrelaçavam as correias dos patins como os cordões de uma botina. Outros, disputando velocidade, deslizavam com um pé só e, aproveitando a força do impulso, inclinavam-se para a frente como na pose do quadro que retrata as personagens da mitologia grega Hipomene e Atalanta, e que pode ser visto sob os castanheiros de um canteiro nas Tulherias.

A maneira de se ganhar a corrida, hoje como no passado, seria talvez deixar cair as maçãs de ouro aos pés das “Atalantas” ali presentes, vestidas pela Maison Worth. Mas havia ali “Atalantas” de famílias tão ricas, que nem mesmo um chuvaire de brilhantes haveria de detê-las por um instante sequer. Aquela multidão de trajes de elegância bizarra, de rica originalidade, aquela espécie de baile de máscaras sobre o gelo, formavam um espetáculo gracioso, animado e cheio de encanto, digno do pincel dos pintores Watteau, Lancret e Baron.

Certos grupos faziam lembrar os batentes das portas dos castelos antigos, em que se representavam as quatro estações, e onde o inverno era representado por cavalheiros galanteadores conduzindo, em trenós puxados por cisnes, marquesas fantasiadas de lobo de veludo e cujas mangas de peles serviam de repositório de bilhetes amorosos. Para dizer a verdade, faltava a máscara àqueles rostos encantadores e rosados pelo frio. Mas o véu curto que lhes cobria o rosto, enfeitado de lantejoulas ou franjas, a substituíam.

Malivert havia estacionado o trenó e observava a cena divertida e pitoresca, cujos principais atores não lhes eram desconhecidos. Conhecia de sobra a sociedade para estar a par dos amores, intrigas e jogos de sedução que movimentavam aquela multidão seleta que se podia distinguir da massa anônima, daquele bando de comparsas que sempre se reúnem ao redor dos espetáculos, sem saber que sua utilidade é impedir que a ação se desenrole mais abertamente do que se poderia tolerar. Mas Guy agora contemplava tudo aquilo com absoluto desinteresse. Viu mesmo passar uma dama encantadora, que em outros tempos lhe fizera concessões e que se deixava levar nos braços de um belo patinador, numa atitude de gentileza e intimidade, sem experimentar o mínimo ciúme.

Deu rédeas a Grymalkin, que batia o pé na neve com impaciência, guiando-o na direção de Paris e começou a descer a alameda do lago, local eternamente congestionado de carruagens, onde os pedestres têm o prazer de ver reaparecer por dez, doze vezes ao longo de uma hora, o mesmo veículo estofado de amarelo transportando uma senhora nobre e imponente, ou o pequeno coupé olho-de-corvo que deixava entrever, pela portinhola, um cãozinho da raça Bichon Havanês ou uma cabeça de corça penteada “à la chien”, prazer do qual parecem nunca se fartar.

Guy mudou de direção, fazendo com que Grymalkin diminuísse a marcha, pois bem poderia atropelar alguém naquela alameda excessivamente frequentada. Além do mais, não era de bom tom correr muito naquela pista preferencial. Foi então que notou que vinha em sua direção uma carruagem muito conhecida e que preferiria não encontrar.

A sra. d’Ymbertcourt era bastante friorenta e Guy não supunha que ela fosse sair, estando a temperatura por volta de cinco ou seis graus abaixo de zero. Aquilo mostrava o quão pouco ele conhecia as mulheres, visto que nenhuma temperatura as impede de comparecer aos locais da moda, onde se espera que sejam vistas. Ora, nada era considerado tão chique naquele inverno quanto comparecer ao Bosque de Bolonha e fazer um passeio sobre o lago gelado, local de encontro entre as três e cinco horas, onde toda Paris – para usarmos a linguagem dos cronistas – podia reunir, num ponto qualquer, as personalidades mais célebres e os mais elevados títulos.

Seria vergonhoso para uma mulher de boa posição não ser vista entre as beldades do dia e não ter suas iniciais registradas em alguma resenha social bem informada. A sra. d’Ymbertcourt era bela, rica e social o bastante para sentir-se obrigada a seguir o ritual da moda. Ela o obedecia um tanto trêmula sob as peles caras que vestia como todas as francesas de posses, na peregrinação ao lago. Malivert bem que tinha vontade de deixar que Grymalkin, que não desejava outra coisa, retomasse o trote rápido. Porém, a sra. d’Ymbertcourt o vira e ele viu-se obrigado a estacionar o trenó ao lado do veículo da condessa.

Conversava com ela sobre generalidades, um tanto desatento, alegando que naquela noite teria um jantar importante que terminaria tarde, para não ter que comparecer aos Italianos. Foi então que outro trenó roçou de leve o seu. Era puxado por um magnífico cavalo da raça Orloff, com manta cinza de ferro, de crina branca e cauda cujos pelos brilhavam como fios de prata. Conduzido por

um cocheiro russo de barbas fartas, que trajava sobretudo de tecido verde e chapéu de veludo enfeitado nas bordas com pele de ovelha, o animal se indignava arrogante por ter a capacidade de velocidade contida pelo condutor e cavalgava balançando a cabeça de maneira que seus joelhos lhe tocavam as ventas.

A elegância do veículo, a firmeza do cocheiro e a beleza do cavalo chamaram a atenção de Guy. Mas o que sucedeu a ele ao reconhecer, ou pensar reconhecer, na mulher assentada a um canto do trenó e a quem tomara à primeira vista por uma daquelas princesas russas que vêm por duas ou três estações deslumbrar Paris com seu luxo excêntrico – se é que Paris se deixa deslumbrar por alguma coisa – traços semelhantes aos de certo rosto apenas entrevisto, mas inalteravelmente gravado em sua alma, que certamente não esperava encontrar no Bosque de Bolonha, após tê-la visto aparecer como Helena de Troia a Fausto numa espécie de espelho mágico?

Guy estremeceu tão inesperadamente ante aquela visão que Grymalkin, percebendo seu nervosismo, inquietou-se. Em seguida, apresentando desculpas à sra. d'Ymbercourt pela impaciência de seu cavalo que se dizia incapaz de conter, pôs-se a seguir o trenó que, por sua vez, acelerara a marcha.

Como se espantada pelo fato de estar sendo seguida, a dama olhou para trás para ver quem ousava tão atrevimento, e embora pudesse ser vista apenas na posição que os artistas denominam de “perfil perdido”, Guy pôde distinguir através da renda do veuzinho negro uns cachos dourados, os olhos de um azul noturno e a face de um tomo rosado ideal, do qual as neves dos elevados cumes sob o sol poente podem dar apenas uma ideia remota. Uma turquesa brilhava no lóbulo de sua orelha e no pedaço descoberto da nuca, entre a gola da peliça e a borda do chapéu, brincava um cachinho leve como um sopro e fino como os cabelos de uma criança.

Era bem a aparição da noite, mas com o nível de realidade que um fantasma deve assumir em pleno dia e junto ao lago do Bosque de Bolonha. Como era possível que Espírita estivesse ali, revestida de uma forma tão humanamente encantadora e sem dúvida visível aos outros tanto quanto a ele? Sim, porque era difícil acreditar, mesmo admitindo a impalpabilidade da aparição, que o cocheiro, o cavalo e o trenó fossem apenas sombras. Essa é uma pergunta que Guy não perdeu tempo em responder, e para certificar-se de que não se deixava iludir por uma dessas semelhanças que se dissipam ao serem examinadas de

perto, quis acelerar o trenó para ver face a face aquele rosto misterioso.

Deu rédeas a Grymalkin, que partiu como uma flecha. Assim, após alguns minutos, a respiração do animal, em jatos de vapor branco, alcançava o espaldar do trenó perseguido. Mas embora Grymalkin fosse um cavalo valente, não tinha forças para competir com um trotador russo da melhor raça que Malivert já tinha visto. O cocheiro de sobretudo verde estalou a língua e o cavalo de tom cinza do ferro, num galope impetuoso, depressa ganhou distância de Grymalkin, abrindo entre os dois trenós espaço suficiente para que sua dona se tranquilizasse, caso estivesse assustada.

A intenção da dama que tanto se assemelhava a Espírita não era, sem dúvida, incitar em Malivert uma perseguição desesperada, pois seu trenó retomou um ritmo mais moderado. A corrida conduziu-os à alameda de pinheiros, onde no momento não circulava nenhum outro veículo, e a perseguição continuou. Grymalkin, porém, não conseguiu alcançar o cavalo da raça Orloff. Por mais que se esforçasse, conseguia apenas manter a distância entre os dois trenós.

As ferraduras dos animais, à medida que galopavam, faziam voar flocos de neve que se desfaziam em poeira gelada ao irem de encontro ao apara-neve de couro envernizado, e o vapor esbranquiçado produzido pela respiração dos nobres corcéis os envolvia como que em verdadeiras nuvens. No final da avenida, que impedia a passagem dos veículos vindos pela estrada principal, os dois trenós ficaram lado a lado por um instante, e Guy pôde ver por alguns segundos o rosto da falsa russa, cujo veuzinho o vento levantara.

Um sorriso de malícia celeste brincava em seus lábios, cuja forma lembrava o traçado da boca da Mona Lisa. Seus olhos cintilavam, azuis como safiras, e uma tonalidade esfumada um pouco mais rosada coloria suas faces aveludadas. Espírita, pois sim era ela, baixou o véu sobre o rosto, enquanto o cocheiro, incitando o cavalo, fez com que esse arremessasse o trenó num ímpeto violento. Guy deixou escapar um grito de terror, pois naquele exato instante uma carruagem cruzava a estrada. Esquecendo que Espírita era um ser imaterial, a salvo de qualquer acidente terrestre, acreditou que um choque fatal fosse ocorrer. Mas o cavalo, o trenó e o cocheiro passaram através do outro veículo como se fosse neblina, e logo Malivert os perdeu de vista.

Grymalkin parecia assustado. Estremecimentos nervosos faziam-no tremer sobre as pernas, via de regra muito firmes, como se não conseguisse explicar a si

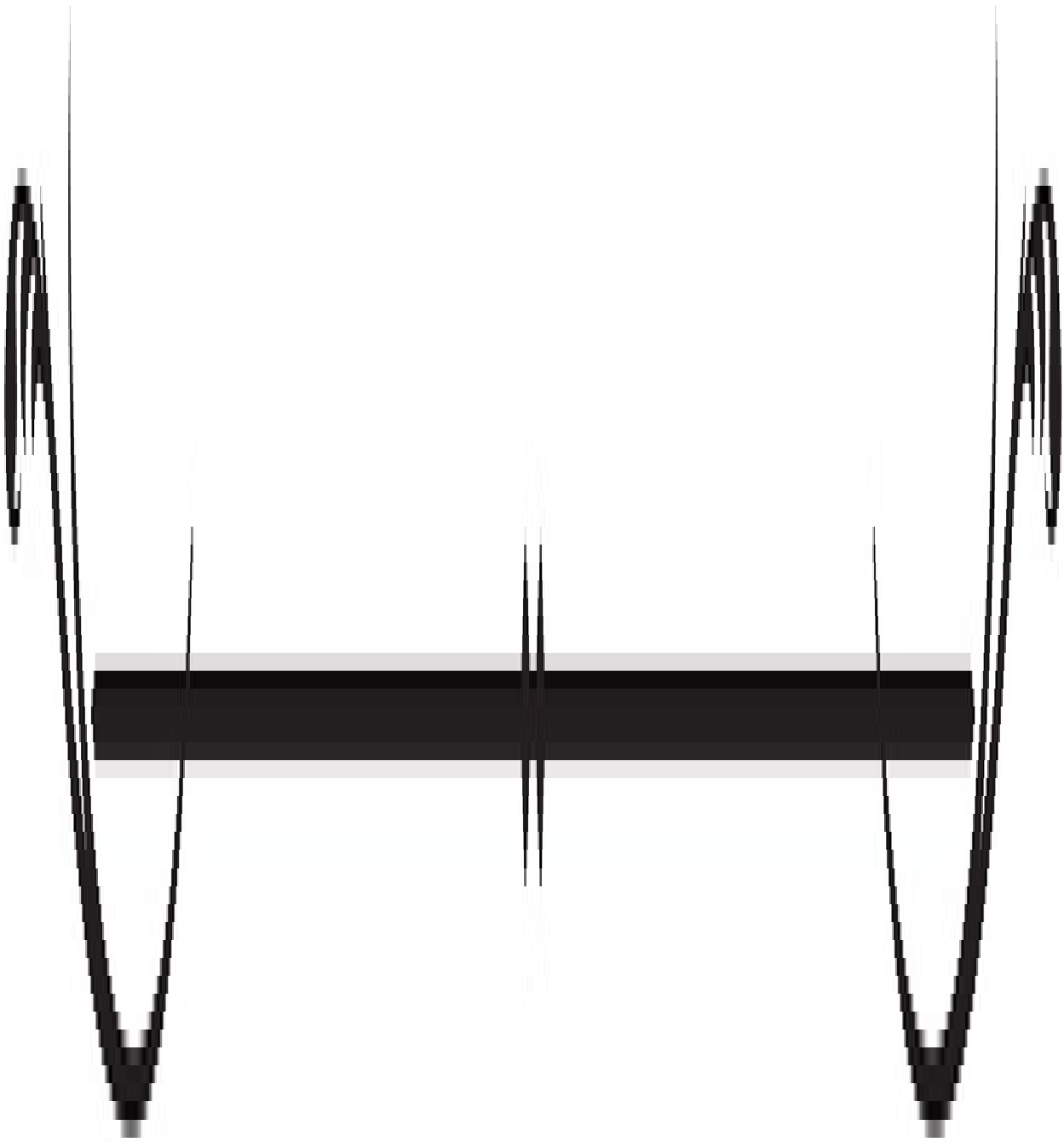
mesmo o desaparecimento do tremó. Os animais possuem instintos de uma profundidade misteriosa e são capazes de ver o que no mais das vezes escapa ao olhar distraído do homem e se poderia dizer que muitos dentre eles têm a percepção do sobrenatural. Grymalkin tranquilizou-se depressa, retornando à fila dos veículos reais à borda do lago.

Enquanto descia a Avenida da Imperatriz, Guy encontrou o barão de Féroë, que também voltava do bosque numa carruagem russa. Depois de pedir a Malivert que acendesse seu charuto, o barão falou num tom de voz entre misterioso e brincalhão:

– A sra. d’Ymbercourt não deve estar nada contente! Imagine a cena que ela fará com você esta noite, caso cometa a imprudência de ir aos Italianos! Penso que essa corrida de obstáculos de trenós não a agradou em absoluto. Mas é melhor você ir dizer a Jack que agasalhe Grymalkin. Ele poderia pegar uma pneumonia.

—

Capítulo VII



Guy já não

se espantava mais com coisas estranhas e não considerava mais extraordinário, em absoluto, que um trenó tivesse passado através de uma carruagem. Aquela facilidade em transpor obstáculos contra os quais veículos terrestres se teriam despedaçado bem demonstrava que aquele trenó fantástico saíra das cavaliças do Além e com certeza transportava Espírita. Estava decerto enciumada ou, pelo menos, como todas suas ações demonstravam, queria afastar Malivert da sra. d'Ymbercourt. Os métodos que utilizava eram bons, sem dúvida, pois ao virar na rotatória da Place d'Étoile, Guy avistou a condessa em sua carruagem, que parecia escutar muito pacientemente as palavras sem dúvida amáveis que lhe dirigia o sr. d'Aversac, inclinado galantemente contra as costas de seu cavalo que caminhava lentamente.

– Aí está a revanche pela corrida de trenó – comentou Malivert consigo mesmo.
– Mas não sou homem de entrar no jogo. D'Aversac é um homem pretensamente inteligente, assim como a sra. d'Ymbercourt é uma falsa beldade. Formam o par perfeito. Julgo-os sem qualquer interesse, uma vez que as questões deste mundo não me interessam mais. Seriam “um casal feito para os laços do casamento”, como dizia sabe-se lá qual canção.

Esse foi o resultado da estratégia da sra. d'Ymbercourt, que ao avistar Guy se debruçara um pouco mais do que seria conveniente contra a janela da carruagem, a fim de responder às gentilezas do sr. d'Aversac. A pobre condessa acreditava trazer de volta seu morno admirador, incitando-lhe o amor-próprio. Tinha vislumbrado apenas a silhueta de Espírita, mas podia pressentir nela uma rival perigosa. A precipitação de Guy, habitualmente tão calmo, para perseguir aquele trenó misterioso e aquela mulher que ninguém jamais tinha visto no Bosque, muito a magoara.

Não havia aceitado a desculpa dada com tamanha urgência e não podia acreditar que Grymalkin estivesse tão impaciente. D'Aversac, que se contentava com pouco, não estando acostumado a ser tão bem tratado, atribuía modestamente ao seu próprio mérito o que não era capaz de traduzir como sendo despeito feminino. Em sua generosidade, chegava a lamentar pelo pobre Malivert, tão seguro estava quanto à afeição que a sra. d'Ymbercourt lhe dedicava. É fácil imaginar todos os projetos que a presunção do rapaz, com base nas aparências,

pôs-se a construir a partir daquela pequena ocorrência.

Naquela noite, Guy jantou na cidade, em casa de amigos que o haviam convidado com muito tempo de antecedência. Felizmente os convivas ali eram muitos e não puderam notar sua preocupação. Terminada a refeição trocou algumas palavras com a anfitriã e, uma vez suficientemente constatada sua presença, retirou-se para o segundo salão, onde trocou apertos de mão com homens eminentes que conhecia e que ali se haviam reunido para conversar mais à vontade sobre coisas importantes ou secretas. A seguir, saiu dali e dirigiu-se a um círculo onde pensava encontrar o barão de Féroë.

De fato, ali o encontrou sentado diante de uma mesinha coberta por uma toalha verde, jogando cartas com o radiante sr. d'Aversac que, justiça seja feita, procurava ocultar sua alegria para não humilhar Malivert. Contrariando o ditado que diz "Feliz no jogo, infeliz no amor", d'Aversac estava ganhando, o que deveria, por menos supersticioso que ele fosse, inspirar-lhe dúvidas quanto à legitimidade de suas esperanças. Terminada a partida, o barão pôde levantar-se, uma vez que estava perdendo, fingir-se fatigado e recusar educadamente a revanche que seu adversário propunha. O barão de Féroë e Guy de Malivert saíram juntos e foram caminhar pelo boulevard, perto do qual ficava o clube.

– O que hão de pensar os frequentadores deste salão que chamam de O Bosque sobre aquela mulher, aquele trenó, aquele cavalo e aquele cocheiro tão maravilhosamente notável, e que ninguém conhece? – Guy disse ao barão.

– A visão só foi percebida por você, pela condessa sobre quem o espírito desejava atuar e por mim que, na qualidade de iniciado, vejo o que não é perceptível aos demais indivíduos. Esteja certo de que se a sra. d'Ymbertcourt falar sobre a bela princesa russa e seu magnífico trotador, ninguém compreenderá do que ela está falando.

– Acredita que tornarei a ver Espírita em breve? – Malivert perguntou ao barão.

– Aguarde uma visita próxima – o barão de Féroë respondeu. – Meus contatos do outro mundo me alertam para o fato de que estão muito ocupados com você por lá.

– Será esta noite ou amanhã? Em minha casa ou num local imprevisto como aconteceu hoje? – Malivert quis saber, com a impaciência de um enamorado ávido de paixão e de um neófito curioso pelo mistério.

– Isso eu não saberia dizer com precisão – replicou o barão sueco. – Os espíritos, para os quais o tempo não existe ou não mais existe, não têm hora, pois estão mergulhados na eternidade. Para Espírita, vê-lo esta noite ou daqui a mil anos seria a mesma coisa. Mas os espíritos que se dignam a entrar em comunicação conosco, pobres mortais, levam em conta a brevidade de nossa existência, a imperfeição e fragilidade de nossos órgãos. Sabem que entre uma aparição e outra, medida do ponto de vista da eternidade, o envoltório perecível do homem teria tempo para tornar-se pó cem vezes, e é provável que Espírita não o faça ficar esperando. Desceu à nossa esfera e parece decidida a não retornar à dela enquanto seu projeto não se concretizar.

– Mas que projeto é esse? – Malivert indagou. – Você, a quem nada está oculto nesse mundo sobrenatural, deve conhecer o motivo que atrai esse espírito puro a um ser ainda submisso às condições desta vida.

– Quanto a isso, meu caro Guy, meus lábios estão selados – respondeu o barão de Féroë. – É preciso respeitar o segredo dos espíritos. Fui advertido para colocá-lo a salvo de toda sedução terrestre e de impedi-lo de formar laços que, talvez, acorrentassem sua alma num lugar onde experimentaria um eterno arrependimento por não ser mais livre. Minha missão se resume a isso.

Continuando a conversar, Malivert e o barão, seguidos por suas carruagens que eram conduzidas lentamente pelo pavimento, chegaram a Madeleine, cuja coluna grega prateada pelos raios pálidos de uma lua de inverno assumia, ao final da ampla Rua Royale, ares de Partenon, aparência que a luz do dia rouba. Lá chegando, os dois amigos separaram-se e subiram cada qual em sua carruagem.

Chegando em casa, Malivert deixou-se cair em sua poltrona e, com o cotovelo apoiado sobre a mesa, pôs-se a devanear. A aparição de Espírita no espelho lhe havia inspirado esse desejo imaterial, essa decisão insubstancial que a visão de um anjo faz nascer. A presença dela à beira do lago sob uma forma mais realmente feminina acendera em seu coração toda a chama do amor humano. Sentia-se banhado por eflúvios ardentes e tomado por aquele amor absoluto que não sacia a posse eterna.

Enquanto devaneava, com a mão estendida sobre a mesa coberta de papéis, viu desenhar-se sobre o fundo escuro do tapete turco uma mão estreita e alongada, de uma perfeição que a arte não consegue igualar e que a natureza tentaria em vão alcançar. Era uma mão diáfana, de dedos finos, com unhas reluzentes como

ônix, cujo dorso deixava entrever algumas veias de um azul que lembrava os reflexos azulados do corpo leitoso da opala e que emanava uma luz que não era a do abajur. Pelo frescor rosado da cor e delicadeza ideal da forma, só poderia ser a mão de Espírita. O pulso delgado, fino, flutuante e cheio de graça perdia-se num vapor vagamente rendado. A fim de indicar melhor que a mão ali estava apenas como um sinal, o braço e o corpo achavam-se ausentes.

Enquanto Guy a contemplava com olhos que não se espantavam mais ante o extraordinário, os dedos da mão se estenderam sobre uma das folhas de papel de carta espalhadas sobre a mesa e simularam os movimentos característicos da escrita. Pareciam traçar linhas, e quando alcançaram o final da página com a rapidez dos atores que escrevem cartas em uma cena cômica, Guy apanhou a folha, acreditando que iria encontrar frases escritas ali, sinais conhecidos e desconhecidos. Mas o papel permanecia em branco.

Guy olhava para a folha desconcertado. Aproximou-a do abajur, examinando-a em todas as posições e sob diferentes tipos de iluminação, sem descobrir ali o menor traço de caracteres. Todavia, a mão prosseguia no mesmo trabalho imaginário sobre outra folha sem conseguir, aparentemente, qualquer resultado.

– Que brincadeira é essa? – Malivert perguntou a si mesmo. – Será que Espírita está escrevendo com uma tinta invisível, que é preciso aproximar do fogo para que as palavras escritas apareçam? Mas os dedos misteriosos não estão segurando pena, nem sombra de pena! O que significa isso? Será que eu mesmo devo servir de secretário ao espírito, ser meu próprio médium, para me utilizar do termo consagrado? Se dizem que os espíritos podem produzir ilusões e aparências, espetáculos aterrorizantes ou esplêndidos no cérebro daqueles que obsidiam, seriam porventura incapazes de agir sobre a realidade material e movimentar uma pena?

Lembrou-se, então, do impulso que o levara a escrever aquele bilhete à sra. d'Ymbercourt, e pensou que através de um estímulo nervoso Espírita talvez conseguisse ditar-lhe, internamente, o que desejava dizer. Bastaria entregar a mão e fazer calar, na medida do possível, suas próprias ideias, para que não se mesclassem às do espírito. Recolhendo-se e afastando-se do mundo exterior, Guy impôs silêncio a seu cérebro superexcitado, ergueu ligeiramente a mecha da lâmpada que diminuía, apanhou uma pena úmida de tinta, pousou a mão sobre o papel e aguardou, com o coração palpitando de uma esperança temerosa.

Ao cabo de alguns minutos Guy experimentou um efeito singular. Pareceu-lhe que os sentimentos de sua personalidade o abandonavam, que suas recordações individuais se desfaziam como num sonho confuso e que perdia de vista seus pensamentos, como pássaros que se perdem na imensidão do céu. Embora seu corpo permanecesse junto à mesa, mantendo a mesma postura, interiormente Guy estava ausente, apagado, desaparecido.

Outra alma, ou pelo menos pensamento substituíu o seu e ordenava a seus centros motores, seus servidores, que aguardassem a ordem do patrão desconhecido para agir. Os nervos de seus dedos estremeceram e passaram a executar movimentos dos quais ele não tinha consciência e o bico da pena pôs-se a deslizar sobre o papel, traçar caracteres rápidos com a caligrafia de Guy levemente modificada por uma impulsão externa. Vejamos agora o que Espírita ditou a seu médium. Encontramos essa confissão do outro mundo entre os papéis de Malivert, que nos permitiu transcrevê-la.

Ditado de Espírita

Antes de tudo, é preciso que você conheça o ser que lhe é indefinível e que se insinuou em sua existência. Por mais profunda que seja sua percepção, não poderia desvendar sua verdadeira natureza. Como numa tragédia malfeita, em que o herói enumera seus nomes, qualidades e referências, vejo-me forçada a me explicar. Mas pelo menos tenho a desculpa de que ninguém mais poderia fazê-lo.

Seu coração intrépido, que não hesitou em penetrar nos domínios misteriosos do desconhecido a meu chamado, não tem necessidade de ser tranquilizado. Além disso, se houvesse perigo, este não o impediria de prosseguir na aventura. Este mundo invisível, do qual o mundo real é uma cópia, tem suas armadilhas e seus abismos, mas você não cairia neles. espíritos mentirosos e perversos o percorrem.

Há anjos negros assim como brancos, potências rebeldes e submissas, forças benfazejas e forças nocivas. O ponto mais baixo da escala mística, cujo topo penetra a luz eterna, é cercado pelas trevas. Espero que, com minha ajuda, você

galgue os degraus luminosos. Não sou anjo nem demônio, nem um daqueles espíritos intermediários que levam a vontade divina através das imensidades, da mesma maneira que o fluido nervoso comunica aos membros do corpo físico a vontade humana.

Sou apenas uma alma que ainda aguarda seu julgamento, mas a quem a bondade celeste permite pressentir uma sentença favorável. Vivi na Terra e poderia dizer, à semelhança do epitáfio melancólico do pastor retratado pelo pintor Pousson: *Et in Arcadâ ego*, ou seja, também estive aí! Não me tome pela alma de uma mulher de letras por conta dessa citação latina.

No ambiente em que me encontro, tem-se a intuição de tudo e as diversas línguas faladas pelo gênero humano, antes e depois da dispersão de Babel, são-nos igualmente familiares. As palavras são apenas a sombra das ideias, e possuímos a própria ideia em seu estado essencial. Se houvesse idade lá onde o tempo não mais existe, eu seria bem jovem em minha nova pátria.

Poucos dias se passaram desde que liberta pela morte deixei a atmosfera em que você respira e para onde um sentimento que não se apagou com a transição me traz de volta. Minha vida terrestre, ou melhor dizendo, minha última aparição no planeta que você habita foi bem breve, mas bastou para que eu tivesse tempo para experimentar o que uma alma sensível pode sentir de mais doloroso.

Quando o barão de Féroë buscava a natureza do espírito cujas vagas manifestações perturbavam você e perguntou-lhe se alguma mulher, alguma jovem, tinha morrido de amor por você, estava mais próximo da verdade do que poderia supor. E embora suas recordações nada lhe trouxessem à lembrança, uma vez que desconhecia o fato, tal alegação agitou-lhe profundamente a alma e sua perturbação mal se ocultava sob uma negação ceticamente jovial.

Minha existência aconteceu muito perto da sua, embora você não a tenha percebido. Seus olhos estavam presos a outras coisas e permaneci na sombra para você.

A primeira vez que o vi foi na sala de visitas do Convento dos Pássaros, onde você ia visitar sua irmã que era aluna interna lá assim como eu, embora numa classe mais adiantada, pois eu tinha então treze ou quatorze anos, no máximo. Nem aparentava essa idade por ser muito franzina, meiga e loira. Você não prestou nenhuma atenção naquela criança que, mordiscando o chocolate praliné

da marca Marquis que a mãe lhe trouxera, dirigia-lhe de soslaio um olhar furtivo. Você devia ter então vinte e dois anos e eu, em minha inocência infantil, achava-o muito bonito.

O ar de bondade e afeição com que falava com sua irmã me tocava e seduzia e eu desejei ter um irmão que se parecesse com você. Minha imaginação de menina não ia além disso. Quando os estudos da senhora de Malivert terminaram, ela foi levada embora do convento e você não veio mais. Sua imagem, porém, não se apagou da minha lembrança. Conservou-se no pergaminho branco de minha alma como aqueles traços leves de lápis que uma mão habilidosa desenha e que a gente encontra depois de muito tempo, quase invisíveis, mas persistentes, às vezes os únicos vestígios de um ser desaparecido.

A ideia de que tão grande personagem me pudesse ter notado, a mim que estava ainda na classe das pequenas e que as internas mais adiantadas tratavam com uma espécie de desdém, tinha sido excessivamente ambiciosa, mas não me dei conta disso, pelo menos na época. Pensava em você com frequência, e naqueles romances castos com que as imaginações mais inocentes sonham, era você que desempenhava o papel do príncipe encantado que me livrava de perigos fantásticos. Era você que me conduzia pelos subterrâneos, que fazia fugirem os corsários e os bandidos e me levava de volta ao rei, meu pai. Sim porque para tal herói era preciso ao menos uma princesa, e eu assumia modestamente esse papel.

Outras vezes, o romance se transformava numa pastoral: você era o pastor e eu a pastora, e nossos rebanhos se juntavam sobre um campo do verde mais tenro. Sem o saber, você tinha assumido um papel considerável em minha vida, onde reinava soberano. Dedicava a você meus pequenos méritos de estudante e estudava com todas as minhas forças para merecer sua aprovação. Dizia a mim mesma: “Ele não sabe que ganhei um prêmio, mas se soubesse ficaria contente”.

E, preguiçosa por natureza, passava a trabalhar com energia renovada.

Não é uma coisa singular que uma alma infantil se entregue em segredo e se reconheça escrava de um senhor de sua escolha, que nem sequer poderia suspeitar de sua submissão? Não é mais estranho ainda que essa primeira impressão não se tenha jamais apagado? Porque, ai de mim, durou uma vida inteira, vida muito breve, mas que prossegue no Além.

Ao vê-lo, algo de indefinível e misterioso se agitara em mim, algo que só

compreendi quando meus olhos, ao se fecharem pela morte, abriram-se para sempre. Minha condição de ser impalpável, de puro espírito, permite que eu lhe conte agora essas coisas que uma jovem da Terra talvez ocultasse. A brancura imaculada de uma alma não se envergonha. O pudor celeste confessa o amor.

Dois anos assim se passaram. De menina tornei-me moça e meus sonhos se tornaram menos pueris, embora mantivessem a inocência. Não eram mais tão rosa e azul e já não terminavam mais com as luzes das apoteoses. Ia com frequência a um canto do jardim, onde me sentava num banco, longe de minhas colegas entretidas em brincadeiras ou em conversas sussurradas, e murmurava as sílabas de seu nome, como uma espécie de ladainha. Às vezes, eu tinha a ousadia de pensar que seu nome se tornaria talvez o meu, como consequência dos acasos ou das aventuras confusas de uma comédia de capa e espada, cuja intriga eu desenvolvia ao meu gosto.

Pertencia a uma família que poderia se ligar à sua. Meus pais eram donos de fortuna considerável e pertenciam a uma classe capaz de remover todas as aparências de sonho ou de tola intenção, que eu fora capaz de formar timidamente no canto mais secreto de meu coração, a esse projeto distante de união. Nada seria mais natural do que nos encontrarmos um dia em meio à sociedade a que ambos pertencíamos. Mas será que você gostaria de mim? Será que me acharia bonita?

Eram perguntas às quais meu pequeno espelho de aluna de internato respondia que sim, e que você pôde avaliar no reflexo que enviei ao seu espelho de Veneza e por minha aparição no Bosque de Bolonha. E se você não desse mais atenção à moça do que à menina do Convento dos Pássaros? Tal ideia provocava em mim profundo desencorajamento. Mas a juventude nunca se desespera por muito tempo e bem depressa eu voltava a devaneios mais sorridentes.

Parecia-me impossível que ao me ver você não reconhecesse sua... bem... sua conquista, a alma marcada com o seu nome e que se dedicara à sua adoração desde a infância. Em poucas palavras, a mulher criada expressamente para você. Não dizia tudo isso a mim mesma de forma tão clara e não tinha acerca dos impulsos do meu coração as luzes que adquiri agora, que posso ver os dois lados da vida. Mas era um instinto profundo, um sentimento irresistível.

Apesar de minha ignorância virginal e de minha candura incomparável, trazia na alma uma paixão que me haveria de devorar e que hoje se revela pela primeira

vez. Não tinha feito amizades no convento e vivia só com o pensamento em você. Ciumenta de meu segredo, evitava desabafos e confidências. Qualquer relacionamento que pudesse me distrair de minha ideia fixa não seria conveniente para mim. Denominavam-me “a séria” e as freiras me apontavam como exemplo.

Aguardava a época marcada para minha saída do convento com menos impaciência do que se poderia supor: era uma trégua entre o pensamento e a ação.

Enquanto estava fechada entre os muros altos do convento tinha todo o direito de me deixar embalar indolentemente por meu sonho, sem qualquer reprovação. Uma vez fora da gaiola, porém, seria preciso dar direção ao meu voo, agarrar-me ao meu objetivo, alcançar minha estrela. Mas os usos e costumes, as convenções, os pudores infinitos, os múltiplos véus que a civilização prescreve proíbem qualquer iniciativa ao coração de uma jovem.

Nenhum movimento para se revelar àquele que é seu ideal lhe é permitido. Um orgulho prescrito se opõe ao sentimento que ela oferta e que não tem preço. Deve manter os olhos baixos, os lábios mudos e o coração imóvel. É preciso que nenhum rubor ou palidez a denuncie quando se encontra na presença daquele a quem ama em segredo e que, não raro, afasta-se ao deduzir desdém ou indiferença de sua parte.

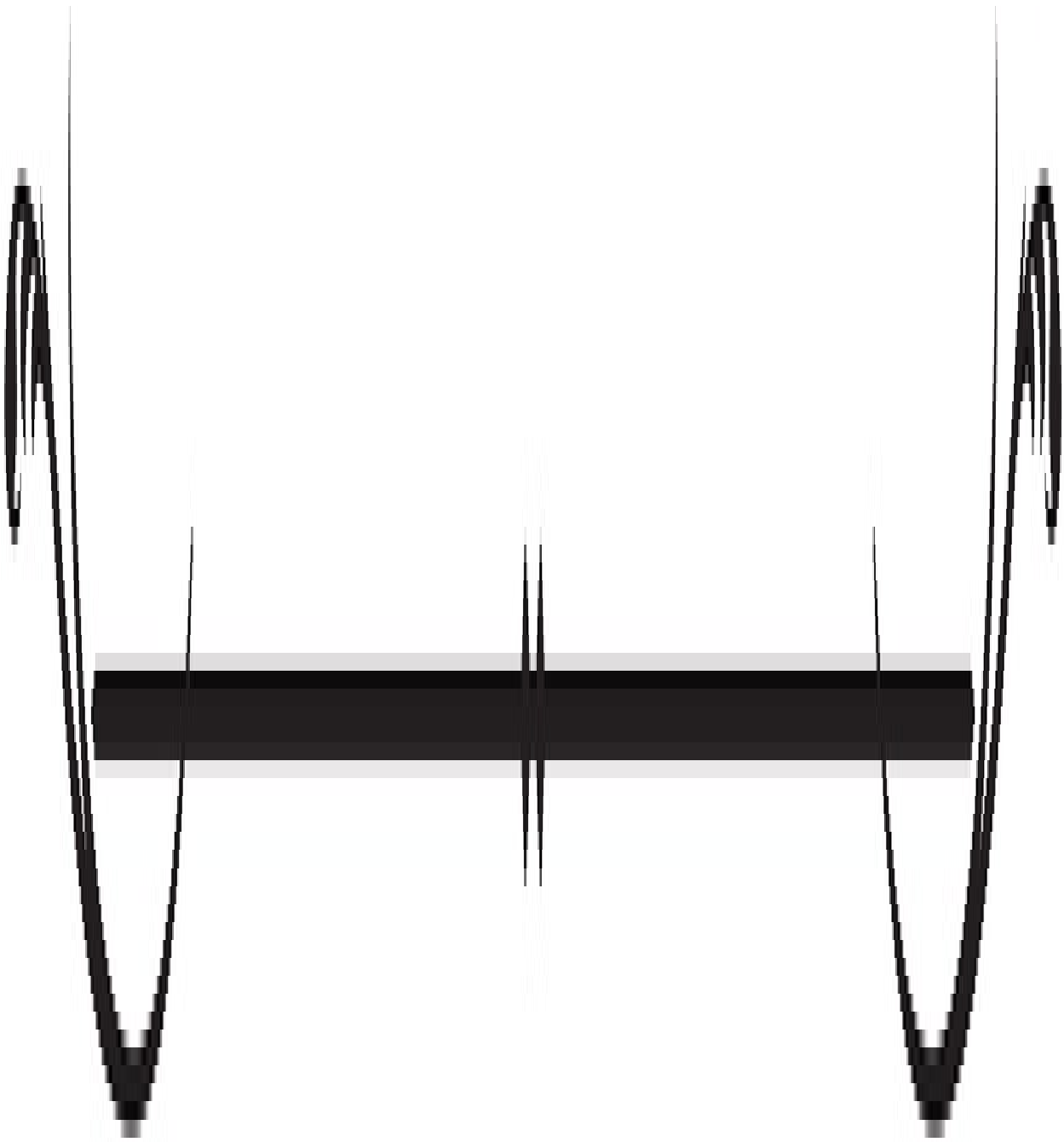
Quantas almas feitas uma para a outra tomaram caminhos divergentes, que as separaram cada vez mais e que tornaram sua união impossível para sempre por falta de uma palavra, de um olhar, de um sorriso!

Quantas existências deploravelmente vazias devem sua infelicidade a uma razão semelhante e despercebida de todos, muitas vezes ignoradas pelas próprias vítimas! Pensava frequentemente sobre isso e tais reflexões se apresentaram com mais força ao meu espírito no momento de deixar o convento para adentrar a sociedade. Mantinha, todavia, minha resolução.

O dia de minha saída chegou. Minha mãe veio me buscar e me despedi de minhas colegas com uma demonstração fria de afetividade. Não estava deixando nenhuma amizade ou recordação dentro daqueles muros. O pensamento em você era meu único tesouro.

-

Capítulo VIII



Foi com imensa satisfação que entrei em meu quarto, ou melhor, no pequeno apartamento que minha mãe havia preparado para quando eu deixasse o Convento dos Pássaros. O aposento compunha-se de um quarto de dormir, uma grande sala de banho e um salão cujas janelas davam para um jardim; a perspectiva deste se ampliava pela vista dos jardins vizinhos. Um muro baixo, todo coberto por uma cortina espessa de hera constituía a linha de demarcação. Não se via pedra em parte alguma. O que se via era uma sucessão de árvores antigas, castanheiros gigantes, que mais se assemelhava a um parque sem limites. Somente em último plano se via, entre a vegetação mais distante, o ângulo de um telhado, o cotovelo bizarro de um cano de chaminé, marca característica dos horizontes de Paris.

É uma satisfação rara e reservada aos ricos poder ter diante de si, em meio à cidade grande, um espaço aberto e livre, de ar, céu, sol e vegetação. Não é mesmo desagradável sentir demasiadamente perto de si outras existências, paixões, vícios e infelicidades? O pudor delicado da alma não se sente um tanto incomodado pela proximidade dessa vizinhança? Eu também experimentava uma alegria genuína ao vislumbrar aquele oásis de frescor, silêncio e solidão pelas janelas de meus aposentos.

Ainda era agosto quando terminei o último ano escolar no convento, e a folhagem ainda conservava toda a intensidade do verde, embora com a tonalidade mais quente que a passagem do verão empresta à vegetação. No meio do canteiro sob minha janela, um maciço de gerânios em plena floração ofuscava os olhos com sua forte tonalidade escarlate. A relva que cercava essa corbélia de flores, um tapete de veludo verde em azevém da Inglaterra, realçava com seu tom de esmeralda aquele tapete mais ardente que o fogo.

Na alameda de areia fina, ondulada como que em fitas pelos dentes do ancinho, pássaros saltitavam confiantes, dando a impressão de que se sentiam em casa. Prometi a mim mesma que iria me juntar aos passeios deles, sem assustá-los.

Meu quarto era guarnecido de cachemira branca enfeitada por cordões de seda azul. Essa era também a cor dos móveis e das cortinas. Em meu pequeno salão decorado do mesmo modo, um piano magnífico pelo famoso fabricante Sébastien Érard oferecia seu teclado às minhas mãos, que não tardaram a experimentar sua sonoridade delicada.

Uma estante em mogno, colocada à frente do piano, continha livros puros de poetas castos, cuja leitura é apropriada a uma virgem, e suas prateleiras inferiores guardavam partituras dos grandes compositores. Nelas, Bach se apoiava em Haydn, Mozart permanecia ao lado de Beethoven como Rafael junto de Michelangelo, e Meyerbeer se encostava em Weber.

Minha mãe reunira ali aqueles a quem eu admirava, meus mestres favoritos. Uma jardineira elegante, repleta de flores de perfume suave, desabrochava no centro do cômodo como um enorme buquê. Tratavam-me como a uma criança mimada. Era filha única e toda a atenção de meus pais se concentrava, naturalmente, em mim.

Eu deveria ser apresentada à sociedade no começo da estação, ou seja, em dois ou três meses, época em que terminariam os veraneios, as viagens, as estadas nas estações de águas e jogos, a permanência nos castelos, as caças, as corridas, tudo aquilo que a sociedade inventa para passar o tempo que os grã-finos consideram inadequado passar em Paris, onde negócios haviam retido meus pais naquele ano.

Eu preferia permanecer na cidade do que ir para o velho castelo triste nos confins da Bretanha, para onde habitualmente ia nas férias. Além disso, imaginava que em Paris teria a oportunidade de encontrar você, de ouvir falar de você ou de estar com pessoas de sua relação. Mas fiquei sabendo, de maneira indireta, que você tinha partido há tempos em viagem à Espanha, onde ainda permaneceria por alguns meses.

Seus amigos, a quem você raramente escrevia, não aguardavam seu retorno antes do inverno. Supunha-se que você ficara retido por lá nas rendas de alguma mantilha.... Aquilo não me inquietava, pois tinha, apesar de minha modéstia, a presunção de acreditar que minhas tiaras de ouro poderiam superar todas as tranças negras de Andaluzia. Também fiquei sabendo que você escrevia para a Revue de Deux Mondes sob o pseudônimo latinizado de um de seus nomes de batismo, conhecido apenas pelos mais íntimos. Sob a aparência do cavalheiro perfeito ocultava-se o escritor ilustre.

Com uma curiosidade fácil de compreender, eu buscava nas coleções de jornais todos os artigos assinados sob aquele pseudônimo. Ler um escritor é colocar-se em contato com sua alma. Afinal, um livro não é uma confidência endereçada a um amigo ideal, uma conversa na qual o interlocutor encontra-se ausente?

Não se deve tomar sempre ao pé da letra o que um autor diz. É preciso saber distinguir os sistemas filosóficos ou literários, as afetações da moda no momento em que ele escreve, as reservas obrigatórias do estilo desejado ou imposto, a imitação daqueles a quem ele admira e tudo quanto pode modificar as aparências exteriores de um escritor.

Porém, para quem sabe ler, a verdadeira atitude da alma acaba por se revelar sob todos esses disfarces. O verdadeiro pensamento encontra-se com frequência nas entrelinhas e o segredo do poeta, que nem sempre deseja revelar às massas, descobre-se com o tempo. Os véus caem, um após o outro, e as palavras enigmáticas são decifradas.

Para formar uma ideia sobre você, estudei com extrema atenção os relatos de viagem, os trechos de filosofia e crítica, as notícias e os versos semeados aqui e acolá a intervalos bastante longos, e que assinalavam fases diversas de seu espírito. É menos difícil conhecer um autor subjetivo do que um objetivo. O primeiro expressa seus sentimentos, expõe suas ideias e julga a sociedade e a criação a partir de um ideal. O segundo apresenta os objetos tais como a natureza os oferece, utilizando-se de imagens e descrições. Coloca as coisas diante dos olhos do leitor. Desenha, veste e colore suas personagens com exatidão, coloca em seus lábios as palavras que poderiam ter dito e guarda sua opinião. Este era seu modo de escrever.

À primeira vista, poderiam tê-lo acusado de certa imparcialidade desdenhosa que não fazia muita diferença entre um lagarto e um homem, entre o rubor de um crepúsculo e o do incêndio de uma cidade. Mas ao olhar de perto seus escritos, com lances rápidos e impulsos bruscos, repentinamente interrompidos, era possível perceber uma sensibilidade profunda, contida por uma reserva altiva, que não gostava de deixar entrever as próprias emoções.

Esse juízo literário coincidia com o julgamento instintivo do meu coração. E agora que nada permanece oculto para mim, sei o quanto aquele julgamento tinha sido correto. Todas as ênfases sentimentais, lacrimosas e pretensamente virtuosas, causavam-lhe horror e, para você, enganar a alma era o pior dos crimes. Tal ideia dava-lhe uma sobriedade extrema ao expressar pensamentos ternos ou passionais. Preferia o silêncio à mentira ou à exageração acerca das coisas sagradas. Podia passar por insensível, duro e mesmo um pouco cruel aos olhos de alguns tolos.

Percebi tudo isso e não duvidei por um só instante da bondade de seu coração. Pela nobreza de seu espírito, não poderia haver dúvidas: seu desdém altivo face à vulgaridade, à baixeza, à inveja e a todas as feiuras morais demonstravam-na suficientemente. Ao ler seus escritos, adquiri um conhecimento a seu respeito, a quem eu só vira uma vez, igual ao que a convivência diária me teria dado. Havia penetrado nos recônditos mais secretos de seu pensamento, conhecia seus pontos de partida, seus propósitos, aquilo que o movia, suas simpatias e antipatias, o que você admirava e o que lhe causava aversão, toda sua personalidade intelectual, e disso tudo deduzi seu caráter.

Às vezes, em meio a uma leitura, tocada por uma passagem que era uma revelação para mim, levantava-me e ia tocar piano, como se o que eu executava pudesse servir de comentário a uma frase sua, um motivo de cor e de sentimentos análogos que a prolongavam em vibrações retumbantes ou melancólicas. Agradava-me escutar em outra arte o eco de sua ideia. Talvez aquelas relações fossem fruto de minha imaginação e só pudessem ser percebidas por mim. Mas decerto algumas eram reais. Posso saber disso agora que habito na fonte eterna da inspiração e que a vejo descer em centelhas luminosas sobre a fronte dos gênios.

Enquanto lia suas obras que me foi possível encontrar, visto que o círculo de ação de uma jovem é tão limitado que a mais simples realização impõe dificuldades, a estação avançava e a copa das árvores tornava-se acobreada com as tonalidades do açafraão, típicas do outono. As folhas caíam das árvores uma após outra e o jardineiro, apesar de todos os seus cuidados, não conseguia impedir que cobrissem parte do gramado.

Às vezes, quando ia passear no jardim sob os castanheiros, a queda de uma castanha sobre minha cabeça como uma bala, ou de outra que rolava aos meus pés de sua casca aberta, interrompia meus devaneios, fazendo-me estremecer involuntariamente. As plantas delicadas e os arbustos friorentos estavam sendo colocados na estufa. Os pássaros assumiam aquele jeito inquieto que lhes é próprio quando o inverno se aproxima, e podia-se ouvi-los piando uns para os outros entre os ramos despojados de folhas. Finalmente, a estação ia começar.

A alta sociedade, a sociedade elegante e rica retornava a Paris de todas as partes do mundo. Começava-se a ver nos Campos Elíseos as carruagens sisudas, com brasões desenhados nas portas, que subiam lentamente para o Arc de l'Étoile, a fim de aproveitarem os derradeiros raios do sol. O Teatro Italiano divulgava nos

jornais a relação de seus cantores, o programa de seu repertório e anunciava sua abertura, que se daria em breve. Eu me alegrava com a ideia de que aquele movimento geral de retorno traria você de volta da Espanha e que, farto de escalar as sierras, você teria prazer em aparecer nos bailes, saraus e reuniões onde esperava encontrá-lo.

Indo ao Bosque de Bolonha com minha mãe, vi você passar a cavalo junto à nossa carruagem. Mas foi tudo tão rápido que tive apenas tempo de reconhecê-lo. Era a primeira vez que o via desde sua visita ao Convento dos Pássaros. Todo meu sangue afluiu ao coração e senti como que um choque elétrico. Alegando sentir frio, baixei o véu sobre meu rosto, a fim de ocultar a alteração de minha fisionomia e me encolhi a um canto da carruagem. Minha mãe, erguendo o vidro, disse:

– Não está calor e o nevoeiro começa a subir. Voltemos para casa, a menos que você queira continuar o passeio.

Fiz sinal de que concordava. Tinha visto o que queria e sabia que você estava em Paris.

Estivemos, um dia, no camarote nos Italianos. Para mim era uma alegria poder escutar aqueles cantores sobre os quais lera tantos elogios e que não conhecia. Não preciso mencionar a outra esperança que me enchia docemente o coração. O dia de ir aos Italianos chegou. A ópera *A Sonâmbula* ia ser encenada e a cantora Patti iria cantar.

Mamãe tinha mandado fazer um traje simples e encantador para mim, adequado à minha idade. Era um vestido de tafetá branco, recoberto de musselina, com enfeites de pérola e de veludo azul. Meus cabelos estavam presos por um laço de veludo da mesma cor, cujas pontas caíam sobre meus ombros e eu usava um colar de pérolas.

Olhando-me no espelho de meu toucador, enquanto a camareira dava os últimos toques em seu trabalho, eu dizia a mim mesma: “Será que ele gosta de azul? Na obra *O Capricho*, de Alfred Musset, a personagem sra. Léry comenta que é uma cor sem graça.” Mas não podia negar que o laço azul combinava bem com meus cabelos loiros. Se tivesse me visto, creio que teria me amado. Clotilde, a camareira, enquanto acertava as pregas de meu traje e ajustava alguns enfeites de minha blusa, disse:

– A senhorita está muito bonita esta noite.

A carruagem deixou-nos, minha mãe e eu, defronte ao pátio rodeado de colunas. Meu pai deveria nos encontrar mais tarde e começamos a subir lentamente a grande escadaria, cujos degraus estavam cobertos por um tapete vermelho. Envoltas numa agradável atmosfera perfumada de vetiver e patchoulli, mulheres subiam os degraus em trajes majestosos – ainda cobertos por casacos, peles, mantos de lã, xales e saídas de baile que iriam deixar aos cuidados dos criados de libré –, arrastando caudas ondulantes de chamalote, cetim e veludo, apoiadas com as pontas dos dedos sobre o braço de homens sisudos que usavam gravatas brancas, e cujos fraques negros traziam na lapela pequenos broches de condecoração, que davam a entender a intenção de ir a alguma recepção oficial ou diplomática ao saírem dos italianos.

Pessoas magras, esbeltas, com os cabelos repartidos ao meio e com a mais correta elegância, seguiam alguns passos atrás, ligadas ao grupo por um sorriso.

Tudo isso nada tem de novo, sem dúvida, e você saberia retratar a cena melhor do que eu. Mas aquele espetáculo era novo para uma menina de internato como eu, e que era apresentada à sociedade. A vida é sempre a mesma: uma peça de teatro, onde apenas mudam os espectadores. Porém, aquele que não viu a peça interessa-se por ela, como se tivesse sido feita para si e como se aquela fosse a primeira representação.

Eu estava alegre e sentia-me bela. Alguns homens de pince-nez me haviam fixado com ar de aprovação e algumas mulheres tinham virado a cabeça após me haver examinado, de relance, dos pés à cabeça, sem encontrar em mim ou em meus trajes o que criticar.

Um secreto pressentimento dizia que eu haveria de vê-lo naquela noite. Aquela esperança animava ligeiramente meu semblante e emprestava ao meu rosto um colorido mais vivo que o habitual. Instalamo-nos em nosso camarote e logo os olhares se fixaram em mim. Eu era uma pessoa nova e isso é sempre notado no Teatro Italiano, que é como um amplo salão onde todos se conhecem.

A presença de minha mãe deixava claro quem eu era e compreendi, ao ver as cabeças inclinadas umas para as outras, que falavam de mim em diversos camarotes, favoravelmente sem dúvida, a julgar pelos sorrisos benevolentes que acompanhavam as frases cochichadas. Incomodava-me um pouco ser o centro

das atrações e como usava decote pela primeira vez, sentia meus ombros estremecerem sob a renda que os deixava semitransparentes.

Mal se ouviu a abertura da ópera quando as cortinas se abriram. Mas, então, as cabeças voltaram-se para a cena, pondo fim ao meu constrangimento. Não há dúvida de que o aspecto daquele salão grandioso, onde luziam diamantes e ramalhetes com seus dourados, suas luzes e suas esculturas femininas produziram em mim uma surpresa repleta de admiração, e a música de Bellini, executada por artistas de primeira classe, transportava-me a um mundo encantado.

Para mim, porém, o verdadeiro interesse do espetáculo não estava nisso. Enquanto escutava as suaves cantilenas do maestro siciliano, meus olhos examinavam furtivamente cada camarote, percorriam os balcões e vasculhavam as fileiras da orquestra a fim de encontrar você, que chegou quase no fim do primeiro ato e, assim que as cortinas baixaram, saiu caminhando em direção à sala, com expressão de tédio e olhando vagamente para os camarotes, sem fixar-se em nenhum.

Tinha o rosto mais moreno devido aos seis meses passados na Espanha e uma expressão nostálgica no semblante, como se sentisse saudade do país que acabara de deixar. Meu coração batia com extrema força enquanto você fazia aquela rápida inspeção, pois houve um instante em que acreditei que tivesse fixado o olhar em mim. Mas me enganara.

Vi você deixar seu lugar, para tornar a aparecer, alguns instantes mais tarde, em um camarote defronte ao nosso e que era ocupado por uma mulher bonita e muito enfeitada, cujos cabelos negros luziam como o cetim e cujo vestido de um rosa pálido quase se confundia com o tom da pele do colo. Diamantes brilhavam em sua cabeça, orelhas, pescoço e braços. Sobre o peitoril coberto de veludo, ao lado de um par de binóculos, havia um magnífico buquê de violetas de Parma e camélias. Ao fundo, na penumbra, via-se um personagem idoso, calvo, obeso, cuja lapela ocultava parcialmente a condecoração de uma ordem desconhecida.

A dama se dirigia a você com evidente prazer e você lhe respondia de maneira natural e tranquila, sem parecer lisonjeado por aquelas demonstrações mais que amigáveis. A dor de não ter sido notada por você era compensada pela alegria de sentir que você não amava aquela mulher de olhos atrevidos, sorriso provocante e roupa cintilante.

Após alguns minutos, como os instrumentos começaram a ser afinados para o segundo ato, você se despediu da dama dos diamantes e do senhor com a condecoração e voltou ao seu lugar. Você não virou a cabeça até o final do espetáculo e experimentei na alma certa impaciência em relação a você. Surpreendia-me por não ter adivinhado que uma jovem de vestido branco enfeitado de azul desejava intensamente ser notada pelo cavalheiro que elegera secretamente. Há tanto tempo eu desejava estar no mesmo lugar que você... O desejo tinha sido realizado, mas você sequer notara minha presença!

Ao meu ver, você deveria ter sentido um arrepio agradável, ter-se virado e procurado lentamente no salão pela causa daquela emoção secreta, ter dirigido o olhar ao meu camarote, levado a mão ao coração e entrado em êxtase. É o que um herói de romance teria feito! Mas você não era um herói de romance...

Meu pai, que ficara preso num jantar importante, só chegou na metade do segundo ato, e, ao ver você, comentou:

– Guy de Malivert está aí. Não sabia que tinha voltado da Espanha. Essa viagem vai nos render, com certeza, algumas touradas na Revue, uma vez que Guy é um tanto bárbaro.

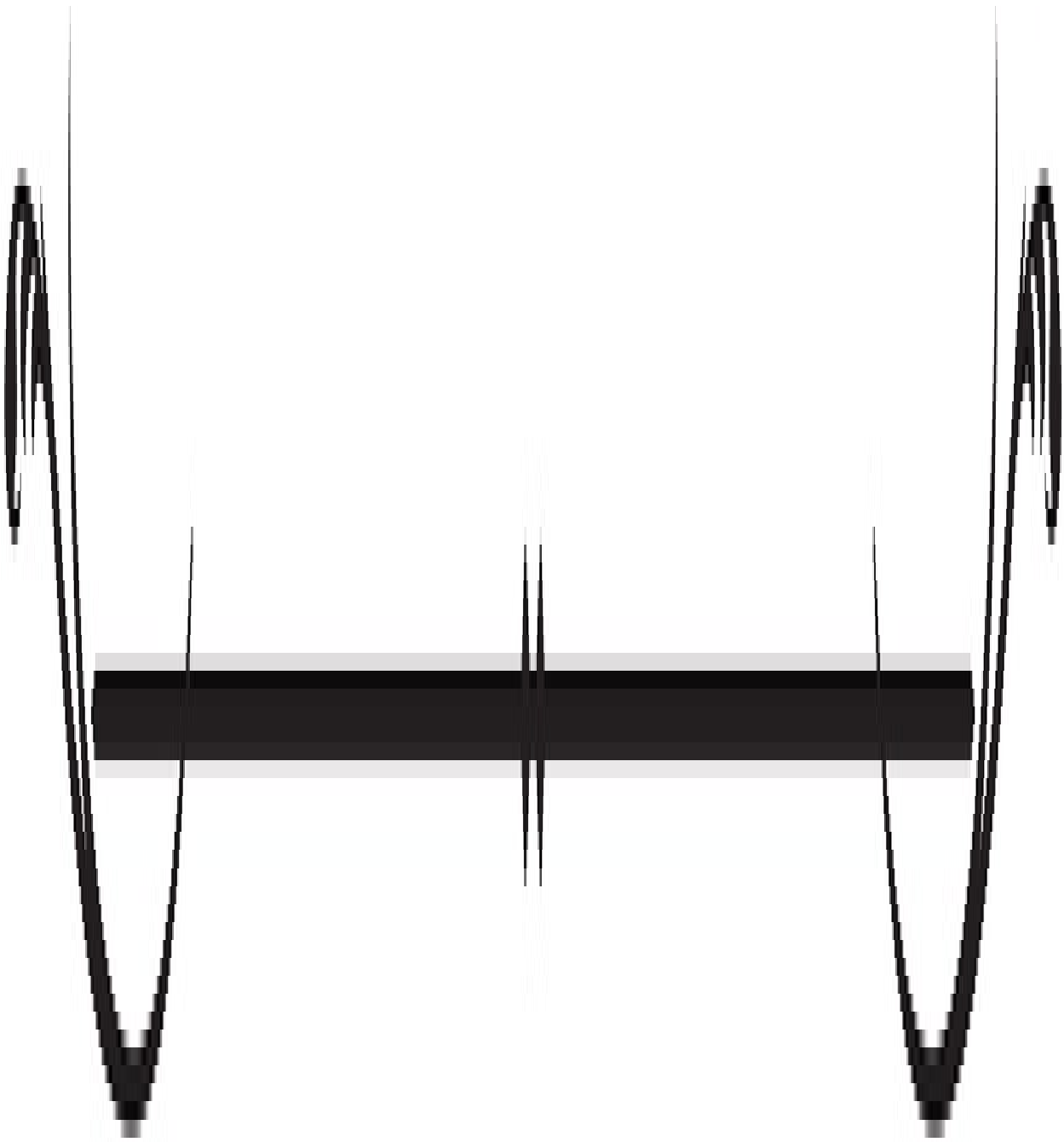
Dava-me prazer ouvir seu nome pronunciado pelos lábios paternos. Você não era um desconhecido para minha família! Uma aproximação poderia acontecer, facilmente até. Aquela ideia me consolou um pouco pelo insucesso da noite.

O espetáculo terminou sem outros incidentes, fora a chuva de pétalas, os pedidos de bis e as ovações à cantora Patti. Enquanto aguardávamos no pátio que o laçao viesse anunciar a chegada de nossa carruagem, vi você passar com um amigo e tirar um charuto de um estojo elegante de cortiça de Manilla. O desejo de fumar tornava-o indiferente àquele desfile de mulheres belas e feias, é preciso que se diga, que se encontravam nos degraus da escadaria. Você se esgueirava em meio àquele amontoado de tecidos, sem se preocupar muito em amarrotá-los, e logo chegou à porta com seu amigo, que aproveitava o caminho aberto por você.

De volta à minha casa, feliz e decepcionada ao mesmo tempo, ensaiei distraidamente ao teclado alguns trechos de A Sonâmbula, como se pudesse prolongar a vibração daquela noite. Adormeci pensando em você.

-

Capítulo IX



Acontece que chega um momento em que, depois de certo tempo, confrontamos a lembrança com a imagem que a imaginação trabalhou, à semelhança do pintor que continua o retrato na ausência do modelo, suavizando retas, misturando cores, atenuando contornos, transformando, sem que o percebamos, o tipo de nosso ideal particular.

Fazia mais de três anos que eu não via você, mas meu coração tinha guardado seus traços com exatidão. Aquele que você era agora parecia-se menos com minhas lembranças. Sua fisionomia ganhara mais firmeza e caráter, e o bronzeado adquirido nas viagens havia dado uma cor mais quente e saudável à sua pele.

O homem substituíra o rapaz e havia adquirido aquele ar de autoridade tranquila e de força autoconfiante, que talvez agrade mais às mulheres do que a beleza. Eu não guardava com menos carinho, no fundo da alma, o primeiro desenho, aquele esboço leve, mas indelével, do ser que deveria exercer tanta influência sobre mim. Guardava-o zelosamente, da maneira como se guarda um retrato da infância ao lado do atual. Meus sonhos não o haviam depreciado e, ao revê-lo, não me vi forçada a remover o manto de perfeições fantásticas com que o havia cercado.

Encolhida em minha cama, pensava em tudo isso, enquanto acompanhava com os olhos os reflexos trêmulos da luz do lampião sobre as rosas azuis do tapete, esperando o sono que não vinha e que só desceu sobre meus olhos pela manhã, num misto de sonhos sem continuidade e melodias vagas.

Algumas semanas mais tarde, recebemos o convite para um grande baile que a duquesa de C.... oferecia. O primeiro baile era um acontecimento importante para uma jovem. E tudo guardava ainda mais interesse para mim pela possibilidade de sua presença naquela festa, visto que a duquesa era grande amiga sua.

Os bailes são para nós como batalhas ganhas ou perdidas. É neles que uma jovem saída das sombras de um internato tem a possibilidade de brilhar com toda força. Os costumes sociais lhe conferem, por um curto espaço de tempo, sob o pretexto de uma dança, um tipo de liberdade relativa, e o baile é para ela como o centro da ópera, em que os dominós aparecem sem máscaras.

O convite para participar de uma quadrilha, de uma mazurca, permite uma aproximação e até mesmo que se troque algumas palavras ao longo da dança. É comum, entretanto, que na pequena caderneta em que a jovem anota os convites para dançar que recebeu não conste o único nome que ela desejaria que ali estivesse.

Era preciso pensar no traje que eu usaria, pois o traje para um baile é como um poema. No caso de uma jovem, apresenta verdadeiras dificuldades. Deve ser um traje simples, mas de uma simplicidade rica, qualidades que são contrárias uma à outra. Um vestido leve, inteiramente branco como dizem os romances, não seria apropriado.

Após certa hesitação, decidi-me por um vestido de saia dupla em gaze de palhetas de prata, realçada por buquês de miosótis, cujo azul combinava maravilhosamente com as joias de turquesa que meu pai havia escolhido para mim na Casa Janisset. Filetes de turquesas, imitando a flor que decorava meu vestido, enfeitavam meus cabelos.

Com todos aqueles ornamentos, acreditei que poderia comparecer ao baile sem ficar a dever em meio aos trajes esplêndidos e às beldades célebres. Para dizer a verdade, como simples filha do planeta Terra, estava suficientemente bem.

A duquesa de C... residia num daqueles imensos palácios do Faubourg Saint-Germain, construídos para as existências grandiosas de outrora e que não tem sido fácil à vida moderna conservar. É preciso multidões e o luxo de uma festa para lhes devolver a animação dos velhos tempos. Do lado de fora, era impossível calcular a extensão daquela propriedade quase principesca. Num muro alto, que ocultava dois corpos do edifício, abria-se um portão monumental que ostentava em seu ático, em letras de ouro sobre uma placa de mármore verde o nome: Propriedade de C... Era tudo o que se podia ver da rua.

Uma longa alameda de tílias centenárias formava um arco à velha moda francesa. As árvores que o inverno havia desfolhado levavam a um pátio imenso, ao fundo do qual erguia-se o palácio ao mais puro estilo Luís XIV, com suas janelas altas, pilastras embutidas e seus remates à Mansart, fazendo lembrar a arquitetura do Palácio de Versalhes. Uma marquise de algodão rosa e branco, sustentada por mastros de madeira entalhada, estendia-se sobre a escadaria externa, revestida por um rico tapete. Tive tempo de examinar todos esses detalhes à luz dos lampiões, uma vez que o fluxo de pessoas, muito embora

selecionadas, era tão grande que foi preciso formar filas, como nas recepções da corte.

A carruagem deixou-nos diante da porta principal e passamos nossos casacos de pele às mãos de nosso lacai. Junto à porta envidraçada, que se abria e fechava, postava-se um suíço gigantesco com o colarinho perfeito. No vestíbulo, todos passavam entre duas fileiras de criados em librés de gala, empoados, todos muito altos e perfeitamente imóveis e sisudos. Pareciam esculturas representando a criadagem, e podia-se notar que eles se sentiam honrados por servir numa residência como aquela.

Toda a escadaria – na qual uma construção dos dias de hoje caberia facilmente – estava enfeitada por camélias imensas. Em cada patamar, um espelho enorme permitia que as mulheres ajeitassem, enquanto subiam, pequenos desalinhos que os casacos, por mais leves que sejam, causam aos vestidos de baile, e que a luz viva do lustre evidenciava. O lustre pendia do teto em cúpula, sustentado por um cordão dourado, entre leves toques de azul e nuvens que o pincel de algum aluno dos pintores Lebrun ou Mignard fizera pairar, em tamanho reduzido, numa analogia mitológica ao gosto da época.

Através das janelas, via-se paisagens de formas alongadas, em estilo grave e cores sombrias, que faziam lembrar as pinturas de Poussin ou, quem sabe, de Gaspar Dughet. Era essa a opinião de um pintor famoso que subia as escadas ao nosso lado e que ajustara o monóculo para enxergar melhor. No topo das escadas, sobre pedestais em que se apoiavam os corrimões que eram verdadeiras maravilhas da serralheria, estátuas de mármore dos escultores Lepautre e Théodon seguravam candelabros cuja luz era tão forte quanto a do lustre, e que faziam com que a festa começasse já nas escadas pela alegria da iluminação.

À porta da antecâmara, acolchoada com tapeçarias da famosa Escola de Gobelins, com base nos desenhos do pintor Oudry, e revestimento em carvalho antigo, postava-se um porteiro trajado de preto, com uma corrente de prata no pescoço, que anunciava ao salão principal o nome dos recém-chegados com voz mais ou menos retumbante, conforme a importância do convidado.

O duque, alto e magro, longilíneo como um galgo de raça, tinha um ar de perfeita nobreza e, apesar da idade, conservava vestígios de sua antiga elegância. Ainda que estivesse na rua, sua posição seria reconhecida por todos. A poucos passos da porta, ele recebia os convidados com palavras amáveis, apertos de

mão, cumprimentos, movimentos de cabeça e sorrisos, com expressões refinadas que dirigia a cada pessoa com tal gentileza, que todos sentiam-se satisfeitos, acreditando-se dignos de uma atenção especial.

Cumprimentou mamãe com um gesto amigável e respeitoso, e como era a primeira vez que me via, recitou-me uma breve poesia, num tom entre paternal e elegante, que guardava o estilo de seus galanteios de outrora.

A duquesa postava-se junto à lareira, vestida de maneira que denotava total desapego das ilusões. Trazia uma peruca na cabeça e ostentava no colo magro, excessivamente decotado, diamantes que deviam ser de família. Parecia ser espirituosa, e seus olhos brilhavam com intensa vivacidade sob as pálpebras largas e morenas.

Trajava um vestido de veludo vermelho escuro com aplicações de bordados da Inglaterra e um broche de diamantes no corpete. Enquanto se abanava distraidamente com um leque grande, cuja folha tinha sido pintada por Watteau, trocava algumas palavras com os grupos que vinham cumprimentá-la. Seus gestos transpareciam grande dignidade. Dirigiu algumas palavras à mamãe, e como eu me inclinasse ao ser apresentada, tocou minha testa com seus lábios frios e disse:

– Vá entrando, mocinha bonita! E não perca nenhuma dança.

Terminados os cumprimentos, adentramos a sala ao lado, que conduzia ao salão de baile. Sobre as paredes de um tom de damasco avermelhado destacavam-se retratos de família em molduras magníficas da época áurea das pinturas e que não estavam ali por orgulho de nobreza, mas apenas como obras de arte preciosas. Eram retratos pintados por Clouet, Porbus, Van Dyck, Philippe de Champagne e Largillière, todos dignos da galeria de um museu. O que me agradava no luxo daquela residência era que ali nada parecia novo. As pinturas, os dourados, os tons de damasco, os brocados, embora não estivessem descorados, tinham tons apagados, que não agrediam os olhos pelo brilho gritante do novo. Percebia-se que aquela riqueza era antiquíssima e que sempre tinha sido assim.

O salão de baile era de dimensões só comparáveis aos dos palácios. Inúmeros candelabros e tocheiros, colocados nos vãos entre as janelas, provocavam, com seus milhares de velas, uma espécie de clarão luminoso, através do qual as

pinturas azuladas do teto, em que se enlaçavam guirlandas de ninfas e de amantes, eram vistas como que através de uma névoa rósea. Apesar da quantidade de velas, o local era tão amplo que não ficava abafado. Respirava-se confortavelmente.

A orquestra postava-se numa espécie de galeria ao fundo do salão, em meio a um maciço de plantas raras. Fileiras de mulheres em trajes cobertos de joias, quando não de beleza, pois havia ali algumas muito belas, acomodavam-se em banquetas de veludos dispostas como num anfiteatro. A cena era magnífica!

Tínhamos entrado exatamente no intervalo entre duas danças. Sentada ao lado de minha mãe, no canto de uma banquetta que se achava livre, eu contemplava aquele espetáculo novo para mim com curioso espanto. Os homens, após haverem reconduzido seus pares, caminhavam pelo meio do salão, olhando para a direita e para a esquerda, como que passando em revista as damas, para fazerem sua próxima escolha. Isso era o que faziam os jovens do baile, pois os homens mais velhos não se permitiam mais dançar.

Havia ali jovens ligados à embaixada, secretários de missões diplomáticas, auditores do Conselho de Estado, futuros desembargadores ainda juvenis, oficiais aspirantes, membros do Moutard-Club de uma gravidade diplomática, jovens esportistas sonhando com corridas de cavalos, moços elegantes cuja barba começava a despontar, filhos de famílias ricas com a altivez precoce de quem carrega um nome importante e uma grande fortuna. A esses jovens misturavam-se alguns personagens sérios que exibiam condecorações, cuja cabeça calva luzia como o mármore sob a luz dos lustres, ou disfarçava-se sob uma peruca excessivamente negra ou loira.

Enquanto passavam, dirigiam algumas palavras gentis às damas de seu tempo para, em seguida, examinarem como eméritos e desinteressados conhecedores, com a ajuda de monóculos, o harém feminino ali presente. Os primeiros acordes da orquestra faziam com que eles se dirigissem, tão depressa quanto seus pés o permitiam, aos salões mais sossegados, onde se jogava cartas sobre mesas iluminadas por candelabros munidos de quebra-luzes verdes.

Como você bem pode imaginar, não me faltaram convites para dançar. Um jovem húngaro, em trajes de magnata adornado com sutaches e botões com pedrarias, convidou-me para dançar uma mazurca. Tinha feições harmônicas, de uma palidez romântica, grandes olhos negros um tanto selvagens e bigodes

afilados como agulhas. Um inglês de 22 ou 23 anos, que lembrava Lorde Byron, mas não era manco, também me tirou para dançar; depois um adido de uma das cortes do Norte e muitos outros vieram se inscrever em minha caderneta. Mas muito embora meu velho professor de dança no convento costumasse me elogiar como sendo uma de suas melhores alunas e me parabenizasse por minha graça, leveza e percepção de ritmo, confesso que não me sentia à vontade.

Experimentava, como dizem os jornais, o nervosismo inevitável da estreia. Tinha a impressão de que todos os olhares estavam sobre mim, como é comum acontecer às pessoas tímidas. Felizmente, meu húngaro era excelente dançarino. Dirigi meus primeiros passos e, em pouco tempo, animada pela música, inebriada pelo movimento, adquiri confiança e deixei-me levar naquele turbilhão de saias flutuantes, numa espécie de prazer nervoso. Mas não havia esquecido meu pensamento habitual, o objetivo que me fizera ir ao baile.

Ao passar junto às portas, meus olhos buscavam discretamente encontrá-lo nos salões vizinhos. Por fim, eu o enxerguei por um vão de porta, conversando com um personagem de rosto moreno, nariz alongado, com uma barba negra espessa, trazendo na cabeça um barrete turco e trajando um uniforme de Nizam, com uma condecoração de Medjidieh. Era provavelmente um bey ou um paxá. Quando o movimento da dança me conduziu para frente, você permanecia lá, conversando animadamente com o turco de uma placidez oriental, e sequer se dignava a olhar para as belezas que passavam por você, com o rosto corado pela dança, numa cintilação de luz.

Todavia, não perdi a esperança e, por hora, contentei-me com a satisfação de saber que você estava lá. Além do mais, a festa não tinha acabado e algum acaso feliz poderia nos aproximar. Meu par reconduziu-me ao meu assento, e novamente os homens se puseram a circular pelo espaço limitado pelas banquetas.

Você caminhou alguns passos com seu amigo turco em meio àquela multidão que se movia e contemplou as mulheres e seus trajes como teria contemplado quadros ou estátuas. Às vezes, você fazia algum comentário com seu amigo paxá, que sorria com sua barba negra. Tudo isso eu via através das varetas de meu leque, que fechei, confesso, quando vi que você se aproximava do local onde minha mãe e eu estávamos sentadas.

Meu coração batia forte e eu me sentia corar até os ombros. Era impossível que

daquela vez você não me visse, pois caminhava tão próximo às banquetas quanto as franjas brilhantes de gazes, rendas e saíotes o permitiam. Mas quis a infelicidade que dois ou três amigos de minha mãe viessem se colocar à nossa frente, a fim de cumprimentar-nos. Aquele verdadeiro biombo formado por trajes negros me ocultou por completo.

Foi preciso que você contornasse o grupo, e continuei despercebida, embora tivesse inclinado um pouco a cabeça na esperança de ser vista por você. Mas você não tinha como adivinhar que aqueles fraques respeitosa e inclinados escondiam uma jovem bem bonita, cujo único pensamento era você e que tinha ido àquele baile por sua causa.

Eu o vi sair do salão pelo outro lado, sendo que o barrete vermelho de seu amigo turco me servia como ponto de referência, para que eu não o perdesse de vista naquela multidão de trajes escuros, que servem tanto para festas quanto para o luto.

Toda minha alegria desapareceu e senti-me profundamente desencorajada. O destino parecia se divertir com a insistência irônica em afastar você de mim. Aceitei as danças que já tinham sido prometidas e, fingindo cansaço, recusei novos convites. O baile tinha perdido o encanto. Os trajes me pareciam desbotados e as luzes empalidecidas.

Meu pai, que jogava num salão ao lado e que havia perdido uma centena de luíses para um velho general, veio nos buscar para passear pelas dependências da residência e nos mostrar a estufa para a qual dava o último cômodo e sobre a qual diziam maravilhas. De fato, nada era mais deslumbrante. Era como se estivéssemos numa floresta virgem, tantas eram as bananeiras, tangerineiras, palmeiras e plantas tropicais que ali se desenvolviam vigorosamente, numa atmosfera quente e saturada de perfumes exóticos.

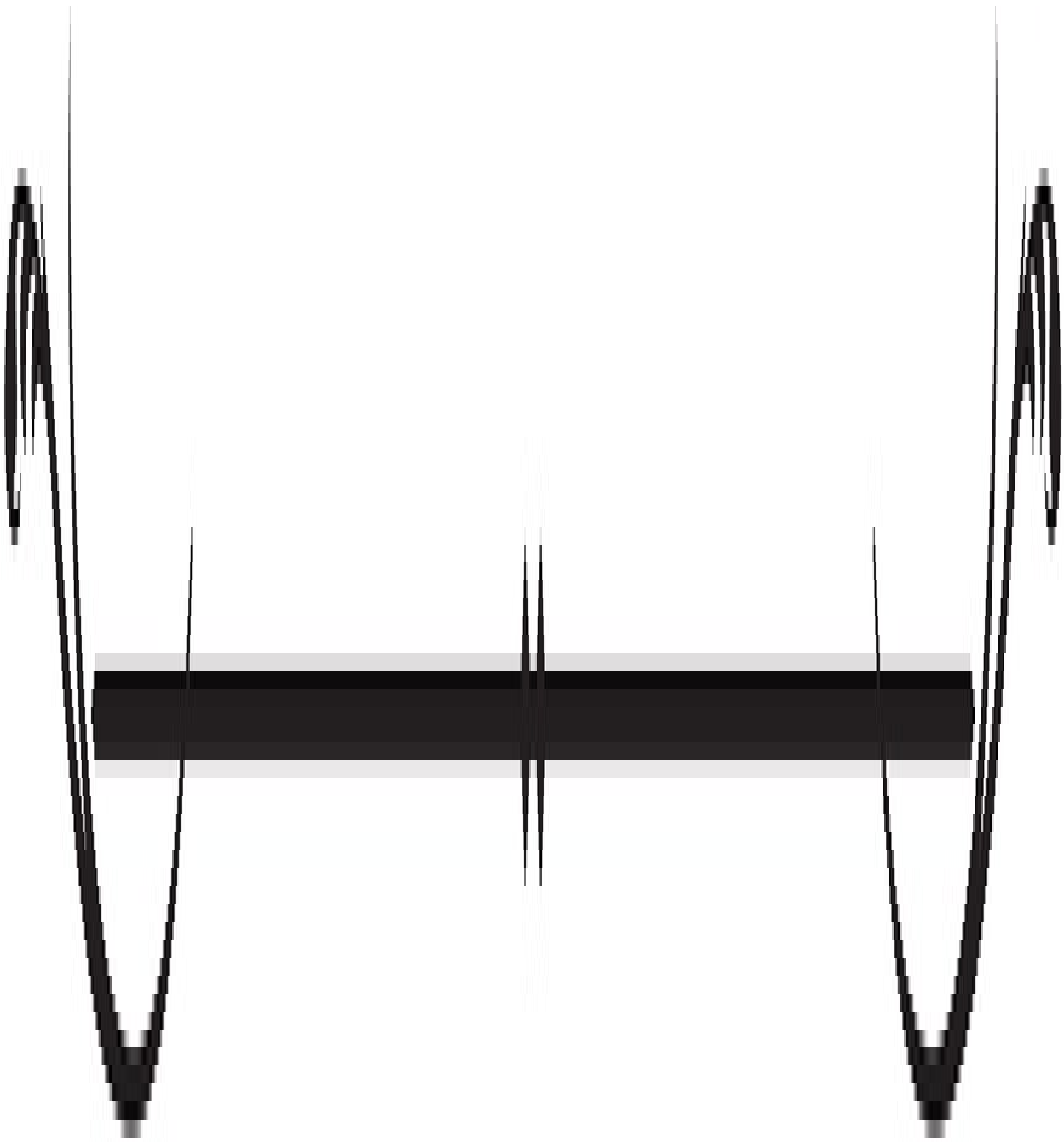
No fundo da estufa, uma figura mitológica em mármore branco derramava a água de sua ânfora sobre uma concha gigantesca dos Mares do Sul, rodeada de musgo e plantas aquáticas. Eu tornei a vê-lo ali, de braço dado com sua irmã. Mas vocês caminhavam à nossa frente e não pudemos nos encontrar, já que caminhávamos na mesma direção pelo caminho estreito coberto de areia amarelada e ladeado por vegetação, que contornava arbustos encorpados, flores e vegetais.

Passeamos ainda por alguns salões onde as pessoas circulavam mais livremente, pois os dançarinos se dirigiam a um buffet, servido com elegante fartura, numa galeria revestida de ébano realçado em dourado e decorada com quadros de Desportes, representando flores, frutos e cenas de caça em cores esplêndidas, que o tempo só fizera embelezar. Todos esses detalhes, vagamente contemplados, ficaram registrados fielmente em minha memória e ainda me lembro deles neste mundo, onde a vida terrestre não parece mais que um sonho sombrio. Conectam-me a sensações tão vivas, que acabaram por me forçar a voltar à Terra.

Voltei para casa com uma tristeza tão intensa quanto tinha sido minha alegria de ir à festa, e atribuí meu abatimento a uma leve enxaqueca. Troquei por uma camisola o vestido que não tinha servido para nada, pois eu só tinha desejado estar bela para você. E dizia a mim mesma num suspiro:

– Por que ele não me convidou para dançar como fizeram o húngaro, o inglês e os outros cavalheiros que não me importavam? Teria sido tão simples! O que há de mais natural num baile? Todos me olharam, exceto o único ser cuja atenção eu desejava. Decididamente, meu desventurado amor não tem sorte...

Deitei-me e algumas lágrimas escorreram de meus olhos para o travesseiro.



Aí terminou a

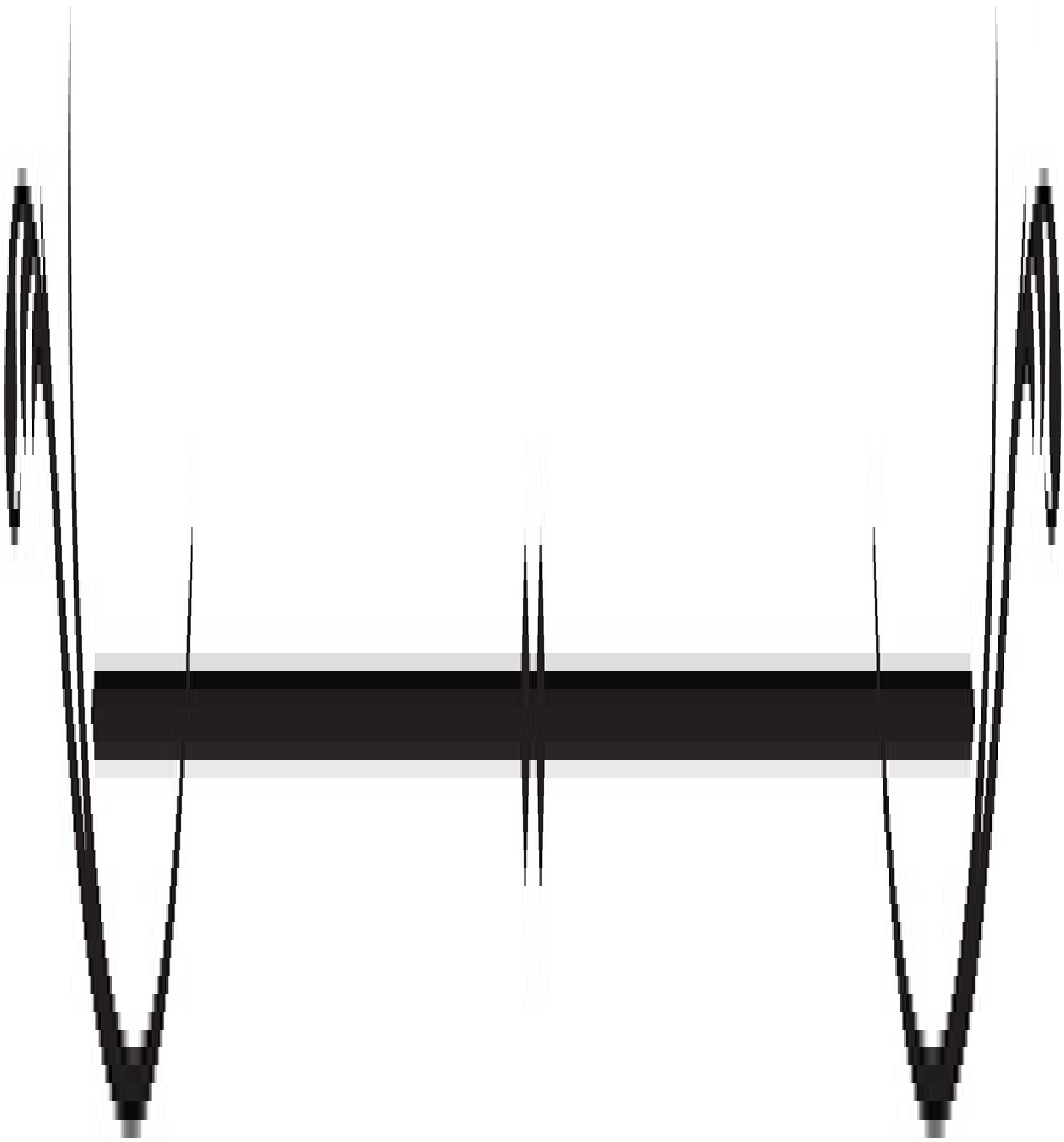
primeira comunicação de Espírita. O candeeiro já se havia apagado há um bom tempo por falta de óleo. Malivert, entretanto, prosseguia escrevendo como os sonâmbulos, que não necessitam da luz exterior. As páginas se haviam amontoado sem que Guy tivesse consciência disso. Subitamente, o impulso que guiava sua mão cessou e seus pensamentos, suspensos para dar lugar aos de Espírita, retornaram. As primeiras claridades do dia penetravam através das cortinas do quarto. Guy foi abri-las, e a claridade pálida, característica das manhãs de inverno, permitiu que visse as folhas que se amontoavam sobre a mesa, repletas de uma escrita febril e rápida, que tinham sido o resultado de seu trabalho naquela noite.

Embora tivesse escrito tudo com sua mão, desconhecia o conteúdo do que escrevera. Nem é preciso dizer da curiosidade ardente e da profunda emoção com que leu as confissões inocentes e castas da alma encantadora, do ser adorável do qual tinha sido carrasco, sem o saber, é necessário que se diga. Aquela confissão de amor tardia, vinda do outro mundo, sussurrada por uma sombra, lançou-o num remorso desesperado e numa raiva contra si mesmo. Como

podia ter sido tão tolo e cego para deixar que a felicidade passasse ao seu lado sem percebê-la? Mas acabou por se acalmar e, erguendo os olhos casualmente para o espelho de Veneza, viu ali o reflexo de Espírita que sorria para ele.

—

Capítulo X



É uma sensação

estranha a de receber a revelação de uma felicidade retrospectiva, que passou perto de nós sem que a percebêssemos e que perdemos por nossa própria culpa. O arrependimento perante o irreparável é sempre o mais amargo. Vem o desejo de recuperar os dias que já se passaram, de fazer planos admiráveis de conduta, de se entregar com atraso a percepções surpreendentes. Mas a vida é como uma ampulheta: o grão que caiu, não volta mais.

Guy se maldizia em vão por não ter sabido perceber aquela criatura encantadora que não estivera escondida num harém de Constantinopla, nem atrás das grades de um convento da Itália ou da Espanha, nem vigiada por um tutor ciumento como acontecera à personagem Rosine. Pelo contrário: ela havia pertencido à mesma sociedade que ele, portanto poderia tê-la visto todos os dias, sem que nenhum obstáculo verdadeiro os afastasse.

Ela o amava e, portanto, se ele tivesse pedido sua mão, ela tê-la-ia concedido. Sim. Guy teria usufruído da felicidade suprema e rara de estar unido, desde a Terra, à alma que havia sido feita para a sua. Pelo modo como adorava sua sombra, podia compreender

a paixão que a mulher lhe teria inspirado. Logo, porém, as ideias de Malivert tomaram outro rumo e ele parou de se recriminar a si mesmo e de se lamuriar. O que havia perdido, afinal de contas, se Espírita tinha conservado seu amor para além do sepulcro e tinha abandonado as profundezas do infinito para descer à esfera que ele habitava?

A paixão que ele sentia não era mais nobre, mais poética, mais etérea, mais próxima do amor eterno, livre, portanto, de todas as contingências terrestres, tendo por objeto uma beldade idealizada pela morte? A mais perfeita das uniões terrestres não tem seus arrefecimentos, seus tédios e seus aborrecimentos? Afinal, os olhos mais apaixonados veem, passados alguns anos, os encantos adorados empalidecerem. A alma se faz menos visível através da carne envelhecida, e o amor, atônito, sai à procura de seu ídolo desaparecido.

Tais reflexões e o ritmo comum da vida com suas exigências, às quais os sonhadores mais entusiastas não podem fugir, mantiveram Malivert entretido até a noite, que ele aguardava impaciente. Assim que se fechou em seu gabinete e se sentou junto à mesa em posição de escrita, como na véspera, a mãozinha branca, magra, com veias azuladas tornou a aparecer

e fez sinal a Malivert para que pegasse a pena. Ele obedeceu e seus dedos começaram a se mover por vontade própria, sem que seu cérebro os comandasse. Os pensamentos de Espírita substituíram os dele.

Ditado de Espírita

Não gostaria de aborrecê-lo de maneira póstuma, narrando todas as minhas desventuras. Um dia, porém, senti forte alegria e acreditei que o destino malicioso, que parecia se divertir em me esconder de seus olhos, fosse parar com suas brincadeiras. Meus pais e eu iríamos jantar no sábado seguinte na residência do Sr. de L.... O fato me seria indiferente se não tivesse ficado sabendo ao longo da semana, pelo barão de Féroë que vinha por vezes à nossa casa, que você deveria participar daquela reunião meio social, meio literária.

Sim, porque o sr. de L... gostava de recepcionar artistas e escritores. Era homem de gosto refinado, perito em livros e pinturas, e possuía uma biblioteca e uma galeria de quadros de gosto irretocável. Você comparecia por vezes àquelas recepções, assim como diversos autores célebres, ou em vias de se tornarem conhecidos. O sr. de L... orgulhava-se por ser experiente em descobrir talentos e só dava crédito a reputações já comprovadas. Em minha exaltação infantil, dizia a mim mesma:

– Finalmente terei aquele fugitivo. Desta vez ele não me escapará. Quando estivermos sentados à mesa, quem sabe um ao lado do outro, iluminados por cinquenta velas, ele não deixará de me notar, por mais distraído que seja. A menos que haja entre nós uma corbeille ou peça de serviço que me oculte aos olhos dele.

Os dias que faltavam até aquele bendito sábado pareceram-me incomensuravelmente longos, tão longos quanto as aulas do convento. Mas finalmente chegou e lá fomos os três, meu pai, minha mãe e eu à residência do

sr. de L... Chegamos cerca de meia hora antes do jantar. Os convidados, espalhados pelo salão, formavam grupos de conversa, iam e vinham, admiravam quadros, abriam as brochuras deixadas sobre a mesa ou contavam novidades de teatro a algumas mulheres sentadas num divã junto à anfitriã.

Entre eles estavam dois ou três escritores ilustres, cujo nome meu pai disse e cuja fisionomia parecia não combinar com o caráter de sua obra. Você ainda não tinha chegado, mas os outros convivas já estavam todos presentes. O sr. de L... começava a lamentar sua falta de pontualidade, quando um criado alto se aproximou trazendo uma bandeja de prata, onde havia um lápis para assinar e marcar a hora. Era um telegrama seu, vindo de Chantilly e contendo as seguintes palavras, em estilo telegráfico:

– Perdi o trem. Não espere. Sem qualquer esperança.

O desapontamento foi cruel. A semana inteira eu nutrira aquela esperança, que se desvanecia no momento de se realizar. Uma tristeza difícil de disfarçar tomou conta de mim e o colorido que o entusiasmo trouxera ao meu rosto desapareceu. Felizmente, naquele momento as portas da sala de jantar se abriram e o mordomo anunciou que a refeição estava servida. O movimento que se estabeleceu entre os convivas impediu que se notasse minha perturbação.

Quando todos tomaram assento, uma cadeira permaneceu vazia ao meu lado. Era a sua e, para que eu não tivesse dúvidas, seu nome estava escrito em bela caligrafia sobre um cartão embelezado por arabescos finos em cores e colocado junto à sua fileira de copos. Assim sendo, a ironia do destino era completa. Se não fosse por aquele contratempo banal da ferrovia, eu o teria junto a mim ao longo de toda a refeição, roçando meu vestido, e sua mão poderia ter tocado a minha em meio às inúmeras gentilezas que, à mesa, o cavalheirismo menos atento acredita dever prestar a uma dama.

Teríamos trocado de início algumas palavras banais, como é de praxe em todo início de conversa, e depois, uma vez quebrado o gelo, a conversação teria se tornado mais íntima e seu espírito não tardaria a compreender o que se passava em meu coração. Talvez eu não o tivesse desagradado e, muito embora tendo chegado recentemente da Espanha, você teria perdoado a brancura rosada de minha pele e o ouro pálido de meus cabelos.

Se você tivesse comparecido àquele jantar, sua vida e a minha teriam certamente

tomado outro rumo. Você não seria mais solteiro, eu estaria viva e não teria que me submeter a fazer essas declarações de além-túmulo. O amor que você passou a ter por minha sombra me leva a crer, sem excessivo orgulho, que você não teria permanecido insensível aos meus encantos terrenos. Mas não era para acontecer!

O assento livre, que me isolava dos demais convivas, pareceu-me um símbolo de meu destino, que me anunciava a espera vã e a solidão em meio à multidão. Esse presságio sinistro cumpriu-se inteiramente.

O cavalheiro sentado à minha direita era, conforme fiquei sabendo mais tarde, um acadêmico muito amável e culto. Tentou muitas vezes falar comigo, mas respondi apenas com monossílabos que, além do mais, não faziam sentido como respostas às suas perguntas. Meu interlocutor desanimado deve ter-me julgado uma tola e passou a conversar com a dama sentada à sua esquerda.

Mal toquei na comida. Sentia o coração tão pesado, que não conseguia comer. Por fim, o jantar terminou e passamos ao salão, onde grupos de convivas se formaram para conversar, conforme suas afinidades. Num grupo próximo o bastante da poltrona em que eu me sentava para que pudesse ouvir tudo que se dizia, seu nome, mencionado pelo sr. d'Aversac, despertou minha curiosidade.

– O pobre Malivert está enfeitiçado pelo paxá – dizia ele. – Por sua vez, o paxá está encantado por Malivert. Os dois não se largam mais. O tal Maomé ou Mustafá, não sei bem o nome dele, quer levar Guy para o Egito. Diz que vai colocar um barco a vapor à disposição dele, para que possa ir às primeiras cataratas do Nilo. Mas Guy, que é tão bárbaro quanto o turco é civilizado, preferiria um veleiro, por ser mais pitoresco. Esse projeto agrada a Malivert, que acha que faz muito frio em Paris. Ele adoraria passar o inverno no Cairo e prosseguir lá com seus estudos sobre arquitetura árabe, que iniciou em Alambra. Mas, se ele for para lá, temo que acabe por abraçar o islamismo como Hassan, o herói da ópera cômica Namouna.

– Isso bem pode acontecer – respondeu um rapaz que fazia parte do grupo. – Malivert sempre demonstrou certo desprezo pela civilização ocidental.

– Duvido! – outro cavalheiro exclamou. – Depois que ele tiver vestido alguns trajes autênticos, tomado uma dúzia de banhos de vapor, comprado um ou dois escravos no mercado de Djellaba, que acabará vendendo abaixo do preço....

Depois que tiver escalado as pirâmides, desenhado o perfil achatado da esfinge, voltará a pisar tranquilamente o asfalto do boulevard dos Italianos que, ao final das contas, é o único lugar habitável do Universo.

Aquela conversa perturbou-me profundamente. Você iria partir! Por quanto tempo? Quem poderia dizê-lo? Teria eu a oportunidade de vê-lo antes de sua partida, para deixar pelo menos minha imagem, para que você a levasse consigo? Era uma felicidade com a qual eu não ousava contar mais, depois de tantas tentativas frustradas.

De volta à minha casa, após ter acalmado minha mãe que pensou que eu estivesse doente por causa de minha palidez, uma vez que não tinha como suspeitar do que se passava em minha alma, comecei a refletir seriamente sobre minha situação. Perguntei a mim mesma se aquela obstinação das circunstâncias em nos manter separados não seria um aviso secreto do destino, ao qual seria perigoso desobedecer. Talvez você pudesse ser fatal para mim e eu estivesse errada em insistir tanto para me colocar em seu caminho. Mas só minha razão aceitava aquela ideia, pois meu coração a rejeitava e estava disposto a correr riscos por seu amor até o fim. Estava irremediavelmente ligada a você e aquele elo, tão frágil em aparência, era mais sólido que uma corrente de diamantes. Por infelicidade, só a mim ele prendia.

– Como é doloroso o destino das mulheres – eu dizia a mim mesma. – Sempre condenadas à espera, à inação e ao silêncio. Não podem demonstrar sua afeição, sob risco de faltarem ao pudor. Devem se sujeitar ao amor que inspiram, sem nunca confessar o amor que sentem.

A partir do momento em que minha alma havia despertado, um sentimento único se apossara dela: sentimento puro, absoluto, eterno, sendo que o ser que dele era objeto talvez o ignorasse para sempre. Como fazer com que ele soubesse que uma mocinha, que possivelmente viria a amar, suspeitasse de seu segredo, vive e respira apenas por causa dele?

Passou-me por um instante pela mente escrever a você uma daquelas cartas que por vezes os escritores recebem, nas quais, sob pretexto de admiração, é possível perceber sentimentos de outra natureza e que sugerem a possibilidade de um encontro não comprometedor em um teatro ou passeio. Mas meu recato feminino se revoltava contra o uso de tal estratégia e eu tinha medo de que você me tomasse por uma escritora estrepante, desejosa de publicar um romance na Revue

des Deux Mondes com sua ajuda.

D'Aversac tinha dito a verdade. Na semana seguinte você partiu para o Cairo com seu amigo paxá. Sua partida, que adiava minhas esperanças para uma época incerta, gerou em mim uma melancolia que era difícil esconder. O interesse de minha vida estava em suspenso. Abandonei a vaidade e passei a deixar que minha dama de companhia escolhesse as joias que eu usaria nas ocasiões em que me apresentava em sociedade. Para que estar bonita, se você não estaria lá?

Todavia, era ainda bela o suficiente para me ver cercada por inúmeros pretendentes, como Penélope. Pouco a pouco, nosso salão habitualmente frequentado pelos amigos de meu pai, homens sérios e um tanto maduros, passou a ficar repleto de rostos mais jovens, muito assíduos às nossas recepções de sexta-feira. Pelo vão das portas, eu via homens de ar sombrio e melancólico, impecavelmente penteados e cujo nó da gravata lhes devia ter custado profundas meditações, lançarem, em segredo, olhares apaixonados e sedutores para mim.

Outros, durante as danças, mal o som do piano se fazia ouvir, lançavam suspiros que eu atribuía à sufocação, sem me deixar impressionar de maneira alguma. Outros ainda, mais audaciosos, arriscavam frases morais e poéticas acerca de uma união bem-sucedida e fingiam ser feitos para proporcionar a mais legítima felicidade. Como eram bem cuidados, perfeitos, irretocáveis, e que delicadeza ideal demonstravam!

O perfume de seus cabelos vinha da Maison Houbigant e seus trajes haviam sido confeccionados por Renard. O que mais uma imaginação exigente e romântica poderia exigir? Aqueles belos jovens também pareciam ingenuamente surpresos por me impressionarem tão pouco. Creio que os mais despeitados chegaram a pensar que eu fazia tipo.

Alguns bons partidos apareceram. Mais de uma vez minha mão foi pedida aos meus pais. Quando eles me consultavam, porém, eu sempre respondia com uma negativa, encontrando, por sinal, objeções excelentes para apresentar. Ninguém insistia. Eu era tão jovem, que não havia razão para uma urgência da qual, mais tarde, se poderia arrepender.

Acreditando que eu tivesse alguma preferência secreta, minha mãe veio me questionar e quase abri meu coração para ela. Um pudor invencível, porém, impediu-me de fazê-lo. Aquele amor que eu experimentava sozinha, e que você

ignorava, me parecia ser um segredo que não deveria ser revelado sem seu consentimento. Ele não pertencia apenas a mim, pois metade era sua. Desse modo, mantive o silêncio. Além do mais, como confessar, mesmo à mais indulgente das mães, uma paixão que ela poderia julgar tola, visto que nascera de uma impressão da infância, sentida no parlatório de um convento, que eu mantivera obstinadamente no fundo de minha alma e que nada justificava do ponto de vista humano?

Se eu tivesse falado, minha mãe teria, sem dúvida, providenciado uma maneira de nos aproximar, visto que minha escolha nada tinha de censurável, nem de impossível. Teria encontrado um meio de levá-lo a se pronunciar, usando um daqueles subterfúgios que mesmo as mulheres mais honestas e virtuosas sabem inventar em tais circunstâncias. Mas aquela ideia causava repulsa à minha integridade virginal.

Não queria que houvesse intermediário algum entre nós. Você deveria me notar e me descobrir por si mesmo. Somente a tal preço eu poderia ser feliz e me perdoar por ter sido a primeira a amar. Esse consolo e essa desculpa eram necessários ao meu recato de moça. Não se tratava de orgulho ou vaidade, mas de um sentimento puro de dignidade feminina.

O tempo passou e você voltou do Egito. E começaram a falar sobre sua presença assídua na residência da sra. d'Ymbercourt, por quem diziam que você estava profundamente apaixonado. Meu coração ficou alarmado e quis ver minha rival, que me apontaram em seu camarote nos Italianos.

Tratei de analisá-la com imparcialidade e a julguei bela, mas sem charme nem fineza, como se fosse uma estátua clássica feita por um escultor medíocre. Reunia tudo quanto forma o ideal dos tolos e fiquei surpresa de que você pudesse apreciar minimamente aquele ídolo. Faltava à figura da sra. d'Ymbercourt, à primeira vista tão perfeita, o traço particular, a graça original, o encanto imprevisto.

Assim ela era naquela noite e assim deveria ser sempre. Apesar dos comentários, tive o amor-próprio de não ter ciúme daquela mulher. Mas os boatos sobre seu casamento com ela se espalhavam e tornavam-se consistentes. E como as más notícias sempre chegam àqueles que se interessam por elas, fui informada sobre tudo quanto se passava entre você e a sra. d'Ymbercourt.

Uns diziam que os primeiros proclamas do casamento haviam sido publicados e outros chegavam mesmo a mencionar o dia exato da cerimônia. Eu não tinha como verificar a veracidade de tais boatos. Como parecia a todos um negócio arranjado e muito conveniente sob todos os aspectos, era preciso que eu acreditasse. Contudo, a voz secreta de meu coração assegurava que você não amava a sra. d'Ymbercourt. Mas é certo que os casamentos, não raro, acontecem sem amor, para se ter um lar, para regularizar a própria posição na sociedade, pela necessidade de repouso que se experimenta após os desvios e arrebatamentos da juventude.

Um desespero profundo se apoderou de mim. Via minha vida se fechar, meu sonho casto, por tanto tempo acalentado, se desfazer para sempre. Não poderia mais nem mesmo pensar em você no canto mais secreto de minha alma, pois pertencendo você a outra perante Deus e os homens, tal pensamento que tinha sido inocente, até então, se tornava ilícito e nada havia em minha paixão de moça que pudesse ter feito meu anjo da guarda enrubescer.

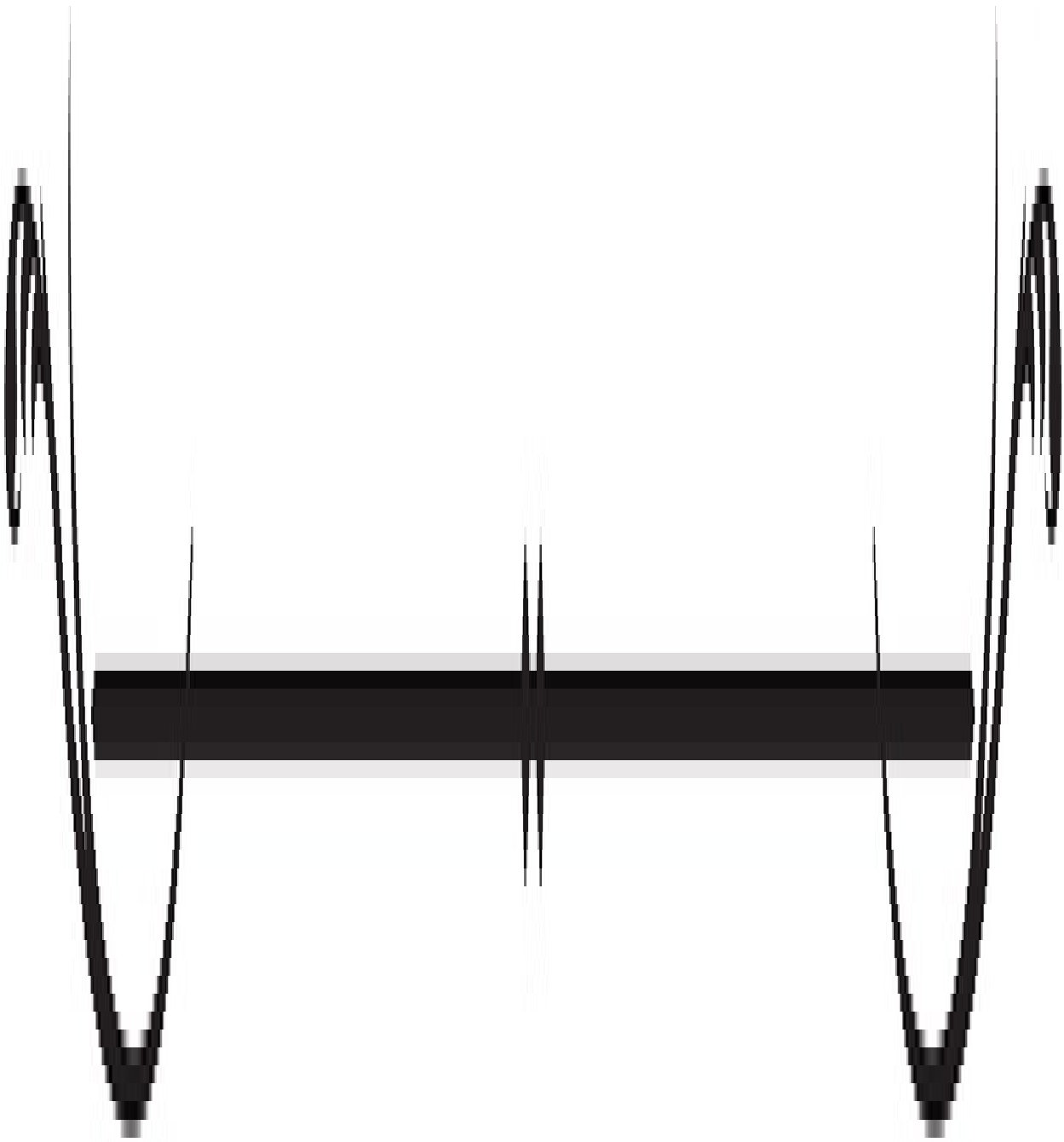
Certa vez, eu o vi no Bosque de Bolonha, cavalgando ao lado da sra. d'Ymbercourt, mas me recolhi a um canto da carruagem, tomando tanto cuidado para não ser vista quanto tinha feito para ser vista anteriormente. Essa rápida visão foi a última que tive de você.

Eu tinha só 17 anos! O que seria de mim? Como dar sequência a uma existência despedaçada desde o início? Teria que aceitar um dos partidos cuidadosamente aprovados por meus pais? É isso que fazem em circunstâncias semelhantes jovens separadas de seu ideal por fatalidades sombrias, como eu. Minha lealdade, porém, revoltava-se contra esse tipo de compromisso. Conforme eu pensava, tendo meu primeiro e único pensamento de amor pertencido somente a você, apenas a você eu poderia pertencer neste mundo, e qualquer outra união me pareceria uma espécie de adultério.

Meu coração tinha apenas uma página, onde você tinha escrito seu nome sem o saber e nenhum outro haveria de substituí-lo. Seu casamento não me permitia abrir mão de minha fidelidade. Inconsciente de meu amor, você era livre, mas eu permanecia comprometida. A ideia de ser esposa de outro inspirava-me insuportável horror, e depois de ter recusado inúmeros pretendentes e sabendo o quanto a situação de uma solteirona é difícil em sociedade, decidi deixar o mundo e abraçar a vida religiosa. Somente Deus poderia acolher minha dor e, talvez, consolá-la.

-

Capítulo XI



Entrei como noviça no Convento das Irmãs da Misericórdia, apesar das advertências e súplicas de meus pais que tocaram meu coração, mas não abalaram minha decisão. Porém, por mais firme que seja a resolução que tomemos, o momento da separação suprema é terrível.

Ao final de um longo corredor, uma grade assinala o limite entre o mundo e o claustro. A família tem permissão para acompanhar a virgem que se devota a Deus até esse limiar, intransponível aos indivíduos profanos. Após os derradeiros abraços, cujo término figuras sombrias e cobertas por véus aguardam impassíveis, a porta de ferro se abre num espaço apenas suficiente para deixar passar a noviça, que braços de sombra parecem arrastar, antes que a porta torne a se fechar com um tinir de ferro que ressoa através do silêncio dos corredores como um trovão seco. O som produzido pela tampa de um caixão que se fecha não é mais lúgubre, nem ressoa mais dolorosamente no coração.

Senti-me empalidecer e um frio glacial me envolveu. Acabara de dar meus primeiros passos fora da vida terrena, que estaria interdita para mim a partir de então. Havia penetrado naquela região fria em que as paixões se extinguem, as lembranças se apagam, e onde os rumores do mundo não chegam mais. Lá existe apenas o pensamento em Deus, que basta para preencher o vazio assustador e o silêncio que reina nesses lugares, silêncio tão profundo quanto o de um túmulo. Posso dizê-lo agora, porque estou morta.

Minha piedade, embora terna e fervorosa, não chegava à exaltação mística. Uma motivação humana, mais que uma vocação imperiosa, havia-me levado a buscar a paz à sombra do claustro. Eu era um náufrago da alma, que se despedaçara de encontro a um escolho desconhecido, e meu drama, invisível a todos, tivera seu desfecho trágico.

De início, experimentei o que na vida devota se costuma chamar de aridez, fadigas, recordações do mundo, vagas desesperanças, tentações derradeiras do espírito mundano que tenta retomar sua presa. Mas esse tumulto depressa se acalmou. O hábito das preces e das práticas religiosas, a regularidade dos ofícios e a monotonia de regulamentos, calculados para domar as rebeliões da alma e do corpo, fizeram com que os pensamentos que ainda se recordavam muito da Terra se voltassem para o céu. Sua imagem continuava a viver em meu coração, mas consegui, então, amá-lo somente em Deus.

O Convento das Irmãs da Misericórdia não é um desses claustros românticos que os cidadãos do mundo imaginam como um local para abrigar desesperos de amor. Não há arcadas cônicas, nem colunas cobertas por hera, nem raios de luar penetrando pelo trevo da rosácea quebrada, projetando seu brilho sobre a inscrição de um túmulo. Não há ali nenhuma capela com vitrais coloridos, com pilares em forma de fuso, nem fecho de abóbada esculpido com abertura, que constituiriam excelente tema de decoração, que cria efeitos tridimensionais e movimentos.

A religiosidade que busca sustentar o cristianismo por seu lado pitoresco e poético não encontraria naquele lugar nenhum tema para ser descrito dentro do gênero de Chateaubriand. A edificação é moderna e não oferece o menor recôndito obscuro, capaz de abrigar uma lenda. Ali nada encanta os olhos, nenhum ornamento, nenhuma criação de arte, seja pintura ou escultura. Tudo que se encontra ali são linhas secas e rígidas.

Uma claridade esbranquiçada ilumina a palidez dos longos corredores de paredes seccionadas pelas portas simétricas das clausuras como num dia de inverno, e acetina com uma luz rasa o assoalho reluzente. Reina em toda parte uma austeridade sombria, indiferente ao belo, que não se preocupa em revestir a ideia de uma forma. Essa arquitetura enfadonha tem a vantagem de não distrair as almas que devem permanecer voltadas para Deus.

Nas janelas, posicionadas no alto das paredes, barras de ferro se cruzam estreitas, não permitindo entrever de fora senão o céu azul ou cinzento por entre seu quadriculado negro. Ali se está dentro de uma fortaleza erguida contra as emboscadas do mundo. A solidez do claustro basta. A beleza seria supérflua.

Somente metade da capela é aberta à devoção dos fiéis de fora. Uma grade, que vai do chão até a abóbada, guarnecida por cortinas verdes grossas, interpõe-se como os portões de uma praça de guerra entre a igreja e o coro destinado às religiosas. Cadeiras de madeira com encostos escuros, lustrosos devido ao atrito pelo uso, alinham-se de cada lado. Ao fundo, na parte central, havia três cadeiras destinadas à madre superiora e suas duas assistentes. É ali que as irmãs vêm ouvir o divino ofício, com os véus baixos, arrastando seus longos trajes negros, sobre os quais se desenhava uma faixa larga de tecido branco, semelhante à cruz de uma mortalha fúnebre da qual se tivesse suprimido os braços.

Da tribuna gradeada, onde ficam as noviças, eu as via saudarem a superiora e o

altar, ajoelharem-se, prostrarem-se e afundarem-se em seus assentos transformados em genuflexórios. No momento da elevação da hóstia, a cortina do meio abria-se parcialmente, permitindo ver o padre consumir o santo sacrifício no altar em frente ao coro. O fervor daqueles momentos de adoração edificava-me e fortalecia meu propósito de romper com o mundo, para o qual eu ainda poderia voltar.

Naquela atmosfera de êxtase e louvor, sob os clarões trêmulos dos círios, que lançavam um raio pálido sobre aquelas frentes inclinadas, minha alma sentia criar asas e tendia a elevar-se, cada vez mais, às regiões etéreas. O teto da capela se enchia de azul e dourado e, num pedacinho de céu, eu tinha a impressão de ver, nas bordas de uma nuvem luminosa, anjos que se inclinavam em minha direção com um sorriso, fazendo-me sinal para ir ter com eles. Então, eu não notava mais as tonalidades imperfeitas da cal, nem o gosto medíocre do lustre, nem a pobreza das pinturas emolduradas de madeira negra.

O momento de pronunciar meus votos se aproximava e cercavam-me com encorajamentos lisonjeiros, cortesias delicadas, mimos místicos, esperanças de felicidade perfeita que não se poupa, nos conventos, às jovens noviças em vias de consumir o sacrifício de se votarem para sempre ao Senhor. Eu não precisava daqueles estímulos e podia caminhar para o altar a passos firmes. Exceto a ternura de meus pais e forçada, conforme eu acreditava, a renunciar a você, não sentia falta de mais nada no mundo e minha resolução de não retornar a ele era inabalável.

Terminadas minhas provas, o dia solene chegou. O convento, habitualmente tão tranquilo, apresentava uma espécie de animação contida pela severa disciplina monástica. As religiosas iam e vinham pelos corredores, esquecendo-se, às vezes, daquele passo de fantasma que o regulamento recomenda, uma vez que a tomada do hábito por uma noviça é um grande acontecimento. Uma nova ovelha vai se juntar ao rebanho e todo o aprisco se enternece.

O traje mundano com que a noviça se veste pela última vez é objeto de curiosidade, alegria e espanto. Olha-se com temor o cetim, as rendas, as pérolas, as joias destinadas a representar as pompas de Satã. Assim adornada, fui conduzida ao coro. A superiora e suas assistentes ocupavam seus lugares e as religiosas oravam de cabeça baixa.

Pronunciei as palavras sacramentais que me separariam para sempre dos vivos e,

conforme prescreve o ritual da cerimônia, afastei com o pé a rica almofada de veludo sobre a qual, em determinados momentos, tive que me ajoelhar. Retirei meu colar, pulseiras e desfiz-me de meus enfeites, em sinal de renúncia à vaidade e ao luxo. Reneguei a sedução de mulher, o que não me foi difícil, já que não tinha o direito de agradar e ser bela para você.

A seguir veio a cena mais temida e lúgubre daquele drama religioso: O momento em que se corta os cabelos da nova irmã, vaidade que será inútil a partir daquele momento. Faz lembrar a toailete do condenado, exceto pelo fato de a vítima neste caso ser inocente ou, pelo menos, purificada pelo arrependimento. Embora eu tivesse sinceramente e do fundo de meu coração feito o sacrifício de todo apego humano, uma palidez de morte cobriu meu rosto quando o aço da tesoura rangeu contra os fios de minha longa cabeleira loira, que uma religiosa segurava.

Os cachos de ouro caíam em flocos espessos sobre as lajes da sacristia para onde me haviam conduzido e eu os observava, com olhos fixos, enquanto caíam ao meu redor. Sentia-me aterrada e tomada por um horror secreto. O frio do metal, ao roçar-me a nuca, fazia-me estremecer nervosamente, como se ao contato da lâmina de um machado. Meus dentes batiam uns contra os outros e a prece que eu tentava pronunciar não me chegava aos lábios. Suores glaciais como os da agonia banhavam-me as têmporas. Minha visão tornava-se turva e a lâmpada suspensa diante do altar da Virgem parecia desvanecer-se em meio à névoa. Meus joelhos se dobraram sob o peso de meu corpo e tive apenas tempo para dizer, estendendo os braços como se para agarrar-me ao vazio:

– Estou morrendo.

Fizeram com que eu aspirasse alguns saís e, quando tornei a mim, espantada com a claridade do dia, como uma sombra que deixa o túmulo, estava nos braços das irmãs, que me amparavam com um cuidado plácido, como se habituadas a tais desfalecimentos.

– Não foi nada – a mais jovem das irmãs me disse, com expressão compadecida.
– O mais difícil já passou. Recomende-se à Santa Virgem e tudo ficará bem. Aconteceu o mesmo comigo, quando pronunciei meus votos. É uma última tentativa do Maligno.

Duas irmãs me vestiram com o hábito negro da Ordem e me entregaram a estola branca. Em seguida, reconduzindo-me ao coro, puseram o véu sobre minha

cabeça raspada, mortalha simbólica que me tornava morta para o mundo e me deixava visível somente a Deus. Uma lenda piedosa que eu tinha ouvido contar dizia que se a gente pede aos céus uma graça sob as dobras do véu fúnebre, esta haverá de ser concedida.

Então, quando o véu me envolveu, implorei à bondade divina a graça de revelar meu amor a você após minha morte, caso tal voto nada tivesse de reprovável. E pareceu-me, pela alegria íntima e súbita que senti, que minha prece seria atendida: experimentei grande alívio, porque aquela era minha dor secreta, o espinho que me feria o coração e me fazia sofrer noite e dia, como a ponta de um cilício escondida sob minhas vestes. Eu bem renunciara a você neste mundo, mas minha alma não podia consentir em guardar seu segredo eternamente.

Devo contar-lhe sobre minha vida no convento? Lá os dias se sucedem inflexivelmente semelhantes. Cada hora tem sua prece, sua devoção, sua tarefa a cumprir. A vida caminha com passos cadenciados rumo à eternidade, feliz por aproximar-se do fim. Todavia, aquela calma aparente encobre, não raro, o abatimento, tristezas e perturbações. O pensamento, embora reprimido pela prece e pela meditação, perde-se em devaneios. A saudade do mundo se apodera da gente. Sente-se falta da liberdade, da família, da natureza. Sonha-se com o horizonte pleno de luz, com os campos repletos de flores, com as colinas e suas encostas cobertas de árvores, com a névoa azulada que sobe dos campos, com as ruas por onde passam os veículos, com os rios por onde deslizam os barcos, com a vida, os sons alegres, a variedade infinita dos objetos.

Tem-se vontade de caminhar, correr, voar.... Inveja-se as asas dos pássaros. A gente se agita no sepulcro, atravessa os muros altos do convento pela imaginação e o pensamento retorna aos locais amados, às cenas da infância e juventude, que revivem com uma riqueza de detalhes mágica. A gente faz planos inúteis de felicidade, esquecendo de que o cadeado do irrevogável foi fechado há tempos para si. As almas mais religiosas são expostas a essas tentações, lembranças, miragens, que a vontade afasta, que a prece tenta dissipar, mas que tornam a renascer no silêncio e na solidão da clausura, entre aquelas quatro paredes que têm por decoração apenas o crucifixo de madeira negra.

A lembrança de você, afastada de início pelo fervor dos primeiros momentos, retornava mais frequente e mais cheia de emoção. O desgosto de uma felicidade perdida oprimia dolorosamente meu coração e, não raro, lágrimas silenciosas corriam por minhas faces pálidas, sem que eu tivesse consciência disso. Por

vezes, à noite, eu chorava enquanto sonhava e, pela manhã, encontrava o travesseiro molhado por aquele orvalho amargo.

Em meus sonhos mais felizes, via-me no patamar de uma vila, subindo ao seu lado por uma escada branca, marcada pelos recortes azulados formados pela sombra das grandes árvores próximas, de volta de um passeio. Eu era sua esposa e você me dirigia olhares cariciosos e protetores. Todos os obstáculos entre nós haviam desaparecido. Minha alma não concordava com aquelas mentiras risonhas, das quais se defendia como de um pecado. Confessava-me e fazia penitência. Vigava durante as preces e lutava contra o sono, a fim de me afastar daquelas ilusões ilícitas que, todavia, sempre retornavam.

Tal combate minava minhas forças, que não tardaram a se alterar. Não era doentia, mas delicada. A vida rude do claustro, com seus jejuns, abstinências, macerações, a fadiga dos ofícios noturnos, o frio sepulcral da igreja, os rigores de um longo inverno dos quais o hábito de tecido fino pouco me protegia e, acima de tudo, as lutas da alma, as oscilações entre a exaltação e o abatimento, entre a dúvida e o fervor, o medo de só conseguir entregar ao Esposo Divino um coração distraído por um apego humano e de vir a sofrer as vinganças celestes, uma vez que Deus é ciumento e não toleraria dividir-me com outro.

E talvez o ciúme que a sra. d'Ymbercourt me inspirava, todas essas coisas juntas agiam sobre meu organismo de maneira desastrosa. Minha pele tinha adquirido o tom opaco de cera de vela. Meus olhos, que pareciam maiores devido à magreza, brilhavam febrilmente nas órbitas mortificadas. As veias de minhas têmporas delineavam-se em redes de um azul mais escuro e meus lábios tinham perdido a antiga tonalidade rosada e fresca. Os tons violeta da morte próxima começavam a surgir neles. Minhas mãos se haviam tornado franzinas, transparentes e pálidas como mãos de sombra.

No convento, a morte não é vista como no mundo. Veem sua chegada com alegria, pois é a libertação da alma, a porta aberta para o céu, o fim das provas e o começo da beatitude. Deus leva para junto de Si seus eleitos preferivelmente que os outros, porque são aqueles que ama. Ele abrevia a passagem destes neste vale de misérias e de lágrimas. Preces repletas de esperança, cantadas em salmos fúnebres, cercam o leito da moribunda, que os sacramentos purificam de toda mancha terrena e sobre a qual já cintila a luz da outra vida. Ela é objeto de inveja para suas irmãs, não de terror.

Eu via aproximar-se o momento fatal sem medo. Esperava que Deus me perdoasse por um amor único, tão casto, tão puro e tão involuntário e que eu tinha me esforçado para esquecer, porque parecia reprovável aos meus olhos, e que me quisesse receber em Sua graça. Logo fiquei tão fraca que chegava a desfalecer durante minhas prosternações e ficava estendida como morta sob meu véu, com o rosto contra o chão.

Respeitaram minha imobilidade, que tomavam por êxtase. Mas ao verem que eu não me levantava, duas religiosas inclinaram-se sobre mim e levantaram-me como a um corpo inerte. Então, reconduziram-me, ou melhor, carregaram-me, com as mãos sob minhas axilas, até minha clausura, que em breve eu não mais haveria de deixar.

Permanecia deitada sobre minha cama por horas a fio, inteiramente vestida, desfiando o rosário com meus dedos emagrecidos, perdida em vagas meditações e perguntando a mim mesma se meu desejo se realizaria depois de minha morte. Minhas forças diminuía visivelmente e os remédios que me traziam eram capazes de diminuir meu sofrimento, mas não de me curar. Aliás, eu não desejava a cura, porque tinha, para além desta vida, uma esperança há muito acalentada, cuja possibilidade de realização me inspirava um tipo de curiosidade de além-túmulo.

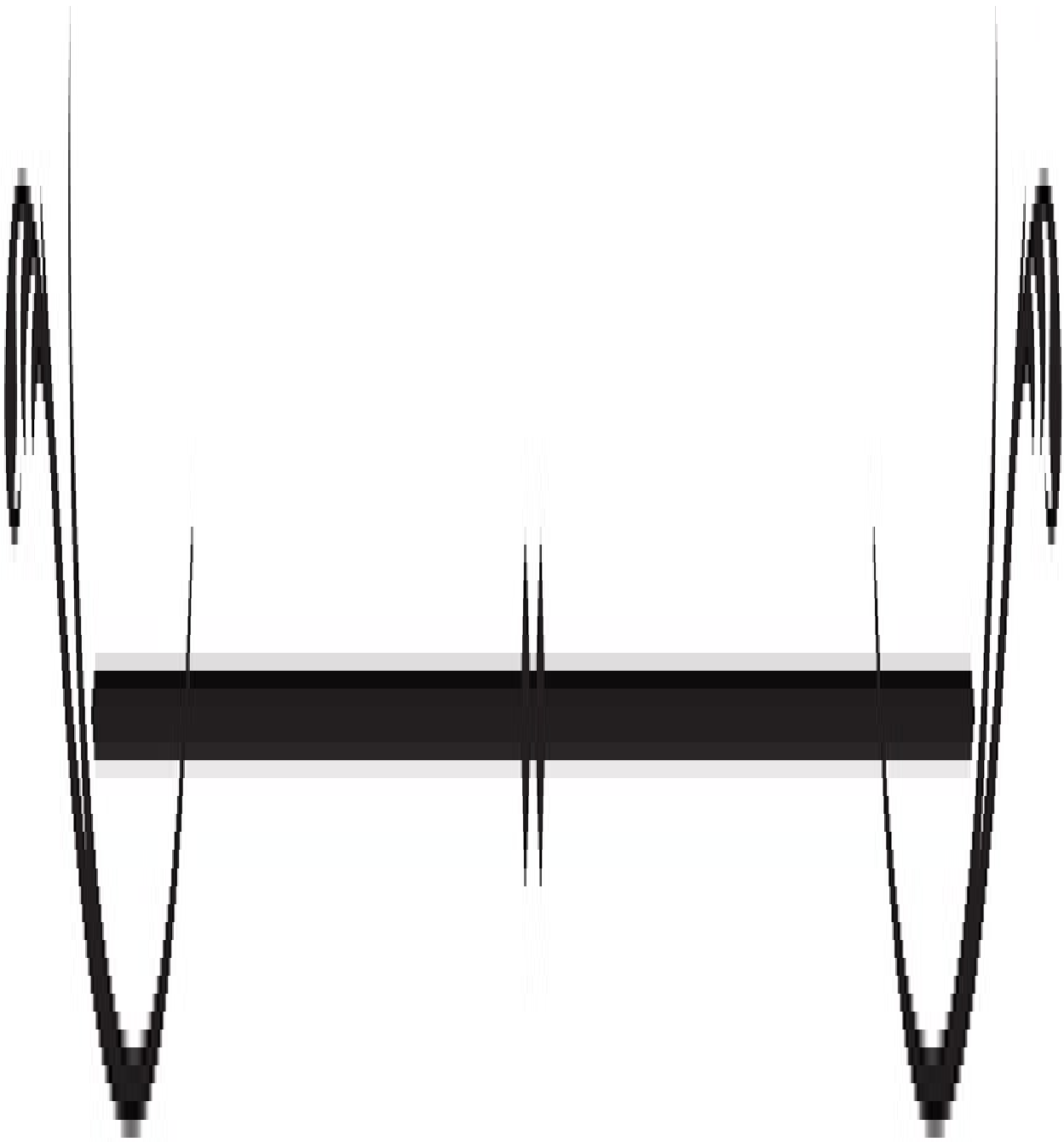
Minha passagem desse mundo para o outro, no qual me encontro, deu-se da maneira mais tranquila possível. Todos os laços entre o espírito e a matéria estavam desfeitos, exceto um que era mil vezes mais tênue que aqueles misteriosos filamentos brancos que flutuavam no ar nos belos dias de outono. Era o único que retinha minha alma, pronta a abrir suas asas ao sopro do infinito. Luzes e sombras se alternavam, palpitando diante de meus olhos já turvos, semelhantes aos clarões intermitentes que saem de uma lamparina antes de se apagar.

As preces que as irmãs murmuravam ajoelhadas junto a mim, às quais eu me esforçava para me unir mentalmente, chegavam aos meus ouvidos como zumbidos confusos, sussurros vagos e distantes. Meus sentidos amortecidos nada mais percebiam da Terra e meu pensamento, abandonando meu cérebro, flutuava incerto num sonho bizarro entre o mundo material e o imaterial, sem pertencer mais ao primeiro e não pertencendo ainda ao segundo, enquanto meus dedos, pálidos como o mármore, apertavam e soltavam, maquinalmente, as dobras do lençol. Por fim, minha agonia teve início.

Estenderam meu corpo sobre o chão e colocaram um saco de cinzas sobre minha cabeça, para que eu morresse na atitude humilde que convém a uma serva de Deus, entregando seu pó ao pó. O ar me faltava cada vez mais. Sufocava. Um sentimento indescritível de angústia me apertava o peito. O instinto natural continuava a lutar contra a destruição. Mas essa luta inútil logo cessou, e com um leve suspiro minha alma exalou-se por meus lábios.

—

Capítulo XII



Palavras humanas não podem descrever a sensação que experimenta uma alma que, livre de sua prisão corporal, passa desta vida para a outra, do tempo para a eternidade, do finito para o infinito. Meu corpo imóvel e já revestido por uma palidez fosca, com as aparências da morte, jazia sobre seu leito fúnebre, cercado por religiosas em prece. Mas eu me achava tão livre quanto a borboleta ao abandonar a crisálida, invólucro vazio, despojo informe que ela deixa para trás para abrir as asas jovens à luz desconhecida, repentinamente revelada!

A um intervalo de sombra seguiu-se um deslumbramento de esplendor, uma ampliação de horizontes, um desaparecimento de todo limite e de todo obstáculo, que me inebriavam com uma alegria indescritível. A eclosão de novos sentidos me fazia compreender os mistérios impenetráveis ao pensamento e órgãos terrestres. Livre daquela argila sujeita às leis da gravidade, que até pouco antes me fazia pesar, lançava-me com imenso júbilo no éter insondável. As distâncias não mais existiam para mim e meu desejo levava-me para onde eu quisesse ir. Desenhei grandes círculos através do imenso azul dos espaços num voo mais rápido que a luz, como se para me apoderar da imensidão, cruzando com multidões de almas e espíritos.

Uma luz fervilhante, radiosa como pó de diamante, formava a atmosfera. Cada grão desse pó reluzente, como bem depressa percebi, era uma alma. Desenhavam correntes, redemoinhos, ondulações, reflexos matizados, como naquele pó impalpável que se espalha sobre as mesas de harmonia para estudar as vibrações sonoras, e todos esses movimentos faziam surgir ainda mais brilho nessa magnificência.

Os números que os matemáticos fornecem ao cálculo e que se perdem nas profundezas do infinito não seriam capazes, com seus milhões de zeros, ajuntando sua enorme potência ao número inicial, de dar uma ideia aproximada da inimaginável multidão de almas que compõem essa luz diferente da luz material, como o dia difere da noite.

Às almas que já haviam passado pelas provas da vida, desde a criação de nosso mundo e dos orbes de outros universos, juntavam-se as almas em expectativa, ou seja, as almas virgens, que aguardavam sua vez de tomarem um corpo, num planeta de um sistema qualquer. Havia tantas almas, que poderiam povoar todos esses universos durante milhares de anos, no prazo determinado por Deus e que

Ele deve reabsorver, trazendo Seu sopro de volta a Si, quando acontecer de Ele se aborrecer com Sua obra.

Essas almas, embora diferentes em essência e aspecto, conforme o mundo em que devam habitar, e apesar da variedade infinita de tipos, lembram todas a imagem divina, tendo sido feitas à imagem de seu Criador. Tinham por mônada constitutiva a centelha celeste. Essas almas eram brancas como o diamante, outras coloridas como o rubi, a esmeralda, a safira, o topázio e a ametista. Na falta de palavras que você possa entender, emprego esses nomes de pedras, seixos ínfimos, cristais opacos, tão negros quanto a tinta, sendo que os mais brilhantes não seriam senão manchas sobre aquele fundo de esplendores vivos.

Passava, às vezes, um lindo anjo levando uma ordem de Deus à extremidade do infinito e fazendo oscilar os universos, devido ao bater de suas asas imensas. A Via Láctea derramava-se pelo céu como uma corrente de sóis em fusão. As estrelas, que eu via em sua forma e tamanho reais na imensidão da qual o homem não pode fazer ideia, cintilavam com brilho indescritível.

Atrás delas e no intervalo entre elas, em profundezas cada vez mais vertiginosas, eu vislumbrava ainda mais e mais estrelas, de modo que o fim do firmamento não aparecia em parte alguma e que eu poderia me considerar no centro de uma esfera prodigiosa, toda constelada de astros em seu interior. Suas luzes brancas, amarelas, azuis, verdes e vermelhas atingiam imensidões e brilhos capazes de fazer com que a claridade do Sol parecesse negra e, no entanto, os olhos de minha alma as suportavam sem dificuldade.

Eu ia e vinha, subindo e descendo, percorrendo milhões de léguas em um segundo, através do clarão das auroras, dos reflexos de quartzo multicolorido, de irradiações de ouro e prata, de fosforescências de diamante, de arrebatamentos estelares em todas as magnificências, todas as bem-aventuranças e êxtases da luz divina. Eu ouvia a música das esferas, das quais um eco havia chegado aos ouvidos de Pitágoras. Os números misteriosos, bases do Universo, marcavam o ritmo.

Com um bramido harmonioso, poderoso como um trovão e suave como a flauta, nosso mundo, arrastado por seu astro central, girava lentamente no espaço, e eu abarcava num só olhar os planetas, de Mercúrio a Netuno, descrevendo suas elipses, acompanhados por seus satélites. Uma rápida intuição me revelava os nomes pelos quais o céu os denomina.

Eu conhecia-lhes a estrutura, o pensamento, a finalidade. Nenhum segredo de sua vida prodigiosa permanecia oculto para mim. Podia ler livremente aquele poema de Deus, que tem sóis por letras. Dele não me é permitido explicar-lhe algumas páginas! Você ainda vive entre as trevas inferiores e essas claridades fulgurantes haveriam de cegar seus olhos.

Apesar da beleza inefável desse espetáculo maravilhoso, não tinha esquecido a Terra, pobre morada que acabara de deixar. Meu amor, que vencida a própria morte, seguira-me no além-túmulo e eu podia ver, com um deleite divino, uma felicidade radiante, que você não amava ninguém, que sua alma estava livre e que poderia me pertencer para sempre. Sabia agora o que havia pressentido: éramos destinados um ao outro. Nossas almas formavam aquele casal celeste que, ao se fundir, forma um anjo. Mas para que essas duas metades do todo supremo se reúnam na imortalidade, devem se haver buscado em vida, descobrindo-se sob o véu da carne, através das provas, obstáculos e distrações.

Apenas eu tinha sentido a presença de minha alma gêmea e lançara-me na direção dela, impulsionada pelo instinto, que não se engana. Quanto a você, a percepção mais confusa apenas colocara de sobreaviso contra os vínculos e os amores vulgares. Compreendia que nenhuma daquelas almas tinha sido feita para você e, passional sob uma frieza aparente, reservava-se para um ideal mais elevado.

Graças à bênção que me foi concedida, pude levá-lo a conhecer esse amor que você havia ignorado durante minha existência, e esperava inspirar-lhe o desejo de seguir-me à esfera em que habito. Não me arrependi! O que é a união humana mais feliz se comparada à felicidade que duas almas desfrutam no eterno abraço do amor divino? Até o momento supremo, minha tarefa se limitara a impedir que o mundo o envolvesse em seus caminhos, separando-se de mim para sempre.

O casamento estabelece um vínculo no mundo e no além-túmulo, mas você não amava Madame d'Ymbercourt! Minha condição de espírito me permitia ler em seu coração e eu nada tinha a temer aqui onde estou. Mas era possível que você se deixasse levar por não ver surgir o ideal sonhado, abraçando uma união vulgar por cansaço, indolência, desencorajamento e pela necessidade de colocar um ponto final em tudo isso.

Deixando as zonas luminosas, desci à Terra que vi passar abaixo de mim, levando consigo sua atmosfera enevoadada e faixas de nuvens. Localizei você sem

dificuldade e assisti à sua vida, como testemunha invisível, lendo seus pensamentos e influenciando-o sem que você soubesse. Por minha presença, da qual você não suspeitava, eu afastava ideias, desejos e caprichos que poderiam desviá-lo do objetivo ao qual eu o conduzia. Livrei sua alma, pouco a pouco, de todo obstáculo terreno.

Para protegê-lo melhor, espargi em seus aposentos um vago encantamento, que o mantinha em casa. E você passou a sentir ao seu redor como que uma carícia impalpável e muda, passando a sentir ali um bem-estar inexplicável. Parecia-lhe, sem que o soubesse, que sua felicidade estava ali, entre aquelas quatro paredes que eu habitava.

Para um apaixonado que durante uma noite de tempestade lê seu poeta preferido junto à lareira, enquanto sua amada adormecida repousa um braço sobre sua cabeça na alcova profunda, entregue a doces sonhos, àquele sentimento de felicidade íntima, de amorosa solidão, nada há do lado de fora que valha a pena, para que ele deixe esse local adorado. Para ele, o mundo inteiro encontra-se naqueles aposentos.

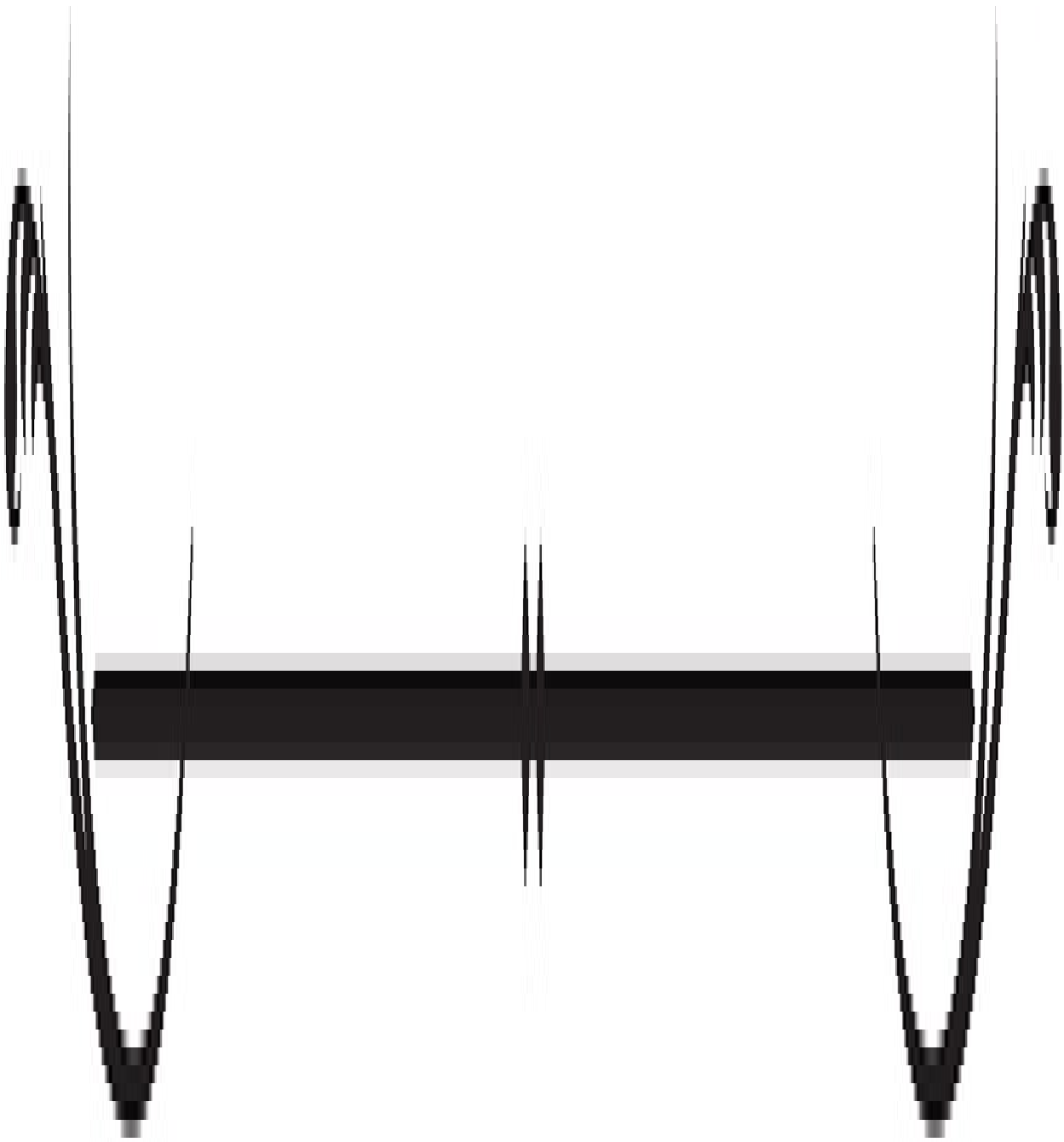
Era preciso prepará-lo aos poucos para minha aparição e para me colocar misteriosamente em relação com você. Entre um espírito e um encarnado que não tenha sido iniciado, as comunicações são difíceis. Um profundo abismo separa este mundo do outro. Eu o havia alcançado, mas isso não bastava. Precisaria me fazer perceptível aos seus olhos ainda vendados, incapazes de ver o imaterial através da opacidade das coisas. A sra. d'Ymbercourt, sempre com a ideia de casamento, atraía você à casa dela e sua indiferença a inquietava. Substituindo sua vontade adormecida pela minha, fiz com que você escrevesse no bilhete para ela a resposta em que você traía seus sentimentos secretos e que tamanho espanto lhe causou.

A ideia do sobrenatural despertou em você e, mais atento, compreendeu que um poder misterioso se misturava à sua vida. O suspiro que deixei escapar, pois você tinha decidido sair apesar da advertência, embora suave e vago como a vibração de uma harpa eólica, perturbou-o profundamente e fez surgir em sua alma uma simpatia oculta. Você percebera nele um toque de sofrimento feminino.

Eu ainda não podia me manifestar a você de uma forma mais precisa, pois ainda não estava suficientemente desapegado das sombras da matéria. Foi então que apareci ao barão de Féroë, discípulo de Swedenborg, um vidente, a fim de

recomendar-lhe que lhe dissesse aquela frase misteriosa que o colocou em guarda contra os perigos que corria e lhe deu o desejo de penetrar no mundo dos espíritos, para onde meu amor o chamava.

O resto você já sabe. Devo voltar lá para cima ou permanecer aqui embaixo?
Será que a sombra vai ser mais feliz do que foi a mulher?



Nesse ponto, a impulsão que fazia a pena de Malivert correr sobre o papel se deteve e o pensamento do jovem, que estivera suspenso pela influência de Espírita, retomou posse de seu cérebro. Ele leu o que acabara de escrever de maneira inconsciente e tomou a resolução de amar tão somente, e até a morte, aquela alma encantadora que sofrera por ele em sua breve passagem pela Terra.

– Mas como nos relacionaremos? – perguntou a si mesmo. – Espírita me levará às regiões onde paira ou volitará ao meu redor, visível apenas para mim? Será que me responderá se eu falar com ela, e como terei de entendê-la?

Eram perguntas difíceis de responder. Assim, depois de haver refletido sobre elas, Malivert parou de se questionar e mergulhou num longo devaneio, do qual foi retirado por Jack, que veio anunciar o barão de Féroë.

Os dois amigos trocaram um aperto de mão e o sueco de bigodes da cor do ouro pálido acomodou-se numa poltrona.

– Guy, venho, sem cerimônia, convidá-lo para almoçar aqui em sua casa – ele disse, colocando os pés sobre a grade da lareira. – Saí cedo e, passando por sua casa, me deu vontade de visitá-lo, quase tão cedo quanto um agente de comércio.

– Fez muito bem, barão, e foi uma feliz coincidência – respondeu Malivert, tocando a campainha para chamar Jack, a quem pediu que servisse o almoço, providenciando dois lugares à mesa.

– Eu diria que você não se deitou esta noite, meu caro Guy – comentou o barão, olhando para as velas que se haviam consumido até o fim e para as folhas escritas espalhadas sobre a mesa. – Trabalhou esta noite. Será publicado em breve? É um romance ou um poema?

– Talvez seja um poema – respondeu Malivert –, mas não de minha autoria. Apenas segurei a pena sob uma inspiração superior à minha.

– Compreendo – murmurou o barão. – Apolo ditava e Homero escrevia. Esses versos são os melhores.

– Esse poema, se é que se pode chamá-lo assim, não é em versos e não foi um deus da mitologia quem o soprou.

– Perdão! Tinha me esquecido de que você é um romântico e que é preciso deixar diante de você Apolo e as Musas no dicionário de Chompré, ou as cartas à Émilie.

– Já que você foi, de certo modo, meu mentor e iniciador ao sobrenatural, caro barão, não tenho motivos para esconder de você que essas folhas me foram ditadas ao pé da letra, como dizem os tipógrafos, nesta noite e nas anteriores pelo espírito que se interessa por mim e que parece tê-lo conhecido enquanto viveu na Terra, pois cita você em seu relato.

– Você serviu de médium, porque as relações não estão ainda bem definidas entre você e o espírito que o visita – respondeu o barão de Féroë. – Mas em breve vocês não terão mais necessidade desses meios lentos e grosseiros de comunicação. Suas almas se penetrarão pelo pensamento e pela vontade, sem nenhum sinal exterior.

Jack veio avisar que o almoço estava servido. Malivert, bastante perturbado por aquela aventura estranha, com a boa sorte de além-túmulo que Don Juan haveria de invejar, mal tocou a refeição colocada à sua frente. O barão de Féroë comia, mas com a sobriedade de um seguidor de Swedenborg, pois aquele que vive em intercâmbio com os espíritos deve se desapegar da matéria tanto quanto possível.

– Seu chá é excelente! – comentou o barão. – Chá verde com pontas brancas, colhido após as primeiras chuvas da primavera e que os mandarins bebem sem açúcar em pequenos goles, em xícaras envoltas em filigranas, por receio de quebrarem as unhas. É a bebida por excelência dos sonhadores, e a excitação que provoca é toda intelectual. Nada estimula com mais leveza a inércia humana, nem predispõe melhor à visão das coisas que o ser humano comum não vê. Já que vai viver numa esfera imaterial agora, recomendo-lhe que beba esse chá. Mas você não está me escutando, meu caro Guy, e estou acabando por distraí-lo. Uma situação de tal modo nova deve preocupá-lo extremamente.

– Confesso que sim – concordou Malivert. – Encontro-me numa espécie de estado de embriaguez e pergunto a mim mesmo, a todo instante, se não estarei sendo vítima de uma alucinação.

– Procure afastar essas ideias, que acabariam por afastar o espírito para sempre. Não busque explicar o inexplicável e entregue-se com fé e submissão absolutas à influência que o dirige. A menor dúvida ocasionaria uma ruptura e traria um

arrependimento eterno. Uma permissão raramente concedida reuniu, no céu, as almas que não se encontraram durante a existência terrena. Aproveite e mostre-se digno de tal ventura.

– Serei digno dela, esteja certo disso, e não farei com que Espírita torne a experimentar as dores que lhe infligi sem o saber, enquanto ainda habitava este mundo. Mas me dou conta agora de que, em seu relato, essa alma adorável não me revelou o nome que teve na Terra.

– E você quer conhecê-lo? Vá ao Cemitério Père Lachaise. Suba a colina e encontrará, próximo à capela, um túmulo de mármore branco, sobre o qual está esculpida uma cruz deitada, com os braços ornados por uma coroa de rosas com delicadas folhas de mármore, obra-prima de um cinzel famoso. No medalhão formado pela coroa, uma breve inscrição revelará a você o que não estou formalmente autorizado a dizer. O túmulo, em sua linguagem muda, falará em meu lugar, muito embora, na minha opinião, isso seja uma curiosidade fútil. O que importa um nome terreno, quando se trata de um amor eterno? Mas você ainda não está desapegado das ideias humanas e sua curiosidade é compreensível. Faz pouco tempo que você deu o primeiro passo fora do círculo que encerra a vida comum.

O barão despediu-se. Guy foi se vestir, ordenou que preparassem a carruagem e dirigiu-se depressa aos floristas mais renomados da cidade, a fim de encontrar um ramalhete de lilases brancos. Era inverno e foi difícil encontrar o que ele queria. Mas em Paris, quando se pode pagar, nada é impossível!

Tendo encontrado o que queria, Guy subiu a colina do cemitério com o coração palpitante e os olhos úmidos. Alguns flocos de neve ainda não derretidos brilhavam como lágrimas de prata sobre as folhas tristes dos seixos, ciprestes, abetos e heras, enfeitando com toques brancos as molduras dos túmulos, o topo e os braços das cruzes fúnebres. O céu estava baixo, de um cinza amarelado, pesado como o chumbo. Um céu feito para se estender sobre um cemitério. Um vento áspero gemia ao passar pelas ruelas de monumentos feitos com a forma dos mortos e rigorosamente medidos sobre o nada humano.

Malivert logo chegou à capela e, não longe dela, em uma moldura de hera da Irlanda, avistou o túmulo branco, que uma leve camada de neve tornava ainda mais alvo. Inclinando-se sobre a grade, leu a inscrição entalhada no centro da coroa de rosas: “Lavínia d’Aufideni, nome religioso Irmã Filomena, falecida aos

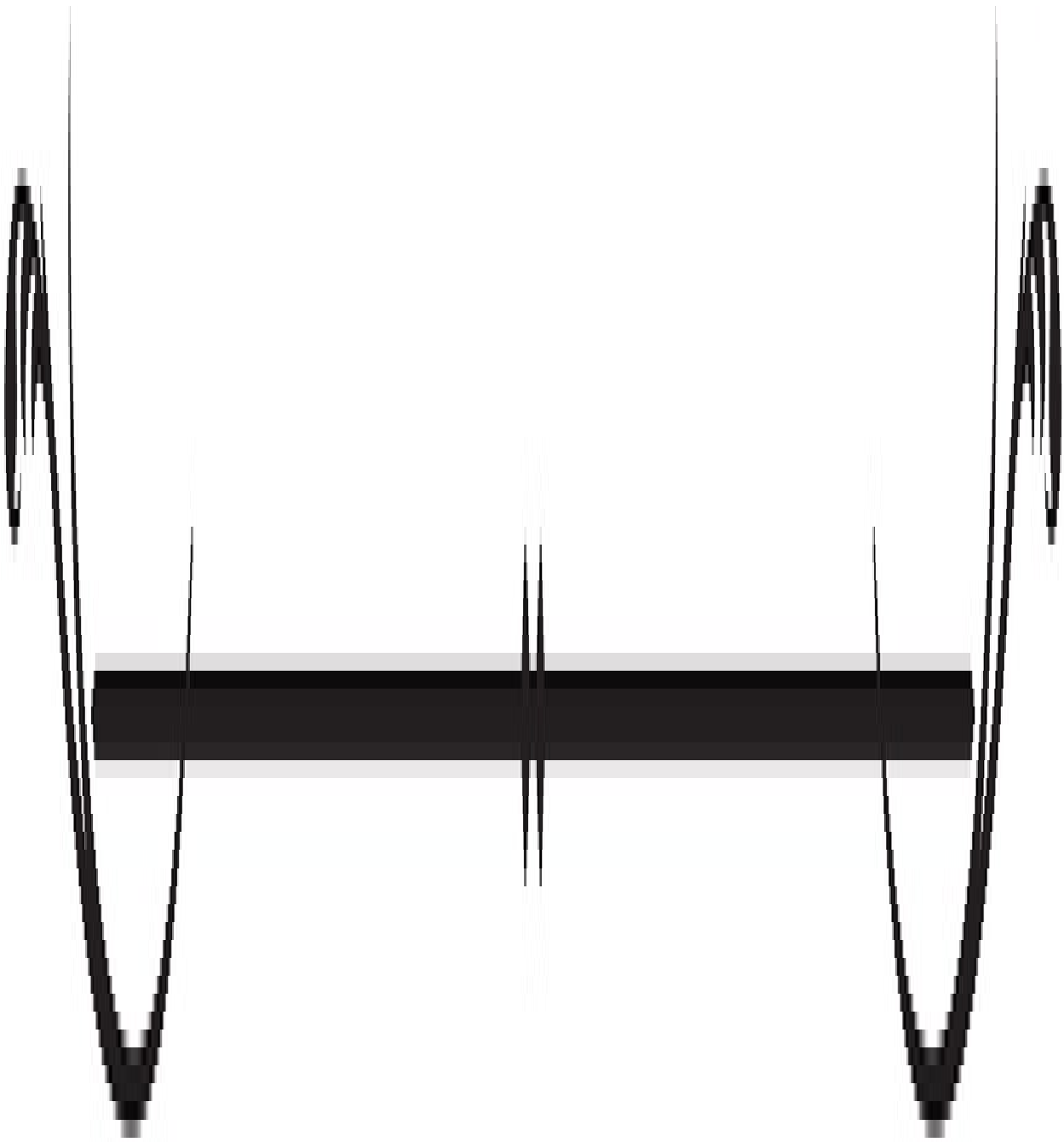
dezoito anos”. Guy estendeu o braço por sobre a grade e deixou cair o ramallete de lilases sobre a inscrição. E embora certo de ter sido perdoado, permaneceu por alguns minutos junto ao túmulo em pensativa contemplação, com o coração pesado pelo remorso. Não seria ele o assassino daquela pomba pura, que tão cedo retornara ao céu?

Enquanto se mantinha apoiado sobre a grade do monumento e lágrimas corriam mornas de seus olhos sobre a neve fria, segunda mortalha do túmulo virginal, um raio de luz se havia formado na cortina espessa de nuvens cinzas. À semelhança de uma luz que atravessa véus sobrepostos, diminuindo-lhes o número, o disco solar aparecia mais visível, de um branco pálido e mais semelhante à Lua que ao astro do dia. Um verdadeiro sol feito para os mortos! Pouco a pouco, uma brecha surgiu e através dela passou um longo raio visível sobre o fundo sombrio da bruma, que veio clarear e fazer cintilar sob a mica da neve, como sob um orvalho de inverno, o ramallete de lilases brancos e a coroa de rosas de mármore.

No estremecimento luminoso do raio, em que átomos gelados dançavam, Malivert acreditou distinguir uma forma esbelta e branca que se erguia do túmulo como a fumaça leve de um incensário de prata. Envolta nas pregas flutuantes de um sudário de gaze, semelhante às vestes com que os pintores envolvem os anjos, fazia-lhe um sinal amistoso com a mão.

Uma nuvem encobriu o sol e a visão se dissipou. Guy de Malivert retirou-se, murmurando o nome de Lavínia d’Aufideni. Entrou na carruagem e voltou a Paris repleta por toda parte de vivos que não suspeitavam estarem mortos, pois lhes faltava a vida interior.

Capítulo XIII



A partir daquele

dia a existência de Malivert se dividiu em duas partes distintas: uma real e a outra fantástica. Aparentemente, nada tinha mudado nele: ia ao clube e frequentava a sociedade. Era visto no Bosque de Bolonha e no boulevard. Se alguma apresentação interessante acontecesse, ia assistir a ela e, ao vê-lo corretamente vestido, bem calçado, vestindo luvas novas e movimentando-se dentro da vida humana, ninguém suspeitaria de que aquele jovem estava em comunicação com os espíritos e que, ao sair da Ópera, entrevia as misteriosas profundezas do universo invisível.

Entretanto, quem o examinasse bem o teria descoberto mais sério, mais pálido, mais magro e como que espiritualizado. A expressão de seu olhar não era mais a mesma e se poderia ver nela, quando não estava distraído numa conversa, uma espécie de beatitude ativa. Felizmente, a sociedade só observa aquilo que lhe interessa e ninguém suspeitou do segredo de Malivert.

Na noite após a visita ao cemitério, em que ficara sabendo o nome terreno de Espírita, aguardando uma manifestação que buscava com toda sua força de vontade, Guy ouviu soar, à semelhança de gotas de chuva que caem sobre um recipiente de prata, uma escala de piano. Não havia ninguém ali, mas tais prodígios não mais espantavam Malivert. Alguns acordes foram tocados com força, a fim de chamar a atenção e despertar a curiosidade da alma.

Guy dirigiu o olhar para o piano e pouco a pouco delineou-se, em meio a um vapor luminoso, a sombra encantadora de uma jovem. De início, a imagem era tão transparente, que os objetos posicionados atrás dela podiam ser percebidos através da silhueta, como se vê o fundo de um lago através da água límpida. Sem adquirir nenhuma materialidade, ela se condensou, em seguida, o suficiente para ter a aparência de uma figura viva, mas de uma vida tão leve, tão impalpável e aérea, que mais se assemelhava ao reflexo de um corpo num espelho do que a um corpo propriamente dito.

Certos esboços de Prud'hon, apenas rabiscados, com contornos esfumados e apagados, banhados de um claro-escuro e como que rodeados por uma bruma crepuscular, cujos tecidos parecem feitos com raios de luar, podem dar uma ideia longínqua da graciosa aparição sentada ao piano de Malivert. Seus dedos, de

uma palidez levemente rosada, deslizavam sobre o teclado de mármore como borboletas brancas, apenas roçando as teclas, mas evocando o som através desse contato tênue, incapaz de dobrar uma pluma.

As notas, sem a necessidade do toque, moviam-se por si mesmas, já que as mãos luminosas flutuavam acima delas. Um longo vestido branco, de musseline branca perfeita, mil vezes mais fina que os tecidos da Índia dos quais uma peça passaria por um anel, caía em pregas fartas à sua volta, indo repousar sobre a ponta de seus pés numa faixa de espuma alvíssima. Sua cabeça inclinava-se ligeiramente para a frente, como se uma partitura estivesse aberta sobre a estante, e deixava entrever a nuca por onde desciam leves cachos dourados rebeldes com o reflexo do ouro, e o início dos ombros, de um branco cintilante, confundia-se com a alvura do vestido.

Entre as fitas palpitantes e movidas como que por um sopro, brilhava uma faixa estrelada com pontas que se enlaçavam sobre o coque. Do lugar onde Malivert estava, a orelha e um lado da face apareciam frescos, rosados e aveludados, de um tom que faria com que as cores do pêssigo parecessem barrentas.

Era Lavínia, ou Espírita, para conservar o nome com que tinha sido conhecida ao longo desta história. Ela virou rapidamente a cabeça, a fim de certificar-se de que Guy estava atento e de que ela podia começar. Seus olhos azuis brilhavam com uma luminosidade suave e eram de uma doçura celeste, que penetrava o coração de Guy. Havia ainda algo da mocinha naquele olhar de anjo.

O trecho que ela tocava era obra de um grande mestre, uma dessas inspirações em que o gênio humano parece pressentir o infinito e que expressam, vigorosamente, tanto as súplicas celestes da alma quanto evocam lembranças dos céus e dos paraísos de onde foi retirada. Melancolias inefáveis suspiram nelas, preces ardentes delas brotam, murmúrios surdos fazem-se ouvir e as derradeiras revoltas do orgulho precipitado da luz à sombra.

Espírita evocava todos esses sentimentos com uma maestria capaz de fazer esquecer Chopin, Listz, Thalberg, esses mágicos do teclado. Guy tinha a impressão de estar ouvindo música pela primeira vez. Uma nova arte se revelava a ele e mil ideias desconhecidas se agitavam em sua alma. As notas despertavam nele vibrações tão profundas, tão longínquas, tão antigas, que acreditava tê-las ouvido em uma primeira vida, desde então esquecida.

Espírita não apenas traduzia todas as intenções dos mestres, como exprimia o ideal com que sonhavam e que a imperfeição humana nem sempre lhes havia permitido alcançar. Ela complementava o gênio, aperfeiçoava a perfeição, acrescentava ao absoluto!

Guy levantou-se e caminhou em direção ao piano, como um sonâmbulo que caminha sem ter consciência de seus passos. Manteve-se de pé, com o cotovelo apoiado sobre a caixa do instrumento, com o olhar profundamente mergulhado no de Espírita.

O rosto dela era verdadeiramente sublime. A cabeça, que ela mantinha ligeiramente inclinada para trás, mostrava o semblante iluminado pelos esplendores do êxtase. A inspiração e o amor cintilavam com um brilho sobrenatural em seus olhos, cujas pupilas azuladas quase desapareciam sob as pálpebras superiores. Sua boca, levemente entreaberta, deixava entrever um brilho de madrepérola, e seu colo branco, banhado por transparências azuladas, à semelhança do colo das cabeças dos afrescos de Guide, tinha a altivez da pomba mística. A mulher diminuía nela, para aumentar o anjo, e a intensidade da luz que dela emanava era tão intensa, que Malivert se viu forçado a desviar os olhos.

Apercebendo-se daquele movimento, Espírita murmurou com voz mais harmoniosa e suave do que a música que ela tocava:

– Pobre amigo! Tinha me esquecido de que permanece ainda retido em sua prisão terrestre e que seus olhos não conseguem suportar o mais tênue brilho da verdadeira luz. Mais tarde, eu me mostrarei a você exatamente como sou na esfera para a qual você me haverá de seguir. Por ora, a sombra de minha forma mortal é o bastante para manifestar minha presença e, assim, você pode me olhar sem perigo.

Através de insensíveis transições, ela passou da beleza sobrenatural à beleza natural. As asas de Psique, que haviam palpitado por um instante em suas costas, voltaram para dentro de seus ombros alvos. Sua aparência imaterial se condensou um pouco e uma nuvem leitosa derramou-se sobre suas formas suaves, delineando-as mais claramente, como a água, à qual se acrescenta uma gota de essência, deixa entrever melhor as linhas do cristal que a contém.

Lavínia reaparecia através de Espírita, um pouco mais vaporosa sem dúvida, mas com realidade suficiente para produzir uma ilusão. Tinha parado de tocar piano e

olhava para Malivert, de pé à sua frente. Um ligeiro sorriso surgia em seus lábios, sorriso de uma ironia celeste e de uma malícia divina, buscando consolá-lo da debilidade humana, e seus olhos, propositadamente apagados, exprimiam ainda o mais terno amor, do modo que uma jovem casta pode deixar transparecer na Terra numa ligação lícita, e Malivert conseguiu acreditar, por alguns minutos, que estava com aquela Lavínia que tanto o havia buscado enquanto viva, e da qual os caprichos do destino sempre o haviam distanciado.

Desvairado, fascinado, palpitante de amor, esquecendo-se de que tinha diante de si apenas uma sombra, aproximou-se e, por um movimento instintivo, tentou pegar uma das mãos de Espírita, pousada sobre o teclado do piano, para levá-la aos lábios. Mas seus dedos fecharam-se sobre si mesmos, sem nada conseguirem segurar, como se tivessem passado através de uma névoa.

Embora nada tivesse a temer, Espírita recuou, com um gesto de pudor ofendido. Seu sorriso angelical, porém, logo ressurgiu e ela levou sua mão feita de transparência e de uma luminosidade rosada até os lábios de Guy, que sentiu como que um vago frescor e um perfume suave e delicioso.

– Eu não pensava – ela disse com uma voz sem palavras, mas que Guy ouvia no fundo de seu coração – que não sou mais uma moça e sim uma alma, uma sombra, um vapor impalpável, sem mais nenhum dos sentidos humanos.

E o que Lavínia talvez lhe tivesse recusado, Espírita lhe concede, não com sensualidade, mas como expressão de amor puro e união eterna. Ela deixou que Guy beijasse por alguns segundos sua mão imaginária.

Logo a seguir, ela voltou ao piano e fez jorrar do teclado uma melodia de poder e doçura incomparáveis, em que Guy reconheceu uma de suas poesias, sua favorita, transposta da linguagem do verso para a da música. Era uma inspiração na qual, desdenhoso das alegrias vulgares, ele se lançara, num impulso desesperado, em direção às esferas superiores, onde o desejo do poeta deve ser, enfim, satisfeito.

Com uma intuição maravilhosa, Espírita ia além das palavras, daquilo que o verbo humano não é capaz de traduzir e que permanece inédito na mais bem construída frase. Ia ao misterioso, ao íntimo e profundo das coisas, à aspiração secreta que só se confessa a si mesmo, ao indizível, ao inefável, à aspiração do pensamento ao término dos esforços e, como se flutuasse, ia também ao

gracioso, ao suave que atravessa o limite excessivamente rude da palavra. Mas naquele bater de asas que se elevam no azul, num descomedido arrebatamento, ela abria o paraíso dos sonhos realizados, das esperanças concretizadas.

Espírita colocou-se de pé sobre a soleira luminosa, numa cintilação capaz de fazer empalidecer os sóis, divinamente bela e, entretanto, humanamente terna, abrindo os braços à alma sedenta de ideal, propósito e recompensa, coroa de estrelas e taça do amor, como a personagem Beatriz, de Dante Alighieri, que se revela apenas no além-túmulo. Numa frase transbordante da mais pura paixão ela dizia, com reservas divinas e pudores celestes, que ela própria, nos passatempos da eternidade e nos esplendores do infinito, satisfaria a todos aqueles anseios insatisfeitos. Prometia ao gênio a felicidade e o amor, mas de uma forma que a imaginação do homem, mesmo em contato com um espírito, não seria capaz de concebê-los.

Depois daquele final, Espírita se levantou. Suas mãos não mais fingiam roçar o teclado, e as melodias escapavam do piano em vibrações visíveis e coloridas, espalhando-se pela atmosfera dos aposentos em ondulações luminosas, como aquelas que matizam o surgimento das auroras boreais. Lavínia tinha desaparecido, e Espírita reaparecia, porém mais grandiosa, mais majestosa, cercada por uma luz vívida. Longas asas batiam sobre seus ombros. Já havia deixado os aposentos, embora fosse visível seu desejo de ficar. As pregas de seu vestido flutuavam no vazio. Um sopro superior arrebatou-a.

E Malivert ficou só, num estado de nervosismo fácil de compreender. Mas pouco a pouco foi se acalmando e um delicioso langor seguiu-se àquela excitação febril. Sentia a satisfação que tão raramente experimentam os poetas e filósofos por serem compreendidos em toda delicadeza e profundidade de seu gênio. Que comentário fascinante e radioso Espírita havia feito acerca daqueles versos dos quais ele próprio, o autor, não tinha conseguido compreender tão bem o sentido e o alcance! Como aquela alma se identificava com a dele! Como os pensamentos dela penetravam os seus!

No dia seguinte, sentiu vontade de trabalhar. Sua inspiração, apagada desde há muito, reanimava-se e as ideias surgiam de maneira tumultuada em seu cérebro. Horizontes ilimitados, perspectivas infinitas abriam-se diante de seus olhos. Todo um mundo de sentimentos novos agitava-se em seu peito e ele pedia à linguagem mais do que esta é capaz de expressar. As velhas formas e modelos ressoavam e, às vezes, a frase em fusão brotava e extravasava, mas em salpicos

esplêndidos, semelhantes aos raios de estrelas partidas. Ele jamais atingira tais alturas e os maiores poetas teriam assinado o que Malivert escreveu naquele dia.

Mal terminava uma estrofe, Guy já sonhava com a próxima. Então, passando os olhos vagamente pelo ateliê, viu Espírita inclinada sobre o divã. Com a mão no queixo, o cotovelo sobre uma almofada, ela brincava com os cachos loiros de seus cabelos com as pontas dos dedos, enquanto observava Guy com uma expressão amorosamente contemplativa. Parecia estar lá há tempos, mas não quisera revelar sua presença, temendo interromper o trabalho dele.

E como Malivert se levantasse da poltrona para se aproximar dela, Espírita fez sinal para que ele não se incomodasse e, com uma voz mais doce do que todas as músicas, repetiu, estrofe por estrofe, verso por verso, o texto em que Guy trabalhava. Por uma misteriosa afinidade, sentia o pensamento de seu amado, acompanhava-o em seu desenvolvimento e chegava mesmo a ultrapassá-lo. Uma vez que não apenas via, mas previa, ela completou a frase inacabada, para a qual Guy ainda buscava o desfecho.

O texto, como é fácil imaginar, endereçava-se a ela. De que outro assunto Malivert haveria de tratar? Deixando-se levar por seu amor por Espírita, ele mal se lembrava da Terra, e mergulhava em pleno céu, o mais alto e distante que as asas presas às suas costas de ser humanos poderiam alcançar.

– Seu trabalho é belo – disse Espírita, cuja voz Malivert ouvia ressoar em seu peito, pois que não chegava a seus ouvidos como os ruídos comuns. – É belo mesmo para um espírito. O gênio é verdadeiramente divino, pois inventa um ideal, entrevê a beleza superior e a luz eterna. A que alturas poderá chegar, já que tem por asas a fé e o amor! Mas torne a descer. Retorne às regiões onde o ar é respirável para pulmões mortais. Todos os seus nervos vibram como as cordas de uma lira e sua fronte fumega como um incensário. Clarões estranhos e febris brilham em seus olhos. Você deve temer a loucura, pois o êxtase se aproxima dela. Acalme-se. E se me ama, prossiga vivendo a vida humana. É o que eu desejo.

Para obedecer a ela, Malivert saiu. E embora os homens mais lhe parecessem sombras longínquas, como fantasmas com os quais ele nada mais tinha a ver, procurou juntar-se a eles. Deu a impressão de se interessar pelas novidades e boatos do dia, e sorriu diante da descrição do traje prodigioso que a senhorita X... havia usado no último baile das impuras. Chegou mesmo a aceitar ir jogar

whist na residência da velha duquesa de C... Todas as ações lhe eram indiferentes.

Todavia, apesar de seus esforços para se conectar à vida, uma atração imperiosa o levava para fora da esfera terrestre. Queria andar, mas sentia-se transportado. Um desejo irresistível o consumia. As aparições de Espírita não mais lhe bastavam e sua alma lançava-se em seu encaço quando ela desaparecia, como se sua alma tentasse se desligar do corpo.

Um amor incitado pelo impossível, no qual ardia ainda algo da chama terrestre, devorava Malivert e agarrava-se à sua carne, como a túnica envenenada à pele de Hércules. Em seu breve contato com o espírito, não pudera se despojar do homem velho.

Não podia tomar em seus braços o fantasma gracioso de Espírita. Mas aquele fantasma representava a imagem de Lavínia, com uma ilusão de beleza capaz de desencaminhar o amor e fazê-lo esquecer de que aquela forma adorável, de olhos repletos de ternura e boca voluptuosamente sorridente não era, afinal, mais que uma sombra, um reflexo.

Guy via diante de si, a todas as horas do dia, a alma adorada, tanto como um ideal puro através do esplendor de Espírita, quanto sob a aparência mais humanamente feminina de Lavínia. Naquele momento, ela flutuava acima de sua cabeça, no voo fascinante de um anjo. Outras vezes, ela se apresentava como uma namorada em visita, assentada na poltrona grande, inclinada sobre o divã ou com os cotovelos apoiados sobre a mesa. Parecia olhar os papéis espalhados sobre a escrivaninha, cheirar as flores das jardineiras, abrir os livros, remexer nas argolinhas que estavam dentro da jarra de ônix sobre a lareira e entregar-se a brincadeiras a que se permite uma jovem que entra, por acaso, no quarto de seu noivo.

Espírita gostava de se apresentar aos olhos de Guy tal como Lavínia teria agido numa situação como aquela, caso o destino houvesse favorecido seu amor. Reconstruía, após a morte, capítulo por capítulo, seu romance casto de aluna de internato. Com um pouco de vapor colorido, reproduzia seus trajes de outrora, colocava nos cabelos a mesma flor ou a mesma fita. Sua sombra retomava os encantos, as atitudes e as posturas de seu corpo virginal.

Ela desejava, por uma vaidade que demonstrava que a mulher não desaparecera

totalmente do anjo, que Malivert a amasse não apenas com um sentimento póstumo dirigido a um espírito, mas como ela tinha sido em sua vida terrena, quando buscava nos Italianos, nos bailes, na sociedade, a ocasião de estar com ele que nunca tivera.

Se seus lábios não tivessem encontrado o vazio quando, impulsionado pelo desejo, enlouquecido de amor, ébrio de paixão, tentara uma carícia inútil, teria podido acreditar que ele, Guy de Malivert, realmente desposara Lavínia d'Aufideni, tal a nitidez, colorido e vivacidade de sua visão por vezes adquiria. Numa afinidade perfeita, ele escutava interiormente, mas como num encontro real, a voz de Lavínia com seu timbre jovem, vigoroso e vibrante, a responder com ternuras castas e pudicas às suas efusões ardentes.

Era um verdadeiro suplício de Tântalo: a taça repleta de água gelada era levada a seus lábios ardentes por uma mão amorosa, mas ele não podia sequer lhe roçar as bordas. Os cachos perfumados, da cor do âmbar e do rubi, derramavam-se sobre sua cabeça, mas afastavam-se, fugindo ao contato impossível.

Os curtos intervalos em que Espírita o deixava, chamada sem dúvida por uma ordem inapelável pronunciada “lá, onde se pode tudo quanto se deseja”, haviam se tornado insuportáveis para Malivert. E quando ela desaparecia, ele tinha ímpetos de quebrar a cabeça contra a parede que se fechava após a passagem dela.

Certa noite, disse a si mesmo:

– Já que Espírita não se pode revestir de um corpo e participar de minha vida, exceto pela visão, talvez eu devesse me despojar desse envoltório mortal incômodo e pesado, que me impede de subir com a alma adorada às esferas onde as almas flutuam...

Tal resolução lhe pareceu sensata. Colocando-se em pé, foi escolher entre as várias armas selvagens penduradas na parede – cassetete, machado, zagaia, cutelo –, uma flecha enfeitada com penas de papagaio, munida de uma ponta farpada feita com osso de peixe. Aquela flecha tinha sido mergulhada em curare, veneno terrível do qual somente os índios americanos têm o segredo e que fulmina suas vítimas, sem que haja antídoto que as possa salvar.

Guy segurava a flecha junto de sua mão e estava prestes a picá-la, quando repentinamente Espírita surgiu à sua frente, enlouquecida, apavorada, suplicante,

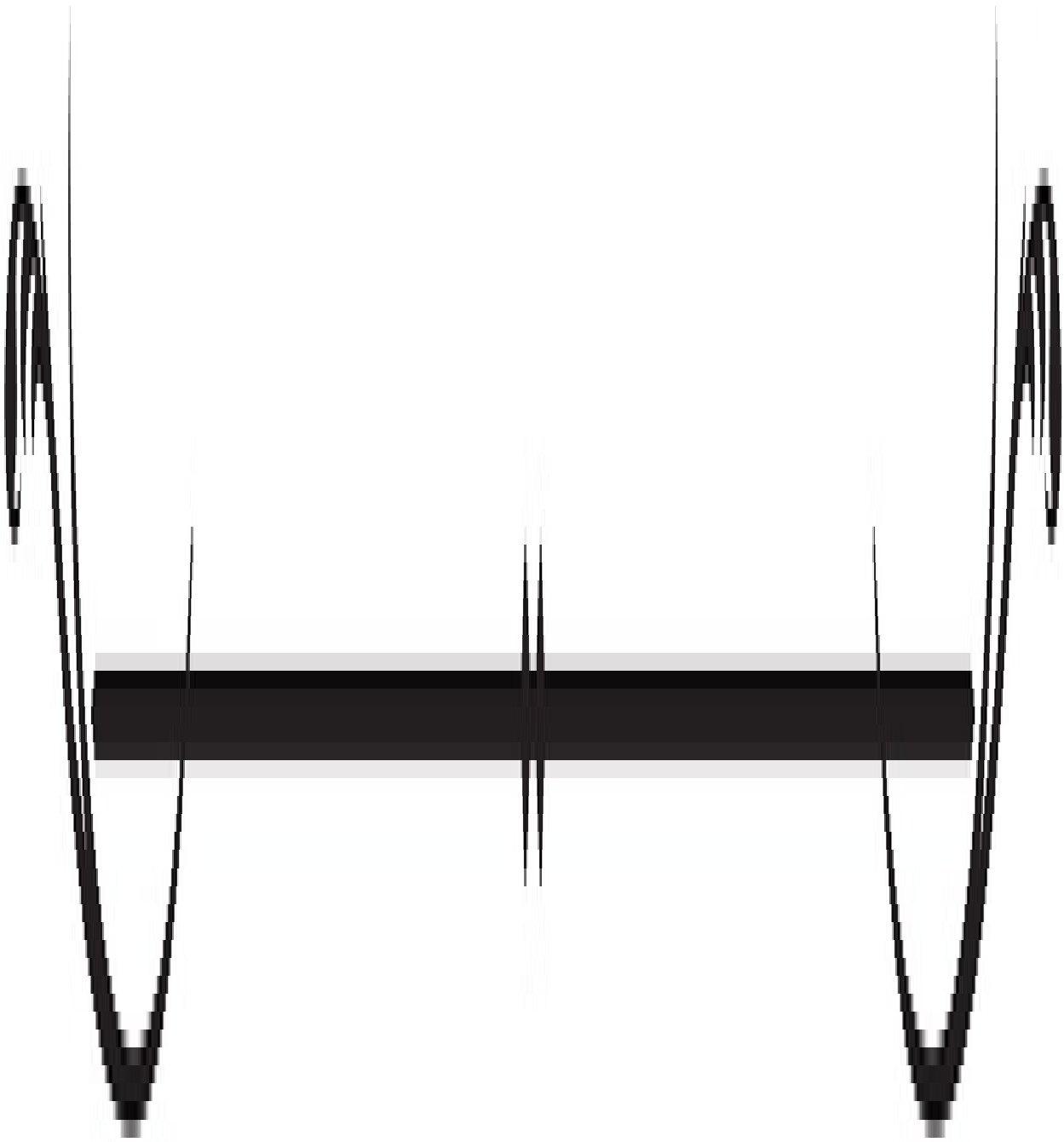
enlaçando-lhe o pescoço com seus braços de sombra num gesto de louca paixão, apertando-o junto ao seu coração de fantasma e cobrindo-o de beijos impalpáveis. A mulher tinha esquecido de que era apenas um espírito.

– Infeliz! – ela exclamou. – Não faça isso! Não se mate para poder se unir a mim. Uma morte desse tipo nos separaria sem esperanças e abriria entre nós um abismo que milhões de séculos não bastariam para transpor! Volte a si, preserve a vida, pois a mais longa das existências terrestres não dura mais que o tempo que leva o grão de areia para passar pela ampulheta. Para suportar o tempo, pense na eternidade, onde poderemos nos amar para sempre e me perdoe por ter sido vaidosa. A mulher quis ser amada como o espírito. Lavínia ficou com ciúme de Espírita e quase perco você para sempre!

Retomando a forma angelical, ela estendeu as mãos sobre a cabeça de Malivert, que sentiu descer sobre si uma calma e um frescor celestes.

—

Capítulo XIV



A sra. d'Ymbercourt

ficou perplexa pelo pouco efeito que suas atenções para com o sr. d'Aversac haviam surtido em Guy de Malivert. Tal insucesso alterava todas as suas ideias quanto a estratégias femininas. Acreditava que nada faria o amor renascer tanto quanto uma ponta de ciúme, mas esquecia-se de que, para que isso fosse verdade, era preciso que existisse amor. Não podia acreditar que um jovem que ia com bastante regularidade às suas recepções de quarta-feira há três anos, que por vezes lhe trazia flores nas noites de apresentação nos Italianos e que ficava sem dormir no fundo de seu camarote, não estivesse um pouco fascinado por seus encantos.

Afinal, não era ela jovem, bela, elegante e rica? Não tocava piano como uma aluna de primeiro prêmio no conservatório? Não servia o chá com a destreza da própria Penélope? Não escrevia seus bilhetes matinais com caligrafia inglesa, longa, inclinada, angulosa e absolutamente aristocrática? O que poderia haver de errado em suas carruagens que vinham da Casa Binder, em seus cavalos vendidos e garantidos por Crémieux? Seus criados não se trajavam bem e não se portavam como criados de boa família? Seus jantares não mereciam a aprovação dos gourmets? Tudo isso lhe parecia compor um ideal bastante adequado.

Entretanto, a dama de trenó entrevista no Bosque de Bolonha martelava em seu cérebro e muitas vezes ela tinha ido dar uma volta no lago na esperança de reencontrá-la, para ver se Malivert a seguia. Mas a dama não tornou a aparecer e o ciúme da sra. d'Ymbercourt caiu no vazio. Além do mais, ninguém conhecia a tal dama e ninguém havia notado sua presença.

Estaria Guy apaixonado, ou apenas ceder a um impulso de curiosidade ao lançar Grymalkin atrás do majestoso cavalo? Isso é o que a sra. d'Ymbercourt não conseguia desvendar. Veio-lhe então a ideia de que podia ter intimidado Guy ao dar-lhe a entender que ele a comprometia. Lamentava a frase que dissera com a intenção de forçá-lo a uma declaração formal, pois o fato é que Guy, muito fiel à própria palavra e além disso ocupado com Espírita, abster-se de visitá-la.

Aquela obediência às regras sociais aborrecia a condessa, que preferiria ser menos submissa. Embora suas suspeitas se apoiassem apenas naquela rápida visão no Bosque de Bolonha, pressentia e existência de um amor oculto por

detrás do cuidado excessivo com sua reputação. Todavia, nada tinha mudado na vida exterior de Guy, e seu criado Jack, secretamente interrogado pela criada de quarto da sra. d'Ymbertcourt, havia garantido que há tempos não ouvia o menor farfalhar de seda na escadaria secreta de seu patrão, que saía pouco, via apenas o barão de Féroë, vivia como um recluso e passava grande parte de suas noites escrevendo.

D'Aversac intensificara suas visitas e a sra. d'Ymbertcourt as aceitava com aquele reconhecimento tácito de uma mulher pouco abandonada, que sente a necessidade de se assegurar quanto a seus encantos pela presença de novos admiradores. Não amava d'Aversac, mas sabia que ele valorizava muito o que Guy parecia desdenhar.

Além disso, na terça-feira, durante uma apresentação de La Traviata, tinha-se comentado que o lugar de Malivert achava-se ocupado por d'Aversac, que usava luvas e gravata branca, trazendo uma camélia na lapela e com os cabelos encaracolados e untados como um homem afortunado, cheio de feliz presunção.

Fazia tempo que ele nutria o desejo de agradar à sra. d'Ymbertcourt, mas a preferência evidente dela por Guy de Malivert o deixara em terceiro ou quarto plano entre os admiradores vagos, que circulam ao redor de uma mulher bonita, aguardando uma oportunidade, rompimento ou desdém que jamais se apresenta.

D'Aversac era cheio de pequenas atenções para com a sra. d'Ymbertcourt: estendia-lhe o binóculos ou o programa, sorria diante das mínimas palavras, inclinava-se para responder-lhe e quando ela aplaudia, com suas mãos vestidas com luvas brancas algum momento de interpretação da diva, ele aplaudia efusivamente, erguendo as mãos à altura de sua cabeça. Em outras palavras, ele assumira publicamente sua posição de acompanhante da dama.

Por essa razão, já se comentava em alguns camarotes:

– Será que o casamento de Malivert com a sra. d'Ymbertcourt não se realizará?

Os curiosos se agitaram quando Guy apareceu à entrada da orquestra após o primeiro ato e foi visto correndo os olhos pela sala, tendo olhado desinteressadamente para o camarote da condessa. O próprio d'Aversac, que o vira, experimentou ligeiro desconforto. Contudo, os mais perspicazes binóculos foram incapazes de perceber o menor sinal de contrariedade no semblante de Malivert. Não havia enrubescido nem empalidecido, não franzira o cenho e

nenhum músculo de sua face se movera. Não se viu nele a expressão violenta e contrariada dos amantes ciumentos ao surpreenderem sua amada sendo cortejada por outro. Ele tinha o semblante calmo, de uma serenidade perfeita. Sua fisionomia refletia uma alegria secreta e flutuava em seus lábios “o sorriso misterioso dos deleites interiores”, conforme diz o poeta.

– Guy não teria um ar tão triunfante se fosse amado por uma fada ou por uma princesa – disse um velho frequentador do balcão, experiente Don Juan. – Se a sra. d’Ymbercourt tinha esperanças, pode dizer adeus ao casamento planejado, pois jamais será a sra. Malivert.

Durante o intervalo, Guy fez uma breve visita ao camarote da condessa, a fim de despedir-se dela, pois faria uma viagem de alguns meses pela Grécia. Sua gentileza para com o sr. d’Aversac foi natural, sem constrangimento, nem exageros. Não tinha a expressão friamente cerimoniosa das pessoas zangadas e tomou com plena tranquilidade a mão da sra. d’Ymbercourt, cuja atitude deixava entrever perturbação, por mais que se esforçasse por parecer indiferente. O rubor que colorira sua face no momento em que Guy deixara seu assento junto à orquestra para vir ao camarote fora substituído por uma palidez que nada tinha a ver com o pó-de-arroz. Esperava dele uma atitude de desprezo ou cólera, algum gesto de paixão, uma demonstração de ciúme e até mesmo uma discussão. Mas a frieza de Malivert a embaraçava e a tomava de surpresa. Tinha acreditado que ele a amava e via agora que se enganara. Tal descoberta feria seu orgulho e seu coração.

Guy havia inspirado nela uma afeição mais forte do que ela própria imaginara e sentia-se infeliz. Já que a comédia que tinha encenado para provocá-lo não servia para mais nada, agora a entediava e fatigava. Assim que Malivert partiu, ela se apoiou contra o peitoril do camarote e passou a responder por monossílabos aos galanteios que d’Aversac lhe dirigia, desconcertado com aquele silêncio e frieza. Sem que ele pudesse compreender, o inverno sucedera a primavera e um orvalho congelado cobria as rosas.

– Terei dito ou feito alguma tolice? – perguntava a si mesmo o pobre rapaz, anteriormente tão bem acolhido. Ou será que estão zombando de mim? Ainda há pouco Guy demonstrou uma naturalidade fingida e a condessa pareceu bastante tocada. Será que ainda ama Malivert?

Todavia, sabendo que um bom número de binóculos continuava a observá-lo,

d'Aversac prosseguiu em seu papel, inclinando-se para a condessa e murmurando-lhe ao ouvido, com ares de intimidade e mistério, banalidades que todos poderiam ouvir.

O velho frequentador do balcão, que se divertia com aquele pequeno drama, acompanhava as peripécias de canto de olho.

– D'Aversac coloca uma carta ruim numa boa jogada. Não é forte o bastante para essa partida. Entretanto é um tolo, e os tolos, às vezes, têm sorte com as mulheres. A tolice se dá bem com a loucura e Laridon sucede a César, sobretudo porque César não tem mais interesse em seu império. Mas quem seria a nova amada de Guy? – tais foram as reflexões do veterano da ilha de Citera, tão versado na teoria quanto tinha sido na prática, e que acompanhava o olhar de Malivert, para ver se não se detinha em alguma das beldades que brilhavam nos camarotes, como joias em estojos.

– Seria aquela loira vaporosa, com tiara de folhas de prata, vestido verde-água e acessórios de opala, que mais parece ter-se vestido com um raio de luar, como um elfo ou uma ninfa, e que contempla o lustre com ar sentimental, como se este fosse o próprio astro das noites? Ou talvez seja aquela morena de cabelos mais escuros do que a noite, cujo perfil parece ter sido talhado em mármore, de olhos como diamantes negros, de boca púrpura, tão cheia de vida sob sua palidez quente, tão apaixonada sob sua calma de estátua que poderia ser considerada como filha da Vênus de Milo, caso essa obra de arte se dignasse a ter filhos?... Não, não é ela! Nem a Luz, nem o Sol. Aquela princesa russa, lá embaixo, no palco, com seu luxo excessivo, sua beleza exótica e sua graça extravagante poderia ter uma chance. Guy adora uma extravagância e tem um gosto um tanto bárbaro, devido às suas viagens.... Não, não é ela! Malivert acaba de dirigir-lhe um olhar tão frio quanto se examinasse um estojo de malaquita. E por que não aquela parisiense naquele camarote descoberto, vestida com extremo bom gosto, tão fina, tão espiritual, tão bonita, em que cada movimento parece ser regido ao som de uma flauta, coberta por uma espuma de rendas, como se dançasse num painel de Herculano? Balzac teria dedicado trinta páginas à descrição de uma mulher como ela, e não teria sido exagero de estilo! Ela seria digna de tal trabalho. Mas Guy não é civilizado o bastante para apreciar esse encanto, que teria seduzido, mais que a própria beleza, o autor da Divina Comédia. Bem, é melhor não prosseguir na tentativa de penetrar hoje nesse mistério – disse a si mesmo, por fim, o antigo conquistador, colocando no estojo o binóculo que mais parecia uma peça de artilharia. – Decididamente, a dama dos sonhos de Malivert

não se encontra aqui.

À saída, d'Aversac permaneceu de pé no pátio em frente à Ópera, com toda a elegância que caracteriza um cavalheiro, envolto em seu casaco junto à sra. d'Ymbertcourt, que colocara uma estola de cetim bordada com penugem de cisne sobre o vestido, cujo capuz caía-lhe sobre os ombros, deixando-lhe a cabeça descoberta. A condessa estava pálida e realmente bela naquela noite.

A dor que experimentava fazia surgir em sua fisionomia, geralmente de uma correção fria, uma expressão e uma vida que lhe havia faltado até então. De resto, parecia ter-se esquecido completamente de seu acompanhante, que permanecia a dois passos dela com uma compostura impecável, procurando disfarçar e dizer muitas coisas.

– O que acontece à sra. d'Ymbertcourt esta noite? – diziam alguns jovens que se detinham no pátio para apreciar o desfile feminino. – Pode-se dizer que ganhou uma nova beleza. D'Aversac é um patife feliz!

– Nem tão feliz assim – disse um rapaz de semblante espiritual e refinado, que mais parecia um quadro de Van Dyck retirado da moldura. – Não é ele que fez surgir no rosto da condessa, habitualmente inexpressivo como uma máscara de cera moldada sobre uma Vênus de Canova, essa vida e tom. Tal brilho provém de outra fonte. D'Aversac não é o Prometeu dessa Pandora. A madeira não saberia dar vida ao mármore.

– Isso pouco importa – retrucou um outro. – Malivert é bem estranho por deixar a condessa neste momento. Ela merece alguém melhor que d'Aversac para uma desforra. Não sei se Guy encontrará alguém melhor e poderá vir a se arrepender por seu desdém.

– Ele poderia estar errado – respondeu o retrato de Van Dick. – Mas siga meu raciocínio: a sra. d'Ymbertcourt está mais bela hoje do que de costume, porque está tomada pela emoção. Ora, se Malivert não a tivesse deixado, ela não experimentaria emoção alguma, e seus traços, classicamente perfeitos, manteriam sua insignificância e o fenômeno que chama sua atenção não teria ocorrido. Portanto, Malivert fará bem em partir para a Grécia, conforme anunciou ontem no clube. E tenho dito!

O criado que se aproximou para anunciar a chegada da carruagem da senhora condessa pôs fim àquela conversa e vários jovens experimentaram uma ponta de

inveja ao verem d'Aversac entrar no amplo veículo, cuja portinhola foi fechada pelo criado assim que este se acomodou, tendo retornado à boleia num piscar de olhos. A carruagem partiu veloz. D'Aversac, semicoberto pelos babados de cetim, tão próximo estava da dama, aspirava-lhe o suave perfume e tratou de aproveitar aqueles breves momentos em que estavam a sós para dizer à condessa algumas palavras mais delicadas e ternas.

Era preciso encontrar algo de decisivo e apaixonado, visto que a Praça Ventadour ficava próxima à Rua Chaussée-d'Antin. Mas a improvisação não era o forte do rival de Guy e é preciso dizer que a sra. d'Ymbercourt em nada o encorajava. Silenciosa, recolhida a um canto da carruagem, ela mordiscava a ponta de seu lenço bordado com rendas.

Enquanto d'Aversac se esforçava para concluir uma frase cuidadosamente amorosa, a sra. d'Ymbercourt, que não tinha escutado uma só palavra do que ele havia dito, mergulhada que estava em seus próprios pensamentos, segurou-lhe bruscamente o braço e disse, sem rodeios:

– Você conhece a nova amante do sr. de Malivert?

Aquela pergunta inesperada e estranha chocou d'Aversac. Era de gosto duvidoso e deixava claro que a condessa não pensara nele por um só instante. O castelo de cartas de suas esperanças ruiu ante aquele sopro impetuoso.

– Eu não a conheço – balbuciou d'Aversac. – Mas se a conhecesse, a discrição e a delicadeza me impediriam de dizê-lo. Todo homem distinto conhece seu dever em tais circunstâncias.

– Sim, sim! – respondeu a condessa de maneira rude. – Os homens apoiam-se uns aos outros, mesmo quando são rivais. Eu nada saberia.

Então, após um breve silêncio, recobrando um pouco o autodomínio, disse:

– Desculpe-me, meu caro d'Aversac. Meus nervos estão em frangalhos e percebo que disse tolices. Não me queira mal e venha me ver amanhã. Estarei mais calma. Oh, já chegamos! – ela exclamou, estendendo-lhe a mão. – Para onde o cocheiro deve levá-lo?

Em seguida, desceu rapidamente da carruagem e subiu a escadaria, sem esperar que d'Aversac fosse ajudá-la.

Vê-se que não é sempre tão agradável quanto julgam os jovens ingênuos reconduzir uma bela dama de carruagem dos Italianos à Rua Chaussée-d'Antin. D'Aversac, muito embaraçado, pediu para descer no clube da rua de Choiseul, onde seu veículo o aguardava. Jogou uma partida e perdeu cem luíses, o que não ajudou a melhorar seu estado de humor.

Ao adentrar sua casa, disse a si mesmo:

– O que é que o maldito Malivert faz para conseguir ser tão amado pelas mulheres?

Após se haver entregue aos cuidados de sua camareira, que a despiu e a preparou para dormir, a sra. d'Ymbercourt vestiu um roupão de cashmere branco, sentou-se com os cotovelos apoiados sobre a escrivaninha e os dedos enterrados em seus cabelos. Permaneceu assim por algum tempo, com os olhos fixos sobre uma folha de papel. Em seguida, apanhou a pena que rolou entre os dedos. Queria escrever para Guy, mas aquela seria uma carta difícil de colocar em palavras.

Os pensamentos que lhe vinham tumultuosos à mente retiravam-se quando ela tentava colocá-los em uma frase. Rabiscou cinco ou seis rascunhos com excesso de tinta, rasurados, ilegíveis, a despeito de sua bela escrita inglesa. Não conseguia escrever algo que a satisfizesse. Uns diziam demais, enquanto outros diziam muito pouco. Nenhum traduzia os sentimentos de seu coração e, então, todas as folhas foram rasgadas e lançadas ao fogo. Por fim, conseguiu concluir a seguinte carta:

“Não se aborreça, meu caro Guy, por um gesto de vaidade bem inocente, eu juro, pois só tinha o propósito de deixar você um pouco ciumento e de aproximá-lo de mim. Bem sabe que o amo, embora você não me ame. Seu ar tão frio, tão tranquilo, gelou-me o coração. Esqueça o que eu lhe disse. Foi uma péssima amiga que me aconselhou a fazê-lo. É verdade que você está de partida para a Grécia? Chega a tal ponto sua necessidade de fugir de mim? De mim que não penso senão em agradá-lo? Não vá! Ficarei infeliz demais com sua ausência.”

A condessa assinou o bilhete: Cécile d'Ymbercourt.

A seguir, selou-o com seu brasão e desejou enviá-lo imediatamente. Mas quando se levantou para chamar um criado, o pêndulo soou 2 horas. Era tarde demais para despachar um homem até Faubourg Saint-Germain, local onde Guy morava.

– Tudo bem – ela murmurou. – Enviarei o bilhete de manhãzinha e Guy o lerá ao despertar... contanto que ainda não tenha partido.

A condessa deitou-se fatigada, arrasada, e fechou em vão os olhos. Pensava na dama do trenó e dizia a si mesma que Guy a amava. O ciúme enterrou suas finas garras em seu coração. Adormeceu, por fim. Mas foi um sono agitado, cheio de sobressaltos mais dolorosos que os da véspera. Uma pequena lâmpada que descia do teto, à maneira de lamparina, encerrada num globo de vidro azul polido, derramava sobre o aposento uma claridade azulada, muito semelhante à do luar. Iluminava com uma tonalidade suave e misteriosa a cabeça da condessa, cujos cabelos soltos caíam em grandes cachos negros sobre a brancura do travesseiro. Um de seus braços pendia para fora do leito.

Um leve vapor transparente e azulado, semelhante à fumaça que sai de um incensório, foi-se condensando pouco a pouco à cabeceira. Esse vapor foi assumindo contornos mais definidos, para se transformar depressa em uma jovem de beleza celeste, cuja cabeleira dourada assemelhava-se a uma auréola luminosa.

Era Espírita e ela observava, com aquele ar de piedade melancólica que os anjos devem assumir face ao sofrimento humano, a jovem condessa que dormia. Inclinando-se sobre ela como a sombra de um sonho, derramou sobre sua fronte duas ou três gotas de um licor escuro que trazia numa pequena ampola, semelhante às urnas lacrimatórias que se encontram em túmulos antigos, enquanto murmurava:

– Agora que você não mais representa perigo para aquele a quem amo e que não pode mais separar a alma dele da minha, tenho piedade de você, pois sofre por causa dele. Trago-lhe o bálsamo divino. Esqueça e seja feliz, você que foi a causadora de minha morte!

A visão desapareceu. Os traços da bela adormecida se descontraíram, como se um sonho agradável tivesse substituído um pesadelo doloroso. Um ligeiro sorriso surgiu em seus lábios. Num movimento inconsciente, trouxe para sobre o leito seu belo braço nu, que adquirira a frieza do mármore cuja alvura tinha. Então, enrolou-se no edredom leve. Seu sono tranquilo e reparador se prolongou até a manhã, e a primeira coisa que notou ao despertar foi o bilhete que estava sobre a escrivaninha.

– Devo mandar entregá-lo? – perguntou Aglaê, que acabava de entrar no quarto para abrir as cortinas e percebera que os olhos da patroa fitavam o bilhete.

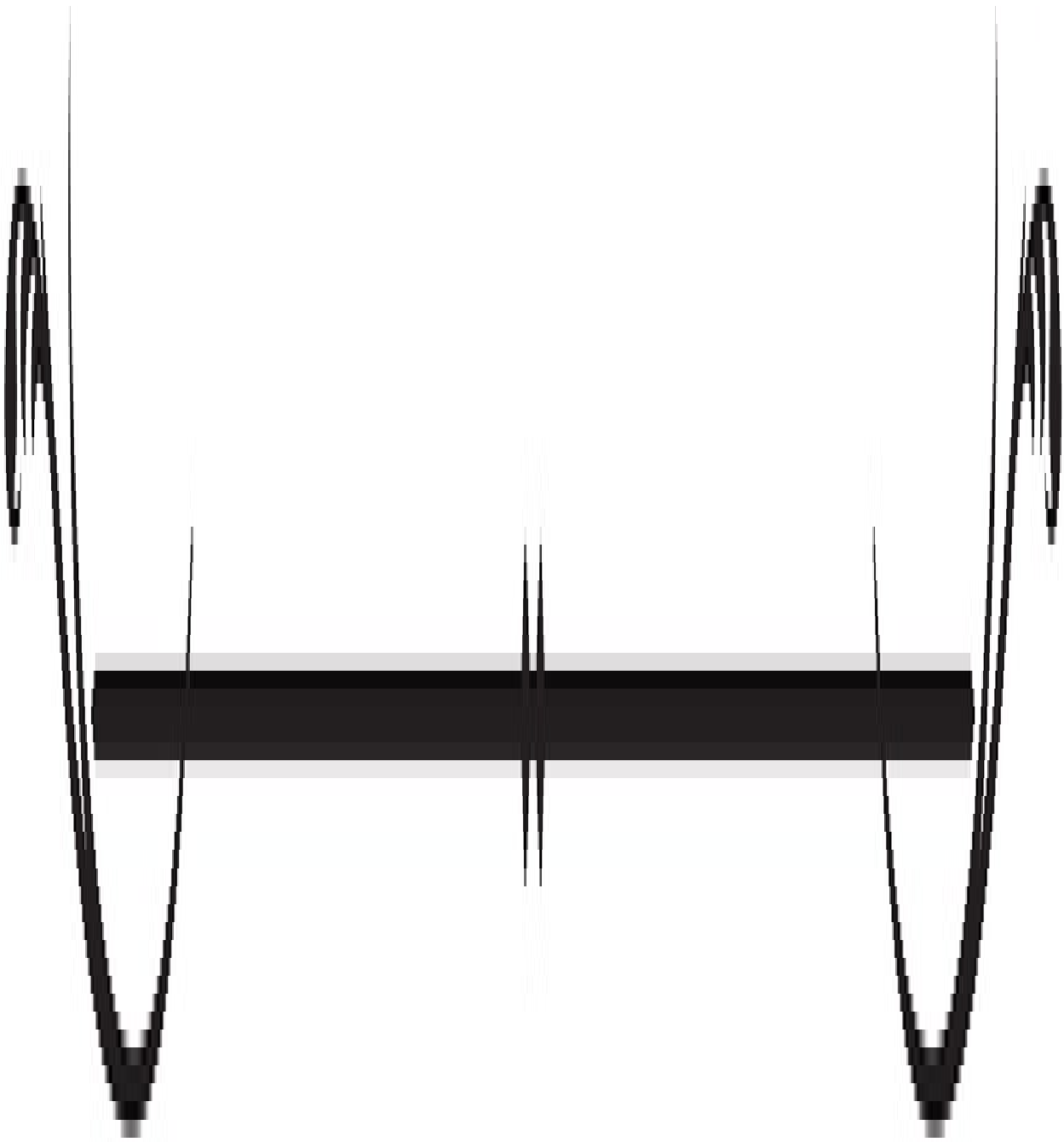
– Oh, não! – exclamou com força a sra. d’Ymbercourt. – Jogue-o no fogo.

Então, a condessa disse a si mesma:

– Onde é que eu estava com a cabeça, para escrever um bilhete como aquele? Devia estar louca!

—

Capítulo XV



O barco a

vapor que ia de Marselha a Atenas acabava de chegar ao Cabo Maleia, último recorte da folha de amoreira que forma a ponta da Grécia e que lhe deu seu nome atual. As nuvens, as neblinas e as geadas tinham ficado para trás. Saía-se da noite para a luz, do frio para o calor. Às tonalidades acinzentadas do céu do Ocidente seguira-se o azul do céu oriental, e o mar de um azul profundo ondulava suavemente sob uma brisa favorável, que o barco desfrutava, desfraldando as velas enegrecidas pela fumaça e semelhantes aos véus de cor sombria que Teseu içava inadvertidamente, ao retornar da Ilha de Creta, onde vencera o Minotauro.

O mês de fevereiro chegava ao fim e a chegada da primavera, tão tardia na França, fazia-se sentir naquele clima feliz, amado pelo sol. O ar era de tal modo agradável, que a maioria dos passageiros, já recuperados do enjoo causado pelo balanço do mar, permaneciam no convés a contemplar a costa, que se entrevia por entre os vapores azuis da tardinha. Acima dessa zona sombria, emergia uma montanha ainda visível e que retinha um raio de sol sobre o topo coberto de neve.

Era o monte Taigeto, o que dava aos viajantes bacharéis em letras e conhecedores de alguns rudimentos do latim, a oportunidade de citar, satisfazendo-lhes o pedantismo, o tão famoso verso de Virgílio. Um francês que cita um verso latino, o que a propósito é coisa rara, estará bem próximo da felicidade perfeita. Quanto a citar um verso grego, é uma alegria reservada aos alemães e aos ingleses saídos das universidades de Jena ou Oxford.

Jovens senhoritas com chapéus ornados com veuzinhos azuis, de cabelos ruivos e fartos acomodados em redinhas, com bolsas de viagem penduradas ao pescoço por uma correia de couro, trajando casacos enfeitados com botões grandes ocupavam os bancos que permitiam uma melhor vista e as cadeiras dobráveis que cobriam a proa do navio.

Contemplavam a costa obscurecida pela sombra da noite com binóculos potentes, a ponto de permitir-lhes divisar os satélites de Júpiter. Algumas delas, mais ousadas e com pernas de marinheiro, caminhavam pelo convés com aqueles passos de ginástica que os sargentos da guarda, professores de caminhada,

ensinam às jovens vindas do outro lado do Canal da Mancha.

Outras, ainda, conversavam com cavalheiros de maneiras impecáveis e estilo perfeito. Havia ali também franceses, alunos da Escola de Atenas, pintores, alguns dos melhores arquitetos de Roma, que iam beber nas fontes da verdadeira beleza. Estes, com todo o entusiasmo da juventude que tem diante de si a esperança e um bom dinheiro no bolso, faziam gracejos, riam alto, fumavam charutos e entregavam-se a discussões acaloradas sobre a estética.

Os conceitos dos grandes mestres antigos e modernos eram debatidos, negados ou elevados às alturas. Tudo era admirável ou ridículo, sublime ou tolo, pois os jovens são exagerados e desconhecem o meio-termo. Não haveriam de casar o Rei Modus com a Rainha Ratio! Tal casamento de conveniência só acontece mais tarde.

Àquele grupo animado, juntava-se um jovem que trajava um casaco como um filósofo do Pórtico, que não era pintor, nem escultor, nem arquiteto, a quem os artistas viajantes tomavam por árbitro toda vez que a discussão acabava em alguma negação obstinada de ambas as partes. Esse jovem era Guy de Malivert. Suas observações judiciosas e apuradas indicavam um verdadeiro conhecedor, um crítico de arte digno de seu renome. E aqueles jovens tão desdenhosos, que qualificavam como burguês a todos aqueles que não tivessem manejado o pincel, o cinzel ou o tira-linhas, ouviam-no com certa atenção e, por vezes, chegavam mesmo a acatar o que ele dizia.

O assunto por fim se esgotava, uma vez que tudo se esgota, até mesmo uma conversa acerca do ideal e do real, e os interlocutores, com a garganta um pouco seca, desceram até a cabine para umedecer a laringe com um pouco de rum diluído em água ou outra bebida mais forte e estimulante.

Malivert permaneceu sozinho no convés. Era noite. No céu de um azul escuro, as estrelas brilhavam com cintilações de intensidade e brilho tais, que só quem viu o céu da Grécia é capaz de imaginar. Seus reflexos na água traçavam rastros, como o fariam lanternas colocadas sobre a costa. A espuma, agitada pelas pás das rodas dos navios, refletia-se em milhões de diamantes que brilhavam por um instante, para logo se fundirem em fosforescências azuladas.

O negro barco a vapor parecia flutuar num mar de luz. Era um daqueles espetáculos capazes de despertar a admiração da criatura mais desprovida de

inteligência e a imaginação artística, o que não era o caso de Malivert, que o desfrutava gostosamente. Sequer cogitou descer para o pavimento inferior do navio, onde reina sempre um calor nauseante, particularmente sensível para quem vem do ar fresco.

Continuou a passear da popa à proa do navio, contornando os passageiros levantinos instalados ao longo das amuradas sobre seus tapetes ou finos colchões de ar ao lado da proa, entre pilhas de correntes e rolos de cordame. Chegou mesmo a levar algumas mulheres, que acreditavam não estar sendo vistas, a baixar o véu que tinham erguido para aspirar o frescor noturno. Como se vê, Guy mantinha a promessa que fizera de não comprometer a sra. d'Ymbercourt.

Apoiando os cotovelos sobre o peitoril, entregou-se a devaneios repletos de doçura. Sem dúvida, desde que o amor de Espírita o levara a desapegar-se das curiosidades terrestres, a viagem à Grécia não lhe inspirava o mesmo entusiasmo de outros tempos. Era outra a viagem que ele teria desejado fazer, mas não pensava mais em antecipar sua partida para aquele mundo onde seu pensamento já se encontrava imerso.

Conhecia agora as consequências do suicídio e aguardava, sem se impacientar demais, que o momento de voar com o anjo que o visitava chegasse. Certo de sua felicidade futura, entregava-se à sensação presente e desfrutava como um poeta do magnífico espetáculo da noite. Ele, como Lord Byron, amava o mar.

Aquela eterna inquietude, aquele lamento que jamais se cala nem mesmo nas horas mais calmas, aquelas revoltas bruscas e furores insensatos contra o obstáculo imutável sempre tinham agradado sua imaginação, que via naquela turbulência vã uma analogia secreta ao inútil esforço humano.

O que mais o encantava no mar era o imenso isolamento, a linha do horizonte sempre semelhante e sempre renovada, a monotonia solene e a ausência de qualquer sinal de civilização. A mesma onda que erguia o barco a vapor em sua ampla ondulação havia lavado as laterais das embarcações “de flancos ocos” de que fala Homero e das quais não restara qualquer vestígio. Aquelas águas tinham precisamente o mesmo tom que as coloria quando a frota dos gregos as havia singrado. Em sua altivez, diferentemente da terra, o mar não guarda as cicatrizes deixadas pela passagem do homem. É vago, imenso e profundo como o infinito.

Malivert nunca se tinha sentido mais alegre, mais livre e mais dono de si mesmo

do que quando, de pé, à proa de um navio que subia e descia sobre as águas, avançava, ele mesmo, rumo ao desconhecido. Molhado pelos respingos da espuma que saltavam sobre o convés e com os cabelos impregnados pelo vapor salino, tinha a impressão de caminhar sobre as águas, e da mesma maneira como um cavaleiro se identifica com a velocidade de sua montaria, Malivert atribuía a si mesmo a rapidez da embarcação e seu pensamento saltava ao encontro das águas.

Ao seu lado, Espírita descera sem ruído, como uma pluma ou um floco de neve, e sua mão apoiava-se sobre o ombro do jovem. Embora ela fosse invisível a todos, pode-se imaginar o casal encantador que Malivert e sua namorada graciosa formavam.

A Lua se erguera cheia e clara, empalidecendo as estrelas, e a noite tornara-se uma espécie de dia azul, como uma gruta azul de tonalidade verdadeiramente mágica. Um raio de luar fazia sobressair aquele casal na proa do navio, Amor e Psique brilhantes dentro da cintilação diamantina da espuma, como se fossem jovens deuses à proa de uma galera antiga.

Sobre o mar, estendia-se vasta corrente de lantejoulas de prata em perpétuo movimento, reflexo do astro que emergia do horizonte e ascendia lentamente no céu. Vez por outra, um golfinho, descendente talvez daquele que conduziu o deus Árion, atravessava a esteira cintilante com suas costas negras, para penetrar na sombra. Ou, então, o farol de uma embarcação se revelava à distância, como um ponto vermelho e vacilante. De tempos em tempos, a costa de uma ilha aparecia como um recorte violeta e logo era deixada para trás.

– Aí está, sem dúvida, um espetáculo maravilhoso, um dos mais belos, senão o mais belo, que os olhos humanos podem contemplar – disse Espírita. – Mas o que significa em comparação com as prodigiosas perspectivas do mundo de onde venho para descer até você e para onde, em breve, voaremos lado a lado “como pombas levadas pelo mesmo desejo”? Este mar, que lhe parece tão grande, não é mais que uma gota na taça do infinito, e esse astro pálido que o ilumina, glóbulo de prata imperceptível, perde-se nas imensidões infinitas, como último grão da poeira sideral. Ah, se eu tivesse contemplado ao seu lado este espetáculo quando ainda habitava na Terra e me chamava Lavínia! Mas não creia que permaneço insensível, pois lhe compreendo a beleza através de sua emoção.

– Você não sabe da impaciência que gera em mim quanto à outra vida, Espírita!

– respondeu Malivert. – E com que ardor busco elevar-me a esses mundos de esplendores deslumbrantes, acima de toda imaginação e de toda palavra, e que nós devemos percorrer juntos e onde nada mais nos haverá de separar.

– Sim, você há de vê-los. Conhecerá suas magnificências e alegrias, se me ama, se me é fiel, se seus pensamentos jamais se voltarem às coisas inferiores. Se você lançar de si, como ao fundo de uma água que repousa, o limo humano impuro e grosseiro. A tal preço é que nos será permitido saborear, eternamente unidos um ao outro, a tranquila embriaguez do amor divino, desse amor permanente, sem fragilidade, que jamais se cansa e cujo ardor faria derreter os sóis como grãos de mirra sobre o fogo. Seremos a unidade na dualidade, o eu no não-eu, o movimento no repouso, o desejo na realização, o frescor na chama. Para merecer essas felicidades supremas, pense em Espírita que está no céu e não se recorde excessivamente de Lavínia, que dorme sob a coroa de rosas brancas esculpidas.

– E eu não a amo perdidamente, com toda pureza e ardor com que uma alma ainda ligada à Terra é capaz de amar? – Malivert indagou.

– Meu querido, mantenha-se assim – respondeu Espírita. – Estou feliz por você.

Enquanto dizia essas palavras, seus olhos de safira brilhavam repletos de amorosas promessas e sua boca adorável entreabria-se num sorriso voluptuosamente casto.

O encontro entre o encarnado e a sombra prolongou-se até que as primeiras claridades da aurora comesçassem a mesclar suas tonalidades rosa às nuances violeta da Lua, cujo disco se apagava pouco a pouco. Logo, uma parte do sol apareceu acima da barra de tom azul escuro que o mar formava no horizonte e o dia raiou sublime.

Espírita, anjo de luz, não tinha por que temer o sol e permaneceu alguns minutos à proa, cintilante de claridades rosadas, enquanto os raios da manhã brincavam como borboletas de ouro em sua cabeleira, que a brisa do arquipélago agitava. Se ela escolhia a noite para fazer suas aparições, era porque, estando o movimento da vida comum em suspenso, Guy se encontrava mais livre, era menos observado e estava isento do risco de passar por louco devido às suas ações de aparência inevitavelmente bizarra.

Ao ver que Malivert estava pálido e enregelado no estremecimento da aurora,

Espírita disse-lhe num tom de doce censura:

– Vamos, pobre criatura de argila! Não lute contra a natureza. Faz frio, o orvalho marinho molha o convés e umedece as cordas. Vá para a cabine e durma. O sono não nos separa – acrescentou, com encanto todo feminino. – Estarei em todos os seus sonhos e o levarei lá, onde você ainda não pode ir durante a vigília.

De fato, o sono de Guy foi repleto de sonhos azulados, radiosos, sobrenaturais, em que voava ao lado de Espírita através dos elísios e dos paraísos: um misto de claridades, vegetações e arquiteturas ideais, das quais nenhuma frase de nossas pobres linguagens tão limitadas, imperfeitas e opacas poderia dar a mais remota ideia.

É inútil descrever com detalhes as impressões da viagem de Malivert. Seria ir além das pretensões desta narrativa e, além do mais, Guy, ocupado com seu amor e distraído por um desejo inexorável, dava muito menos atenção do que outrora às coisas materiais. Não percebia mais a natureza senão como um horizonte vago, nebuloso e esplêndido, servindo de pano de fundo à sua ideia fixa. O mundo para ele agora era a paisagem onde Espírita surgia, e ele julgava os mais belos lugares como pouco dignos de lhe servirem de moldura.

Entretanto, no dia seguinte, ao raiar do dia, não pôde conter um grito de admiração e surpresa quando o barco a vapor, entrando na enseada do Pireu, descortinou para ele o quadro maravilhoso que a manhã iluminava: o Parnaso e o Himeto formavam, com seus declives cor de ametista, como que bastidores magnificamente decorados, nos quais o Monte Licabeto, bizarramente recortado, e o monte Pentélico ocupavam o fundo. Ao centro, como um tripé de ouro sobre um altar de mármore, o Partenon erguia-se iluminado pelas cores avermelhadas da manhã sobre a Acrópole.

As tonalidades azuladas dos horizontes distantes, aparecendo através dos interstícios das colunas em ruínas, tornavam ainda mais aéreas e ideais as nobres formas do templo. Malivert experimentou o estremecimento que a sensação do belo causa e compreendeu o que até então tinha lhe parecido obscuro. Toda a arte grega se revelava a ele, romântica, naquela rápida visão: a proporção perfeita do conjunto, a pureza absoluta das linhas, a suavidade incomparável da cor feita de brancura, azul e luz.

Assim que desembarcou, livre de preocupações quanto à bagagem que deixara

aos cuidados de Jack, Malivert tomou uma dessas carruagens de aluguel que, para a vergonha da civilização moderna, conduzem os viajantes do Pireu a Atenas por uma estrada branca de poeira e ladeada, aqui e ali, por oliveiras empoeiradas.

O veículo que levava Malivert, todo desmantelado e fazendo um barulho inquietante de ferragem, era puxado a galope por dois cavaleiros magros e malhados em tons de cinza, de crina espetada e cortada rente. Pareciam esqueletos, ou antes a maquete feita de barro dos cavalos de mármore que se empinam sobre as métopas do Partenon. Sem dúvida, seus antepassados tinham posado para o célebre escultor grego Fídias. Eram açoitados continuamente por um rapazinho em traje de Palikare, que se conduzia uma parca de cavalos melhores talvez tivesse ganho, em outros tempos, o primeiro prêmio nas corridas das Olimpíadas.

Enquanto os outros viajantes invadiam o Hotel d'Angleterre, Guy pediu para ser conduzido até o pé da colina sagrada, onde o gênero humano, na flor da idade da poesia e do amor, criou suas mais puras obras de arte, como que para submetê-las à admiração dos deuses. Subiu a antiga Rua das Trípodes, escondida sob casebres toscos, pisando respeitosamente aquela poeira feita de maravilhas, e desembocou, por fim, na escada dos Propileus, cujos degraus foram arrancados para servirem de pedras tumulares.

Subiu aquele estranho cemitério entre um amontoado de lajes fúnebres arrancadas, entre os envasamentos, dos quais um sustenta o pequeno templo da deusa Vitória-Áptera, outro serve de pedestal à estátua equestre do general Cimon e de divisória à Pinacoteca, onde se guardavam as obras-primas dos pintores da Grécia Antiga – Zêuxis, Apeles, Timanthes e Protógenes.

Malivert atravessou com um sentimento de religiosa veneração o Propileu da Acrópole de Atenas, obra do arquiteto Mnéscicles, obra-prima digna de servir de porta às obras de arte de Ictinos e Fídias. Sendo um bárbaro do Ocidente, Guy quase tinha vergonha de caminhar com suas botas sobre aquele solo sagrado.

Alguns passos à frente, viu-se diante do Partenon, o templo da Virgem, o santuário de Palas Athena, a mais pura concepção do politeísmo.

O edifício se destacava contra a serenidade azul dos espaços com uma placidez suprema e uma suavidade majestosa. Uma harmonia divina presidia-lhe as linhas

que cantavam o hino da beleza num ritmo secreto. Todas elas tendiam docemente a um ideal desconhecido, convergiam para um ponto misterioso, porém sem muito esforço, sem violência, como que na certeza de atingi-lo.

Acima do templo sentia-se pairar aquele pensamento que o ângulo dos frontões, os entablamentos e as colunas aspiravam e pareciam querer alcançar, imprimindo curvas imperceptíveis na horizontal e na perpendicular. As belas colunas dóricas, drapeadas nas pregas de suas caneluras e ligeiramente recuadas, faziam lembrar virgens castas que abrigavam um vago desejo.

Uma cor dourada e quente envolvia a fachada numa atmosfera de ouro e, sob as carícias do tempo, o mármore havia adquirido uma nuance vermelha, como um rubor pudico.

Nos degraus do templo, entre as duas colunas atrás das quais se abre a porta do santuário, Espírita encontrava-se de pé naquela pura claridade grega, tão pouco favorável às aparições, no limiar mesmo desse Partenon tão claro, tão perfeito, tão luminosamente belo. Um vestido branco e longo, trabalhado em preguinhas como as túnicas das canéforas, descia de seus ombros até a ponta de seus pequenos pés descalços. Uma coroa de violetas, daquelas violetas com que o dramaturgo grego Aristófanes celebra o frescor de uma de suas peças, enfeitava-lhe os cabelos de ouro que desciam em cachos sobre seus ombros.

Trajada desse modo, Espírita fazia lembrar uma das virgens das festividades Panatenaicas, descida de sua frisa. Mas em seus olhos de um azul claro brilhava uma luz suave que não se encontra nos olhos talhados em mármore branco. Àquela radiosa beleza exterior, juntava-se a beleza da alma.

Malivert subiu os degraus e aproximou-se de Espírita, que estendeu a mão para ele. Então, num breve deslumbramento, ele viu o Partenon como havia sido nos dias de seu esplendor. As colunas caídas tinham retomado seu lugar. As figuras do frontão, arrancadas por Lorde Elgin ou partidas pelas bombas venezianas, haviam-se reunido sobre o frontão, puras e intactas em suas atitudes humanamente divinas.

Pela porta da cella, Malivert entreviu, de volta ao seu pedestal, a estátua de ouro e marfim do escultor Fídias, a celeste, a virgem, a imaculada Palas Athena. Mas não lançou mais que um olhar distraído àquele prodígio, pois seus olhos depressa buscaram os de Espírita.

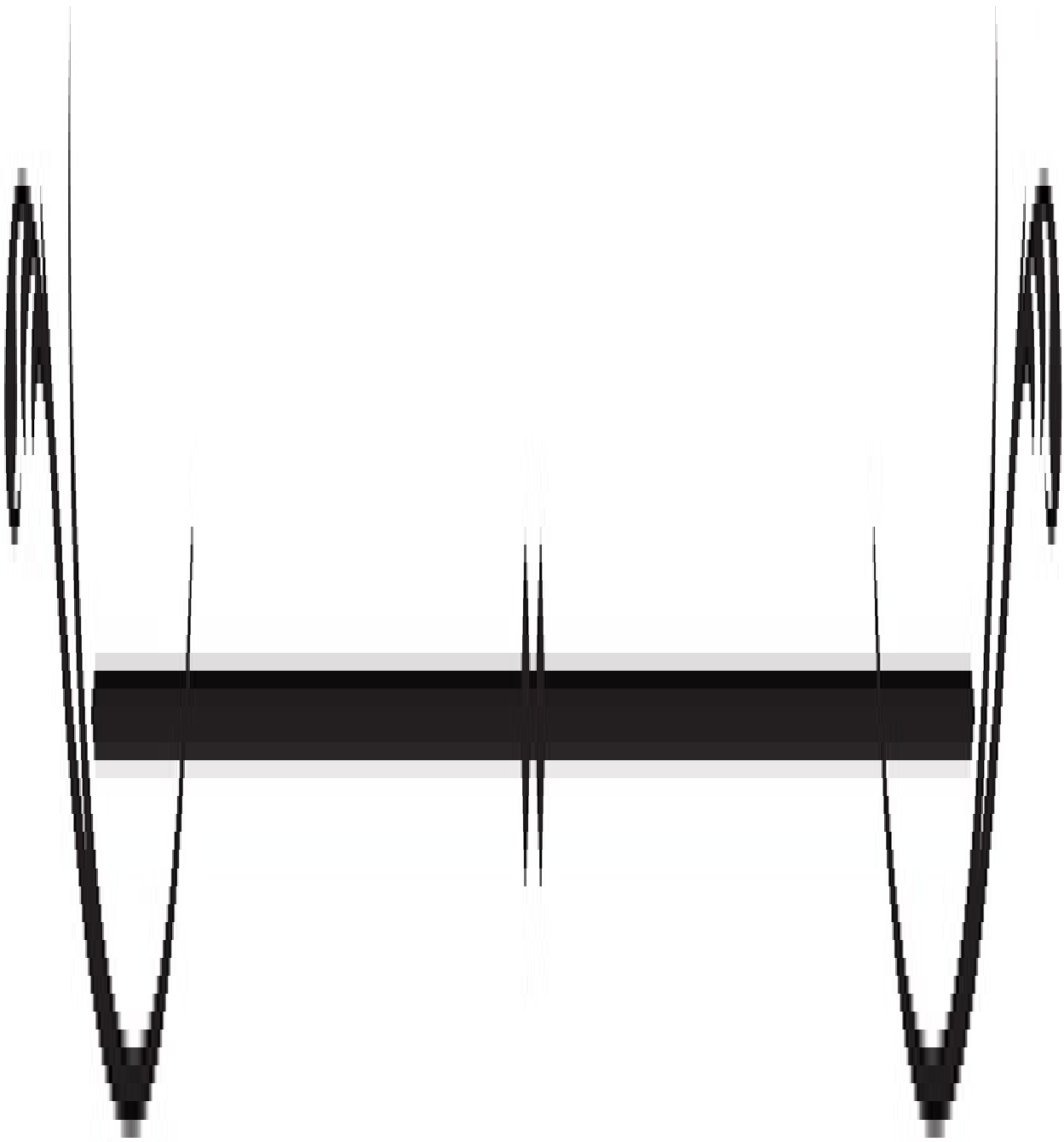
Uma vez desdenhada, a visão retrospectiva se desvaneceu.

– Oh! – murmurou Espírita. – O amor faz com que se esqueça a própria arte. Sua alma se desapega cada vez mais da Terra. Queima, consome! Em breve, seu desejo será realizado, alma querida.

E porque o coração da jovem ainda batesse no peito do espírito, um suspiro ergueu seu colo alvo.

—

Capítulo XVI



Alguns dias após

essa visita ao Partenon, Guy de Malivert decidiu fazer um passeio pelos arredores de Atenas e visitar as belas montanhas que via através de sua janela. Tomou um guia e dois cavalos e deixou Jack no hotel, como alguém inútil e incômodo. Jack era um desses empregados mais difíceis de contentar que o próprio patrão e cuja contrariedade só se revela quando em viagem.

Ele tinha suas manias como uma velha solteirona e achava tudo detestável, os quartos, as camas, as refeições, os vinhos, e a todo momento, indignado com a barbárie do serviço, exclamava: “Ah, esses selvagens!” Além disso, se reconhecia em Malivert algum talento como escritor, considerava-o incapaz de conduzir a si mesmo e um tanto bizarro, sobretudo há algum tempo, e chamava a si a missão de vigiá-lo. Quando via Malivert franzir o cenho recuava em seu plano, e o mentor, com uma admirável capacidade de metamorfose, retomava o papel de camareiro.

Guy mandou costurar um certo número de moedas de ouro em um cinto de couro que usaria sob seu traje, colocou duas pistolas na sela de ferro fundido de seu cavalo e ao partir não definiu uma data para seu retorno, no desejo de permitir-se a liberdade do imprevisto, da aventura, do lazer ao acaso. Sabia que Jack, acostumado aos seus sumiços, não haveria de se alarmar se ele demorasse dias e mesmo semanas para voltar. Ficaria, assim, em perfeita tranquilidade, desde que tivesse ensinado ao cozinheiro do hotel como cozinhar o bife à sua maneira, tostado por fora e rosado por dentro, “à inglesa”.

A excursão de Guy, a menos que mudasse de ideia, deveria limitar-se ao Parnaso e não passaria de cinco ou seis dias. Mas, ao fim de um mês, nem Malivert, nem seu guia haviam voltado. Nenhuma carta chegara ao hotel anunciando mudança ou prolongamento do itinerário. O dinheiro que Guy tinha levado devia estar acabando e aquele silêncio começava a se tornar inquietante.

– O patrão não me pediu mais dinheiro – disse Jack a si mesmo certa manhã, enquanto comia um bife finalmente cozido ao ponto e bebia uma taça de vinho branco de Santorin bastante agradável, apesar de seu discreto sabor de resina. – Isso não é normal. Algo deve ter acontecido com ele. Se tivesse prosseguido em viagem, teria indicado uma cidade para que eu lhe enviasse certa quantia, uma

vez que sou eu quem cuida da bolsa. Esperemos que não tenha quebrado o pescoço ou a espinha em algum precipício! Também, que maldita ideia a dele de cavalgar sempre por países sujos, mal pavimentados, absurdos, famintos, quando poderíamos estar em Paris, delicadamente instalados em um ambiente confortável, ao abrigo de insetos, mosquitos e outros animais feios que nos causam bolhas. Não digo na primavera, quando concebo que se vá à Ville-d'Avray, Celle-Saint-Cloud ou a Fontainebleau. Não a Fontainebleau, digo, porque há pintores demais por lá e, além do mais, prefiro Paris. A bem dizer, o campo foi feito para os camponeses e as viagens para os caixeiros-viajantes, pois está de acordo com sua condição. Mas a verdade é que não é nada engraçado ficar plantado num albergue, para refazer-se numa cidade onde só há ruínas para ver. Deus, como são tolos os patrões com suas pedras velhas, como se as edificações novas e bem conservadas não fossem cem vezes mais agradáveis aos olhos! Decididamente, o patrão não tem consideração por mim. É verdade que sou seu empregado e que meu dever é servi-lo. Mas ele não tem o direito de me deixar morrer de tédio no Hotel d'Angleterre! Se acontecesse alguma infelicidade a esse patrão querido, pois apesar de tudo é um bom patrão, eu não haveria de me consolar, ainda que encontrasse uma posição melhor! Bem que tenho vontade de ir à procura dele, mas para onde eu iria? Quem sabe por onde sua fantasia o levou? Com certeza aos lugares mais extravagantes, mais impraticáveis, a esses resvaladouros e atoleiros que ele acha pitoresco e dos quais faz esboços em seu álbum como se fosse grande coisa! Bem, dou-lhe mais três dias para voltar. Depois disso darei sinal de alarme e mandarei afixar seu retrato em todas as encruzilhadas, como se fosse um cão perdido, com a promessa de justa recompensa a quem o trouxer de volta.

Sob as aparências de empregado cético e moderno, escondia-se o camareiro devotado e fiel à moda antiga. A inquietação do honesto Jack era genuína. No fundo, amava Malivert e era apegado a ele. Embora soubesse constar do testamento do patrão, com direito a uma quantia que lhe garantiria modesta aposentadoria, não desejava sua morte.

O hoteleiro começava a se mostrar preocupado, não com Malivert cujas despesas estavam pagas, mas com os dois cavalos que ele lhe fornecera para a expedição. Como lamentava a sorte duvidosa daqueles dois animais incomparáveis, de passo tão firme, de boca tão sensível, que poderiam ser conduzidos com um fio de seda... Impaciente, Jack lhe disse com ar de supremo desdém:

– Pois bem, se seus dois cavalos estiverem mortos, você será indenizado pela

perda.

As palavras de Jack devolveram completa serenidade ao bravo Diamantopoulos.

Todas as noites a esposa do guia, mulher bela e robusta que poderia substituir a escultura da cariátide erguida no templo de Pandrosion, vinha perguntar se seu marido Stavros tinha voltado, com ou sem o viajante. Depois de ouvir a resposta invariavelmente negativa, ela ia sentar-se sobre uma pedra a pouca distância do hotel. Soltava a trança de seda que prendia seus cabelos negros, cujas mechas ela sacudia, levando as unhas das mãos às faces como se quisesse se esfolar e suspirava profundamente, entregando-se a demonstrações teatrais da dor antiga.

Não que ela estivesse no fundo muito afetada, pois Stavros era um sujeito miserável, muito dado a bebedeiras, que batia nela quando estava alcoolizado e que trazia pouco dinheiro para casa, embora ganhasse bem para conduzir estrangeiros. Mas ela devia manifestar um desespero suficiente por conta das convenções sociais.

Uma maledicência, que não era uma calúnia, acusava-a de consolar-se em sua vivez intermitente com um belo militar de talhe delgado, com saiote largo em formato de sino que descia até o joelho e que devia levar bem uns sessenta metros de tecido fino plissado, com uma carapuça vermelha na cabeça, que tinha na parte traseira um tipo de cauda que lhe chegava até o meio das costas.

Aquela dor, sincera ou fingida, que se exprimia em soluços roucos fazia lembrar o pranto da figura mitológica Hécuba, aborrecia e perturbava profundamente Jack que, embora incrédulo, era um pouco supersticioso.

– Não gosto dessa mulher que uiva para o nada, como um cão que fareja a morte
– ele dizia.

Transcorridos os três dias que Jack estabelecera como limite máximo para o retorno de Malivert, este foi fazer uma declaração à justiça.

As mais cuidadosas buscas foram feitas na direção provável que Malivert e seu guia deviam ter tomado. A montanha foi vasculhada em todas as direções e encontraram, numa valeta, a carcaça de um cavalo deitado de lado, completamente despojado de seus arreios e já devorado pela metade por corvos. Uma bala atingira-lhe o ombro, e o animal devia ter morrido na pancada da queda com seu cavaleiro.

Ao redor do local em que o animal jazia morto, o terreno parecia ter sido pisoteado como que durante uma luta, mas muito tempo já teria transcorrido desde o momento presumido do ataque, que devia chegar a várias semanas. Mas não seria possível chegar a grandes deduções a partir daquelas marcas já semiapagadas pela ação da chuva e dos ventos. Em um arbusto de lentisco, à beira da estrada, um galho fora partido ao meio pela passagem de uma bala e a parte superior tinha vergado e pendia seca.

A bala de uma pistola fora encontrada pouco mais longe, num campo, e parecia que a pessoa assaltada se teria defendido. Qual teria sido o motivo da luta? Tudo levava a crer que o desfecho teria sido fatal, uma vez que Malivert e o guia não haviam retornado. O cavalo foi identificado como sendo um dos animais que Diamantopoulos tinha alugado para o jovem viajante francês. Mas, dado à falta de elementos mais precisos, a investigação não pudera avançar. Todo vestígio dos agressores, da vítima ou das vítimas, porque seriam duas, havia se perdido. O fio condutor quebrava-se desde o início.

Uma descrição detalhada de Malivert e de Stavros foi enviada a todos os lugares possíveis aos quais o traçado da rota poderia tê-los conduzido. Não tinham sido vistos em parte alguma. Sua viagem terminara naquele ponto. Talvez os bandidos tivessem levado Malivert para alguma caverna inacessível nas montanhas, com o objetivo de exigir um resgate.

Essa suposição, porém, caía por terra ao final de alguns minutos de busca. Era possível, talvez, que os bandidos tivessem enviado um de seus comparsas disfarçado à cidade e encontrado um meio de fazer chegar às mãos de Jack uma carta contendo as condições do resgate, com ameaça de mutilação em caso de demora e de morte caso as condições fossem rejeitadas, conforme se costuma fazer em tais circunstâncias. Mas nada disso aconteceu: nenhuma carta desse tipo viera da montanha a Atenas e, assim, a ideia de uma carta enviada pelos bandidos foi descartada.

A ideia de voltar para a França sem seu patrão perturbava Jack sobremaneira, uma vez que poderiam suspeitar que ele tivesse sido o assassino, muito embora não tivesse saído do Hotel d'Angleterre. Já não sabia mais a que santo apelar! Mais do que nunca, maldizia aquela mania de viajar, que arrastava homens de bem a lugares selvagens, onde ladrões disfarçados os caçavam como se fossem lebres.

Alguns dias mais tarde, Stavros reapareceu no hotel. Mas em que estado estava ele, bom Deus! Maltratado, magro, desfigurado, com um ar apavorado e bizarro, como um espectro saído do túmulo sem sacudir a terra. Seu traje rico e pitoresco, do qual tanto se envaidecia e que causava boa impressão em seus viajantes apaixonados pela cor local, tinha sido roubado e substituído por farrapos sórdidos, manchados pela lama dos barrancos. Uma pele de carneiro engordurada cobria-lhe os ombros e ninguém teria reconhecido nele o guia favorito dos turistas.

Seu retorno inesperado foi comunicado à polícia. Stavros foi detido temporariamente, pois, afinal, embora fosse bem conhecido em Atenas e razoavelmente honesto, tinha partido com um viajante e retornara sozinho, circunstância que os juízes meticolosos não consideram natural. Todavia, Stavros conseguiu provar sua inocência. Seu trabalho como guia obviamente se opunha a que ele viesse a destruir seus viajantes, de quem ganhava seu sustento e que, portanto, não precisava assassinar para roubá-los.

Por que haveria ele de esperar à beira do caminho pelas vítimas que o seguiam de bom grado, dividindo com ele uma boa parte de seu dinheiro? Mas o relato que ele fazia da morte de Malivert era dos mais estranhos e verdadeiramente difícil de acreditar. Segundo ele, enquanto ambos cavalgavam tranquilamente pela valeta onde a carcaça do cavalo tinha sido encontrada, ouviram o disparo de uma arma de fogo, seguido por outro após um intervalo considerável. O primeiro disparo atingira o cavalo que o senhor de Malivert montava e o segundo atingira o próprio viajante que, num movimento instintivo, levava a mão ao coldre da sela e disparara sua pistola ao acaso.

Três ou quatro bandidos tinham saído detrás dos arbustos, lançando-se sobre Malivert, para despojá-lo. Dois outros tinham feito com que ele, Stavros, descesse do cavalo e o haviam segurado pelos braços, embora não tentasse resistir, o que seria inútil.

Até esse ponto o relato não diferia muito das narrativas comuns das estradas, mas a sequência foi bem mais difícil de acreditar, embora o guia o confirmasse sob juramento. Alegava ter visto junto a Malivert moribundo, e cujo semblante, longe de expressar as angústias da agonia, resplandecia com uma alegria celeste, uma figura alva e resplandecente, de admirável beleza, que devia ser a Virgem Maria e que pousava sobre o ferimento do viajante, como que para lhe retirar o sofrimento, sua mão luminosa. Os bandidos, apavorados com a aparição, tinham

se mantido a certa distância, quando então a bela dama tomara a alma do morto e voara para o céu, levando-a consigo.

Ninguém conseguiu fazer com que Stavros alterasse seu depoimento. O corpo do viajante tinha sido escondido sob uma rocha deslocada, à beira de uma torrente, cujo leito sempre seco no verão, enche-se de oleandros. Quanto a ele, pobre diabo, a quem não valeria a pena matar, após o haverem despojado de seu belo traje, fora levado para os confins das montanhas, para que não fosse denunciar o assassinato. Tinha conseguido escapar com grande dificuldade.

Stavros foi colocado em liberdade. Se fosse culpado, partiria com facilidade para as ilhas ou para a costa da Ásia com o dinheiro de Malivert. Sua permanência em Atenas provava sua inocência. O relato da morte de Malivert foi enviado à senhora de Marillac, sua irmã, mais ou menos nos termos com que Stavros o havia feito. A aparição de Espírita fora ali também mencionada, mas como uma alucinação produzida pelo estado de terror do guia, cujo cérebro não parecia estar em juízo perfeito.

Quase no mesmo momento em que a cena do assassinato ocorria no Monte Parnaso, o barão de Féroë encontrava-se retirado nos fundos de seu apartamento inacessível, como era seu costume, ocupado com a leitura da estranha e misteriosa obra de Swedenborg, cujo título é Casamentos na outra vida.

No meio da leitura, ele sentiu uma perturbação singular, como se estivesse recebendo alguma revelação. A lembrança de Malivert veio-lhe à mente, embora não fosse trazida por nenhuma transição natural. Uma claridade espalhou-se por seu quarto, cujas paredes tornaram-se transparentes e abriram-se como um templo hípetro, permitindo ver a uma imensa profundidade, não o céu onde se detêm os olhos humanos, mas o céu que somente os olhos dos videntes podem penetrar.

No centro de uma efervescência de luz que parecia partir do fundo infinito, dois pontos de uma intensidade de esplendor ainda maior, semelhantes a diamantes no interior de chamas, cintilavam, palpitavam e se aproximavam, tomando as aparências de Malivert e Espírita. Voavam, um ao lado do outro, numa alegria celeste e radiante, acariciando-se com as pontas de suas asas, brincando com provocações divinas.

Então, aproximaram-se mais e mais e, como duas gotas de orvalho rolando sobre

a mesma folha de lírio branco, acabaram por se unirem numa pérola singular.

– Ei-los, felizes para sempre! Suas almas unidas formam um anjo de amor – o barão de Féroë disse num suspiro melancólico. – E eu, quanto tempo ainda terei que esperar?

FIM